



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

BOAS POLÍTICAS E PRÁTICAS
EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE E HIV

CADERNO

8

Respostas do Setor de Educação ao *Bullying* Homofóbico



BOAS POLÍTICAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE E HIV

Caderno 8

**RESPOSTAS DO SETOR DE EDUCAÇÃO
AO *BULLYING* HOMOFÓBICO**

Título original: Education Sector Responses to Homophobic Bullying. Publicado em 2012 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Paris, França.

© UNESCO 2013

Todos os direitos reservados.

Versão em português publicada pelo Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil.

Tradução: Cecile Vossenaar.

Revisão técnica: Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil.

Revisão gramatical e editorial: Unidade de Publicações da Representação da UNESCO no Brasil.

Diagramação: Unidade de Comunicação Visual da Representação da UNESCO no Brasil.

Os autores são responsáveis pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos nesta publicação, bem como pelas opiniões nela expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.

Esclarecimento: a UNESCO mantém, no cerne de suas prioridades, a promoção da igualdade de gênero, em todas suas atividades e ações. Devido à especificidade da língua portuguesa, adotam-se, nesta publicação, os termos no gênero masculino, para facilitar a leitura, considerando as inúmeras menções ao longo do texto. Assim, embora alguns termos sejam grafados no masculino, eles referem-se igualmente ao gênero feminino.

Resposta do Setor de Educação ao *bullying* homofóbico. – Brasília: UNESCO, 2013.
60 p.

ISBN: 978-85-7652-178-5

1. Bullying 2. Homofobia 3. Intolerância 4. Preconceito 5. Política Educacional I. UNESCO

Fotos de capa

Fileira superior, da esquerda para a direita:

© 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch

© 2006 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/H. McDonald

© 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch

© 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/Z. Muhol

Fileira inferior, da esquerda para a direita:

© 2011 BeLonG To Youth Services, Ireland

© P. Pothipun

© 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch

© UNESCO/K. Benjamineepairoj

Créditos de Fotos:

p. 11: © UNESCO/Luís Sardá

p. 13: © 2009 C. Danon-Boileau

p. 16: © UNESCO/Alberto Jonquières

p. 19: © UNESCO/Edson Fogaça

p. 21: © 2003 Niagia Santuah, Courtesy of Photoshare

p. 25: © 2011 BeLonG To Youth Services, Ireland

p. 29: © C. Lyttleton

p. 32: © UNESCO/Edson Fogaça

p. 34: © 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch

p. 37: © 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch

p. 38: © 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch

p. 47: © BeLonG To Youth Services & The Equality Authority Ireland

p. 53: © 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/Z. Muholi

AGRADECIMENTOS

Este caderno foi produzido pelo Setor de Educação em HIV/Aids e Saúde da UNESCO, e escrito originalmente pela consultora Kathy Attawell. A publicação começou a ser preparada por Mark Richmond (diretor aposentado da Divisão de Educação para a Paz e Desenvolvimento Sustentável e coordenador global para HIV/Aids da UNESCO), e foi concluída por Soo Choi Hyang, a atual diretora e coordenadora global.

A publicação não teria sido possível sem a cooperação e assistência de todos aqueles que compartilharam as suas experiências e estudos de caso. A UNESCO gostaria de agradecer particularmente às pessoas e organizações que participaram da Consulta Internacional sobre *Bullying* Homofóbico em Instituições de Ensino, realizada em dezembro de 2011, e que forneceram boa parte dos materiais que serviram de referência para este caderno. Gostaríamos ainda de agradecer ao dr. Peter Gordon, que preparou o documento base para a consulta internacional.

A equipe da UNESCO que coordenou a elaboração desta publicação fez sugestões e comentários, avaliou suas várias versões e teve a participação de Christopher Castle, Dhianaraj Chetty, Christophe Cornu, Adam Kegley, Audrey Kettaneh, Frederica O'Meara, Scott Pulizzi e Justine Sass.

Cabe ainda estender os nossos agradecimentos aos seguintes revisores: Michael Barron (*BeLonG To*), Shari Kessel Schneider (*Education Development Center, Inc*), e Carla Sutherland (*Arcus Foundation*).

SIGLAS

AGH	Alianças Gay-Hétero
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
DST	Doença Sexualmente Transmissível
EFA	Educação para Todos
EUA	Estados Unidos da América
GALA	Associação de <i>Gays</i> e Lésbicas em Ação (África do Sul)
GALE	Aliança Global para Educação LGBT
GLEN	Rede para a Igualdade de <i>Gays</i> e Lésbicas (Irlanda)
GLSEN	Rede de Educação <i>Gay</i> , Lésbica e Heterossexual (EUA)
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IDAHO	Dia Internacional Contra a Homofobia e Transfobia
IGLHRC	Comissão Internacional de Direitos Humanos de <i>Gays</i> e Lésbicas
IGLYO	Organização Internacional de Estudantes e Jovens Lésbicas, <i>Gays</i> e Bissexuais
ILGA	Associação Internacional de Lésbicas e <i>Gays</i>
LGBT	Lésbicas, <i>gays</i> , bissexuais e transgêneros
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
OHCHR	Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/Aids
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

Prefácio	7
1. APRESENTAÇÃO	11
2. CONTEXTO E JUSTIFICATIVA	13
2.1 <i>Bullying</i> nas escolas	13
2.2 <i>Bullying</i> homofóbico	16
2.3 Por que o <i>bullying</i> homofóbico precisa ser enfrentado pelo Setor de Educação	23
3. ENTRANDO EM AÇÃO: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO	25
4. BOAS POLÍTICAS E PRÁTICAS	29
4.1 Políticas públicas	30
4.2 O currículo e sua implementação	39
4.3 Apoio a todos os alunos	45
4.4 Parcerias e compromissos	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
Referências bibliográficas	54
Glossário	59

PREFÁCIO

O *bullying* homofóbico é um problema global. É uma violação dos direitos de alunos e professores que impede a nossa capacidade coletiva de alcançar uma Educação para Todos de boa qualidade. Contudo, até recentemente suas causas e efeitos tinham recebido pouca atenção. Isso se deve em parte a sensibilidades específicas do contexto, mas também à falta de reconhecimento e compreensão do problema. Este caderno de boas políticas e práticas visa permitir que professores, administradores, formuladores de políticas e outros atores da área de educação desenvolvam ações concretas para tornar a educação mais segura para todos.

Reconhecendo que o sistema educacional perpassa as tradicionais salas de aula, afetando lares, comunidades, centros religiosos e outros contextos de aprendizagem, este caderno concentra-se nas práticas educacionais em ambientes formais de aprendizagem. Embora seu público-alvo seja formado por formuladores de políticas, planejadores e profissionais da área de educação, esperamos que as informações sejam igualmente relevantes para outras agências das Nações Unidas, parceiros governamentais e organizações da sociedade civil, servindo de inspiração para abordagens inovadoras de prevenção do *bullying* homofóbico em uma variedade de contextos de aprendizagem.

Este caderno faz parte de uma série de publicações da UNESCO sobre boas políticas e práticas, e marca a primeira de várias contribuições à promoção da saúde no ambiente escolar que serão produzidas pela UNESCO para complementar o nosso trabalho em HIV e educação em sexualidade. Comentários são bem-vindos; esperamos que possam contribuir para o desenvolvimento desta série, compartilhando perspectivas e experiências.

Como educadores, temos a obrigação de fornecer um ambiente seguro a todos os alunos. Convidamos vocês a usar este caderno, compartilhá-lo com seus colegas e parceiros, e transmitir suas próprias experiências. Cabe a todos nós tornar o aprendizado mais seguro, dando um basta imediato ao *bullying* homofóbico.



Qian Tang, Ph.D.
diretor-geral adjunto da
UNESCO para a Educação

Caderno 8

RESPOSTAS DO SETOR DE EDUCAÇÃO AO *BULLYING* HOMOFÓBICO



1. APRESENTAÇÃO

Esta publicação faz parte da série “Boas políticas e práticas” sobre os principais temas abordados pela UNESCO na área de educação, incluindo HIV/Aids e ambientes educacionais saudáveis e seguros para todos os alunos. O caderno sobre *bullying* homofóbico em instituições de ensino tomou como ponto de partida o trabalho da UNESCO sobre gênero, discriminação e violência nas escolas.

O *bullying* homofóbico¹ é um tipo de *bullying* motivado pela orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida da vítima. Este caderno explica por que o *bullying* homofóbico é um assunto importante para a área de educação, e descreve abordagens atuais e possíveis no setor para lidar com o problema. Enfrentar o *bullying* homofóbico pode ser um desafio, especialmente em contextos onde a homossexualidade é um assunto delicado ou é ilegal, tendo alguns países conseguido avançar mais que outros. No entanto, em muitos países já existem políticas e intervenções para prevenir e lidar com o *bullying* em contextos educacionais que podem fornecer um marco para a incorporação de ações de enfrentamento ao *bullying* homofóbico. Existem, ainda, boas práticas que podem ser aplicadas de maneira universal, não importando o contexto nacional.

¹ Por uma questão de simplicidade, o termo *bullying homofóbico* será usado ao longo deste documento para representar o *bullying* motivado por orientação sexual ou identidade de gênero. Embora o *bullying* homofóbico e o transfóbico tenham várias características em comum, os jovens transgêneros enfrentam desafios específicos nas instituições de ensino que exigem estratégias específicas. Este documento apresenta algumas delas.

A educação ajuda os jovens a desenvolver conhecimentos e habilidades e aumenta as oportunidades de vida que terão no futuro. Mas frequentar a escola ou a faculdade não tem a ver só com adquirir conhecimentos, também é importante para o desenvolvimento social e psicológico dos jovens. Assim, é importante oferecer a eles um ambiente seguro e estruturado, com apoio emocional e oportunidades para interagir com seus colegas. O direito à educação foi reconhecido pela primeira vez na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, e foi consagrado no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança e na Convenção da UNESCO contra a Discriminação na Educação. O direito à educação sem discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero foi estabelecida nos Princípios de Yogyakarta.²

Mas a cada dia alunos pelo mundo afora têm o direito básico à educação negado por causa do *bullying* na escola. Muitos pais e educadores encaram o *bullying* na escola como algo “normal”, mas o Relatório das Nações Unidas sobre Violência contra Crianças, de 2006³, mostrou que o *bullying* é um problema educacional sério. O relatório indica que a violência e o *bullying* motivados por orientação sexual e identidade de

² Os Princípios de Yogyakarta, de 2006, afirmam a obrigação primária dos Estados de proteger os direitos humanos, e abordam uma grande variedade de normas e sua aplicação a questões de orientação sexual e identidade de gênero. Ver: INTERNATIONAL COMMISSION OF JURISTS. *Yogyakarta Principles: principles on the application of international human rights law in relation to sexual orientation and gender identity*. 2007. Disponível em: <http://www.yogyakartaprinciples.org/principles_en.pdf>.

³ PINHEIRO, P. S. *World report on violence against children*. Geneva: United Nations Secretary-General's Study on Violence Against Children, 2006. Disponível em: <<http://www.unicef.org/violencestudy/reports.html>>.

gênero são dirigidos a meninas por professores e colegas do sexo masculino, assim como a jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT). Pesquisas mostram que o *bullying* por motivos de orientação sexual e de gênero afeta todos os alunos percebidos como não conformes às normas sexuais e de gênero preponderantes no meio, inclusive lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais. Conhecido como *bullying* homofóbico, esse tipo específico de *bullying* tem graves repercussões na educação, violando o direito à educação e prejudicando o rendimento escolar. O *bullying* homofóbico ocorre em todos os países, independentemente de crenças ou culturas. A discriminação baseada em orientação sexual e identidade de gênero real ou percebida é tão inaceitável quanto a discriminação baseada em raça, sexo, cor, deficiência ou religião. Todos os alunos têm o mesmo direito de acesso a uma educação de qualidade em um ambiente escolar seguro.

Este caderno reflete o reconhecimento crescente de que o *bullying* homofóbico em instituições de ensino é um problema global que afeta todos os alunos. O documento foi construído com base nas evidências e experiências apresentadas na primeira consulta pública das Nações Unidas sobre *bullying* homofóbico em instituições de ensino, convocada pela UNESCO no Brasil, em dezembro de 2011. A consulta reuniu representantes de Ministérios da Educação, agências da ONU, ONGs e setor acadêmico de mais de 25 países.⁴ Os participantes emitiram uma declaração conjunta, fazendo um apelo aos governos para que assegurem o acesso universal à educação de qualidade, eliminando a prevalência devastadora e inaceitável do *bullying* homofóbico em instituições de ensino no mundo inteiro.⁵

Esse apelo foi reforçado pela declaração sobre o Fim da Violência e Discriminação baseadas em Orientação Sexual e Identidade de Gênero feita pelo secretário-geral da ONU em resposta ao relatório⁶ preparado pelo alto comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos.^{7,8} O secretário-geral descreveu o *bullying* homofóbico como “uma afronta moral, uma grave violação dos direitos humanos” e instou

4 A lista completa das organizações representadas na Consulta está disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/hiv-and-aids/our-priorities-in-hiv/gender-equality/anti-bullying/anti-bullying-participants/>>.

5 UNESCO. *UNESCO leads a landmark on anti bullying initiative*. 2011. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/hiv-and-aids/singleview/news/unesco_leads_a_landmark_anti_bullying_initiative/>.

6 O Conselho de Direitos Humanos expressou uma “forte preocupação em relação a atos de violência e discriminação, em todas as regiões do mundo, cometidos contra pessoas por causa de sua orientação sexual e identidade de gênero”, tendo solicitado ao alto comissário que fizesse a referida revisão. Assembleia Geral da ONU (2011), *Conselho de Direitos Humanos, Sessão do Conselho XVII: Seguimento e implementação da Declaração e do Programa de Ação de Viena*. Disponível em: <http://www.dayagainsthomophobia.org/IMG/pdf/UN_SOGI_Resolution-English.pdf>.

7 OHCHR. *Discriminatory Laws and Practices and Acts of Violence against Individuals Based on their Sexual Orientation and Gender Identity*. 2011. Disponível em: <http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/19session/a_hrc.19.41_english.pdf>.

8 O alto comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos enfatizou que a homofobia deve ser considerada equivalente a racismo, sexismo ou xenofobia.

os países a “tomar as medidas necessárias para proteger as pessoas – todas as pessoas – da violência e da discriminação, inclusive por motivos de orientação sexual e identidade de gênero”.^{9,10}

Ao destacar a escala e as consequências do *bullying* homofóbico, este caderno visa incentivar ações combinadas e compartilhar boas abordagens para a elaboração de políticas públicas e programas. Lidar com a questão requer intervenções nos níveis primário, secundário e superior do sistema educacional; assim, o caderno apresenta exemplos para os três níveis. Em países onde a orientação sexual e a identidade de gênero são questões delicadas, as instituições de ensino superior possivelmente são o melhor lugar para começar. Em contextos menos desafiadores é mais viável trabalhar em escolas primárias e secundárias, e boa parte das iniciativas tem se concentrado nesses níveis do sistema educacional. Contudo, é igualmente importante enfrentar o *bullying* homofóbico em instituições de ensino superior, onde os alunos também correm perigo. Este caderno procurou enfatizar a prevenção, já que oferecer um ambiente seguro de aprendizagem é fundamental para obter um bom rendimento escolar.

Embora o caderno tenha sido projetado para um público constituído, sobretudo, por formuladores de políticas públicas, planejadores e profissionais da área de educação, esperamos que possa também interessar e agregar valor a doadores, agências da ONU e outros que trabalham com questões de educação, sexualidade, gênero e juventude. O restante do caderno foi organizado da seguinte maneira:

- A seção 2 fornece a justificativa para que o *bullying* homofóbico seja abordado pela área de saúde, oferecendo um panorama geral das características, extensão e consequências do *bullying* homofóbico nas instituições de ensino.
- A seção 3 oferece um guia prático, com sugestões de atividades que os países podem adaptar àquilo que for possível fazer nos seus contextos específicos.
- A seção 4 delinea estratégias de prevenção e enfrentamento do *bullying* homofóbico em instituições de ensino, destacando exemplos de boas políticas e práticas, assim como achados de pesquisas, intervenções inovadoras e lições aprendidas.¹¹
- A seção 5 apresenta os comentários finais.

9 Secretário-geral da ONU Ban Ki-moon, 8 de dezembro de 2011. Disponível em: <<http://www.un.org/sg/statements/?nid=5747>>.

10 Entre outras mensagens relevantes está a mensagem de vídeo do secretário-geral para a Reunião do Conselho de Direitos Humanos sobre Violência e Discriminação baseada em Orientação Sexual e Identidade de Gênero (março de 2012), disponível em: <<http://www.un.org/sg/statements/index.asp?nid=5900>>, e o discurso de abertura do secretário-geral na Cúpula da União Africana (janeiro de 2012), disponível em: <<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=41073>>.

11 Há materiais de apoio disponíveis no site *HIV and AIDS Education Clearinghouse* da UNESCO disponível em: <http://hivaidsclearinghouse.unesco.org/search/format_liste.php?Chp11=Homophobic%20bullying%20in%20educational%20institutions&lang=en>.



2. CONTEXTO E JUSTIFICATIVA

2.1 *Bullying* nas escolas

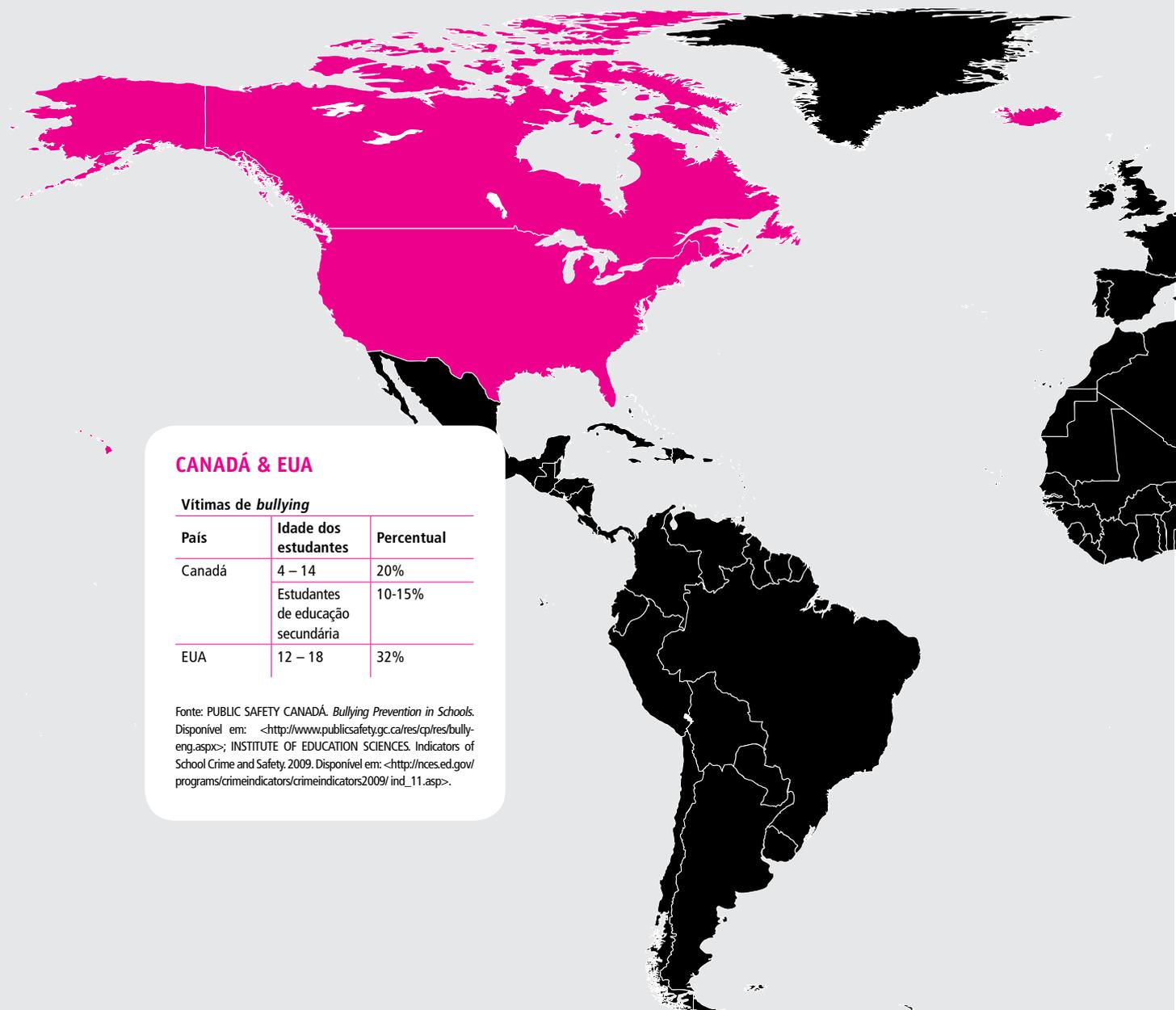
O *bullying* em instituições de ensino é um assunto sério, que traz efeitos adversos para a saúde e o bem-estar de alunos e torna os ambientes educacionais inseguros (ver a Caixa 1). A intenção do *bullying* é provocar dor ou medo; é sistemático e repetido ao longo do tempo, e envolve um desequilíbrio de poder. Embora o *bullying* às vezes envolva violência física, existe uma diferença entre violência que deve ser tratada como um crime e violência que precisa ser abordada pelas autoridades educacionais. Por exemplo, se um aluno for atacado com uma faca o caso deve ser investigado pela polícia, já se for empurrado, chutado ou envolvido em uma briga, o caso deve ser resolvido pelas autoridades educacionais.

O *bullying* é comum em todos os lugares do mundo (ver a Figura 1, na próxima página). Embora existam variações na maneira como as pesquisas da área definem o termo *bullying*, elas mostram consistentemente que boa parte da população jovem está envolvida, seja como vítima, como agressor ou como ambos.

Caixa 1: O que é *bullying*?

O *bullying* pode tomar várias formas, como rir de alguém, provocar, usar apelidos pejorativos, manipulação psicológica, violência física ou exclusão social. Um agressor pode operar sozinho ou com um grupo de colegas. O *bullying* pode ser direto, como quando uma criança exige o dinheiro ou as coisas de outra criança, ou indireto, quando um grupo de alunos espalha boatos sobre outro. O *cyberbullying* é uma forma de assédio que ocorre por *e-mail*, celular, mensagens de texto ou *sites* difamatórios. Crianças podem ser mais vulneráveis ao *bullying* quando convivem com deficiências, expressam uma preferência sexual diferente da norma, ou vêm de uma minoria étnica ou cultural, ou de um determinado meio socioeconômico. Tanto agressores quanto suas vítimas terminam por ter dificuldades interpessoais e queda no rendimento escolar. Alunos que são vítimas de *bullying* têm uma maior propensão a sofrer de depressão, solidão, ansiedade ou baixa autoestima que seus colegas. Os agredidos com frequência agem de maneira agressiva por frustração, humilhação e raiva, ou por serem socialmente ridicularizados.

Fonte: UNESCO, *Stopping Violence in Schools: A Guide for Teachers*. Paris, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001841/184162e.pdf>>.

Figura 1: *Bullying* nas escolas – um problema global

EUROPA

Vítimas recentes de bullying

Idade dos estudantes	País	Percentual
11	Suécia	4%
	Turquia	33%
13	Suécia	4%
	Lituânia	29%
15	Islândia	3%
	Hungria	3%
	Bulgária	23%

Fonte: CURRIE, C. et al. (Eds.), *Inequalities in young people's health: Health Behaviour in School-aged Children international report from the 2005/2006 survey*. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2006.

ÁSIA-PACÍFICO

	País	Percentual	
Estudantes que sofreram bullying no último mês	Filipinas	65%	
Estudantes que sofreram violência de outras crianças	Mongólia	27%	
Estudantes que presenciaram bullying na escola	Laos	98%	
Estudantes identificados como:	Agressores	China	2%
	Agressores e vítimas		1.5%
	Vítimas		>13%
Estudantes que admitiram ter cometido bullying ao menos uma vez no último ano	Bangladesh	30%	

Fonte: PINHEIRO, P. S. *World report on violence against children*. Geneva: United Nations Secretary-General's Study on Violence Against Children, 2006. Disponível em: <<http://www.unicef.org/violencestudy/reports.html>>.

ÁFRICA

Tipos variados de bullying

País	Percentual
Quênia: escolas públicas de Nairobi	63-82%

Sofreram bullying uma ou duas vezes no último mês

África do Sul	>50%
---------------	------

Fonte: JONES, N. et al. *Painful lessons: the politics of preventing sexual violence and bullying at school*. London: Plan/Overseas Development Institute, 2008. (Working papers; 295).

2.2 Bullying homofóbico

Embora todos os alunos possam ser afetados pelo *bullying*, os alvos mais prováveis são aqueles percebidos como diferentes da maioria (ver a Caixa 2). Aqueles cuja sexualidade é vista como diferente, ou cuja identidade de gênero ou comportamento difere do seu sexo biológico, são particularmente vulneráveis. O *bullying* com base em orientação sexual e identidade de gênero percebidas é um tipo específico de *bullying* definido como *bullying* homofóbico.¹² Escolas possivelmente estão entre os espaços sociais mais homofóbicos que existem. Estudos feitos em uma série de países mostram que os jovens têm maior probabilidade de sofrer *bullying* homofóbico na escola que em casa ou na comunidade.^{13,14,15} O *bullying* homofóbico não afeta apenas alunos gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros ou intersexuais. Um estudo do Canadá encontrou um número muito maior de alunos que relatou ser alvo de *bullying* homofóbico que o número que efetivamente se identificou como LGBT.¹⁶ Conforme disse um estudante da Nova Zelândia, “Me chamavam de *gay* por que era menino e escrevia poesia.”¹⁷

Natureza e extensão do *bullying* homofóbico nas instituições de ensino

O *bullying* homofóbico pode tomar várias formas, como zombar de alguém, xingar, ridicularizar em público, fazer fofoca, intimidar, empurrar, bater, roubar ou estragar os pertences de alguém, e praticar isolamento social, *cyberbullying*, agressão física ou sexual e ameaças de morte.¹⁸

Um estudo realizado pela organização *Stonewall* mostrou que o *bullying* homofóbico é a forma mais comum de *bullying* no Reino Unido.¹⁹ Em Israel, constatou-se que os comentários homofóbicos são frequentes e costumam ocorrer nos corredores e nas salas, entre uma aula e outra. Os rapazes relataram ser alvo desse tipo de insulto mais

que as moças, especialmente no ginásio ou no campo desportivo. Na China, o termo *cissy boy*²⁰ é usado por alunos e professores para humilhar meninos considerados deficientes em características masculinas.

As seguintes citações, obtidas de uma pesquisa realizada em 37 países da Europa²¹ e de um estudo na Austrália,²² destacam experiências individuais de *bullying* homofóbico em instituições de ensino, e a falta de apoio das autoridades escolares.

20 No Brasil, similar a “maricas”, “fruta”, “bicha” ou “bichinha”.

21 TAKACS J, *Social exclusion of young lesbian, gay, bisexual and transgender people in Europe*. Brussels: ILGA-Europe and IGLYO, 2006.

22 HILLIER, A; TURNER, A.; MITCHELL, A, *Writing themselves in again: 6 years on. The 2nd national report on the sexual health & well-being of same sex attracted young people in Australia*. Melbourne: Australian Research Centre in Sex, Health and Society (ARCSHS), La Trobe University, 2005.



12 Por uma questão de simplicidade, o termo *bullying* homofóbico inclui a transfobia, e será usado ao longo deste documento para representar o *bullying* motivado por orientação sexual ou identidade de gênero.

13 TAKACS J, *Social exclusion of young lesbian, gay, bisexual and transgender people in Europe*. Brussels: ILGA-Europe and IGLYO, 2006.

14 HILLIER et al. *Writing themselves in 3: the third national study on the sexual health and well-being of same sex attracted and gender questioning young people*, Melbourne: Australian Research Centre in Sex, Health and Society (ARCSHS), La Trobe University, 2010.

15 Muitos desses estudos são pesquisas sobre o ambiente escolar, o que por si já inclui um viés.

16 STOP BULLYING CANADA. Disponível em: <<http://stopbullyingcanada.wordpress.com/statistic/>>.

17 NEW ZEALAND AIDS FOUNDATION, OUT THERE, RAINBOW YOUTH. *Safety in our Schools: an action kit for Aotearoa New Zealand schools to address sexual orientation prejudice*, Wellington: 2004. OUT THERE; NAIRN, K.; SMITH, A. B. Taking Students Seriously: their rights to be safe at school. *Gender and Education*, v. 15, n. 2, 2003.

18 JENNETT, M, *Stand up for us, challenging homophobia in schools*. UK: Department of Health, 2004.

19 STONEWALL, *The Teachers' Report*, 2009. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4003.asp>.

“Muitas... risadinhas quando a gente passa, palavras escritas nas nossas carteiras, coisas ditas pelas costas”. França

“Sobretudo agressão verbal; excluem a gente das atividades, ignoram... já jogaram coisas em mim, cuspiram em mim, estragaram minhas coisas”. Hungria

“Xingam a gente; estão sempre chutando as pernas da gente pelas costas quando a gente tenta ir embora... jogam a gente contra a parede e ameaçam”. Austrália

“Violência física só tive uma vez — mas violência verbal, todo dia”. Eslováquia

“Roubaram a minha carteira e cortaram ela toda porque pensavam que eu era gay”. Portugal

“Me empurraram pela escada e me jogaram contra a parede no colégio” Austrália

“Na escola eu era constantemente assediado e agredido por outros meninos”. Portugal

“Tem um cara que pegam no pé dele o tempo todo porque acham que ele é gay — chamam ele de gay e jogam coisas nele”. Nova Zelândia

“Eu fui chutado, socado e agredido fisicamente por várias pessoas ao mesmo tempo... Os professores e a enfermeira da escola ficaram sabendo do que estava acontecendo, mas ninguém fez nada pra que eles parassem”. Suécia

“Eu sofri insultos homofóbicos durante todo o ensino médio²³... Poderia ter falado a respeito com o diretor ou com os professores, mas como eles já sabiam da situação e não tinham feito nada a respeito, eu não podia esperar nada deles”. França

23 A educação básica no Brasil compreende a educação infantil até os 5 anos; o ensino fundamental dos 6 aos 14 anos; e o ensino médio dos 15 aos 17 anos. A UNESCO considera os seguintes níveis educacionais: a educação infantil (de 0 a 6 anos), a educação primária (de 7 a 11 anos), educação secundária (de 12 anos até atingir a educação superior, subdividida por *Lower Secondary Education*, dos 12 aos 15 anos, e *Upper Secondary Education*, dos 16 aos 18 anos) e educação superior (estágio seguinte ao da educação secundária independente da duração do curso).

Em uma pesquisa realizada pela ONG BeLonG To, jovens lésbicas Irlandesas descreveram sua experiência com bullying homofóbico. Uma delas relatou: “Já fui vítima de bullying homofóbico em várias ocasiões, dentro e fora da escola. Fui atacada fisicamente três vezes nos últimos cinco anos. Fui agredida verbalmente por causa da minha sexualidade por uma professora e por alunos. Também já vi outras pessoas sofrendo bullying homofóbico. Na escola, as pessoas que são vistas como homossexuais são chamadas de ‘sapatas’²⁴ o tempo todo, e também xingam as minhas amigas. Isso teve um impacto tremendo na minha vida, a ponto de saber que não podia continuar vivendo em um país que aceitava esse tipo de comportamento, e houve um ponto em que pensei em me suicidar. Nunca apresentei queixa, até mesmo quando me agrediram fisicamente, porque eu não acreditava que fossem fazer algo a respeito. O fato de ter uma rede de apoio, pertencer ao grupo jovem do BeLonG To, estar com pessoas que entendem, e saber que não sou a única sofrendo bullying homofóbico tem me ajudado”.

Outras relataram experiências semelhantes. “Já gritaram coisas como ‘sapatão’ e ‘mulher-macho’ pra mim na rua e na escola, e já me encostaram na parede. Também vi outras pessoas sendo atacadas e agredidas verbalmente. O bullying me fazia sentir horrível, deprimida e me detestando. Acabei fazendo três anos de terapia. Anos depois eu prestei queixa do bullying para a administração da escola e os agressores foram punidos. Meus amigos me apoiaram e os professores foram fantásticos. Também fui acompanhada pelo orientador escolar”.

Outras alunas entrevistadas disseram que o bullying homofóbico “me fez ficar ansiosa pra mudar de escola... também me fez perder bastante aula, porque eu simplesmente não queria entrar na escola” e “eu costumava matar aula, me trancava no banheiro da escola e me automutilava. Eu sentia que ninguém queria estar comigo”.

24 Termo depreciativo para indicar mulheres lésbicas ou com características consideradas masculinas.

O *cyberbullying* vem aumentando em países com sistemas de comunicação avançados, e jovens que são vistos como diferentes da maioria correm maior perigo, quer sofram outras formas de *bullying* ou não. Um estudo realizado nos EUA mostrou que quase 60% das vítimas de *cyberbullying* também são alvo de *bullying* escolar, e que embora as meninas sofram *cyberbullying* com uma frequência levemente maior que os meninos, a grande diferença está entre os jovens identificados como não heterossexuais, 33% dos quais são alvo de *cyberbullying*, contra 15% dos jovens identificados como heterossexuais.²⁵ O estudo também mostrou que, embora o *bullying* escolar diminua em quase 50% entre os 14 e os 18 anos de idade, o *cyberbullying* só cai de 17% para 13%. O *cyberbullying* difere dos outros tipos de *bullying* por permitir que o agressor permaneça no anonimato. Além disso, a ausência de contato presencial pode reduzir o senso de responsabilidade dos agressores e dar a eles a sensação de que não vão precisar enfrentar as consequências dos seus atos.²⁶

Os autores de *bullying* homofóbico costumam ser alunos, mas em alguns casos também podem ser professores ou outros funcionários. Uma pesquisa realizada pela organização Helem²⁷ em cinco universidades do Líbano constatou que alunos tinham sofrido *bullying* homofóbico de colegas e funcionários, incluindo assédio, chantagem e privação de direitos acadêmicos. Um estudante ouviu do professor universitário “Não posso aceitá-lo na minha aula”, após o quê foi isolado pelos outros alunos.

O *bullying* pode ser exercido por indivíduos ou por grupos, de maior ou menor tamanho. Os rapazes são autores de *bullying* com mais frequência que as moças.²⁸ O *bullying* também afeta outros alunos além do autor e da vítima, como aqueles que o presenciaram ou testemunham. Em um estudo de Israel, por exemplo, metade dos entrevistados que tinham sofrido *bullying* homofóbico disseram que os outros alunos não tinham intervindo ou que tinham ignorado a agressão, enquanto alguns tinham colaborado com os autores.

25 SCHNEIDER, Kessel et al, Cyberbullying, School Bullying, and Psychological Distress: A Regional Census of High School Students. *American Journal of Public Health*, v. 102, n. 1, p.171-177, 2012.

26 JUVONEN, J.; GROSS, E. F, Extending the school grounds? - Bullying experiences in cyberspace. *J Sch Health*. 78(9): 496-505.

27 HELEM. Disponível em: <<http://www.helem.net/>>.

28 KIMMEL, M.; ARANSON, A, *Men and Masculinities*: A Social, Cultural, and Historical Encyclopedia. California: ABC-CLIO, 2003.

Caixa 2: Dados disponíveis sobre *bullying* homofóbico nas escolas²⁹

Embora o número de países que tenha dados disponíveis sobre *bullying* homofóbico em instituições de ensino seja pequeno, evidências de todas as regiões do mundo sugerem que a magnitude do problema seja considerável.

- A porcentagem de alunos LGBT que reportaram *bullying* homofóbico é alta no Chile (68%), na Guatemala (53%), no México (61%) e no Peru (66%).³⁰ No Brasil, mais de 40% dos homens *gays* relataram ter sido agredidos fisicamente enquanto estavam na escola.³¹
- Na África do Sul, lésbicas e *gays* informaram ter sido vítimas de agressão verbal, sexual e física na escola principalmente por parte de outros alunos, mas também de professores e diretores escolares.³² Em um levantamento feito entre pessoas que tinham deixado a escola, 68% dos *gays* e 42% das lésbicas relataram ter sido alvo de discurso de ódio na escola, e 10% disseram ter sofrido violência sexual.³³ Uma pesquisa feita com alunos do 11º ano de uma escola privada de Joanesburgo encontrou níveis elevados de *bullying* verbal, incluindo apelidos pejorativos, comentários cruéis e *bullying* indireto por meio de fofocas e isolamento social, com uma maior probabilidade de que tanto os agressores quanto as vítimas fossem homens.
- Na Irlanda, 58% dos alunos relataram a existência de *bullying* homofóbico nas escolas, 34% relataram comentários homofóbicos feitos por professores e outros funcionários, e 25% informaram ter sido ameaçados por colegas.³⁴ Em outro estudo, mais de 50% das pessoas LGBT relataram ter sido alvo de *bullying* homofóbico na escola.³⁵
- No Reino Unido, 90% dos professores secundários e mais de 40% dos professores primários relataram a existência de *bullying* homofóbico, palavrões ou assédio em suas escolas. Os professores secundários identificaram o *bullying* homofóbico como a segunda forma mais frequente de *bullying*, atrás

29 De modo geral, as informações sobre *bullying* homofóbico não são recolhidas pelas ferramentas de coleta de dados, nem sistematicamente coletadas pela área de educação. A coleta, quando realizada, é feita por pesquisadores e defensores particularmente interessados no assunto. Os dados citados não se prestam a comparações entre países ou extrapolações em nível nacional, já que as proporções são calculadas entre os entrevistados, o que pode resultar em um viés de pesquisa. Além disso, os dados foram obtidos de diferentes amostras, colhidas por diferentes ferramentas de coleta de dados.

30 CACERES et al., Relatório final: *Estudio a través de Internet sobre "Bullying", y sus manifestaciones homofóbicas en escuelas de Chile, Guatemala, México y Perú, y su impacto en la salud de jóvenes varones entre 18 y 24 años*. 2011.

31 UNESCO, *Homophobia in schools*. Brasília: UNESCO, 2009, Disponível em: <http://www.ypinaction.org/files/01/94/Homophobia_in_schools.pdf>.

32 GAY AND LESBIAN NETWORK, *Homophobia in schools in Pietermaritzburg*. Pietermaritzburg: Gay and Lesbian Network, 2011.

33 BEHIND THE MASK, Disponível em: <<http://www.mask.org.za/homophobia-at-schools/>>.

34 MAYOCK, P. et al. *Supporting LGBT lives: A study of the mental health and well-being of lesbian, gay, bisexual and transgender people*, Ireland: BeLonG To & GLEN, 2009.

35 MINTON et al, An exploratory survey of the experiences of homophobic bullying among lesbian, gay, bisexual and transgendered young people in Ireland, *Irish Educational Studies*, v. 27, n. 2, p. 177-191, 2008.

apenas de humilhações por motivos de peso.³⁶ Um levantamento feito com jovens lésbicas, gays e bissexuais descobriu que 65% já tinham sido alvo de *bullying*, incluindo agressão verbal e física, e ameaças de morte.³⁷ Em outro estudo, 80% dos entrevistados informaram ter sido xingados, e 55% foram alvo de fofoca.³⁸ Uma pesquisa feita em 300 escolas da Inglaterra e do País de Gales, em 2002, pelo Departamento de Educação, mostrou que 82% dos professores sabiam de incidentes de *bullying* homofóbico com agressão verbal, e 26% com agressão física. A pior situação foi encontrada em escolas religiosas, onde 75% dos jovens gays já foram alvo direto de *bullying* homofóbico, em comparação com 65% nas escolas como um todo. Nessas escolas, 47% dos entrevistados informaram não concordar que suas escolas sejam lugares tolerantes onde se sintam aceitos e acolhidos, comparado com 35% no geral.³⁹

- Uma pesquisa realizada na Bélgica com jovens lésbicas, gays e bissexuais que frequentaram a escola nos três anos precedentes revelou que 48% tinham sido provocados e ridicularizados, 39% xingados, 36% socialmente isolados e 21% intimidados. Dados similares foram reportados na França,⁴⁰ Hungria,⁴¹ nos Países Baixos⁴² e na Espanha.⁴³ Nos Países Baixos, 35% dos alunos declararam nunca ou raramente se sentirem seguros na escola, em comparação com 6% dos alunos em geral. Em Israel, 38% de estudantes lésbicas, gays e bissexuais relataram agressão verbal na escola, e 8% agressão física.⁴⁴
- Nos EUA, mais de 84% dos jovens alunos gays, lésbicas e bissexuais tinham sido xingados ou ameaçados na escola, 40% empurrados ou cutucados, e 18% agredidos fisicamente.⁴⁵ Mais de 90% dos alunos transexuais relataram comentários depreciativos; mais da metade tinha sofrido violência física, e dois terços disseram sentir-se inseguros na escola.⁴⁶ Em



outro estudo, 57% dos entrevistados reportaram comentários homofóbicos por parte de funcionários da escola.⁴⁷ Um estudo feito em escolas primárias concluiu que o *bullying* é comum nas escolas, especialmente contra alunos não conformes às normas de gênero.⁴⁸ No Canadá, mais de 50% dos alunos gays, lésbicas e bissexuais e 75% dos alunos transgêneros relataram assédio verbal; 10% relataram ouvir comentários homofóbicos de professores regularmente.⁴⁹

- Um estudo realizado na Índia e em Bangladesh concluiu que 50% dos homens homossexuais tinham sido assediados por alunos ou professores na escola ou na faculdade.⁵⁰ No Japão, 83% dos homens gays e bissexuais entrevistados tinham sofrido assédio homofóbico na escola.⁵¹ Em Hong Kong, 42% dos estudantes LGBT relataram ter sofrido abuso verbal, e 40% isolamento social na escola.⁵² Em um estudo nacional sobre pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo sexo feito na Austrália, 61% relataram agressão verbal, 18% agressão física, 69% outras formas de *bullying* homofóbico, inclusive exclusão social, e 80% disseram que o mais provável é que o *bullying* ocorresse na escola.⁵³ Em um levantamento feito entre jovens gays e lésbicas em escolas da Nova Zelândia, 76% e 64%, respectivamente, relataram *bullying* verbal.⁵⁴

36 STONEWALL, *The Teachers' Report*. 2009. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4003.asp>.

37 STONEWALL, *The School Report*. 2007. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4004.asp>.

38 WARWICK, I.; DOUGLAS N. *Safe for all, a best practice guide to prevent homophobic bullying in secondary schools*. Education Policy Research Unit, Institute of Education, University of London, 2001.

39 STONEWALL. *Working with faith communities*. Stonewall education guide. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/5761.asp>.

40 REBEYROL, A et al. *2008 Rapport sur la prévention des discriminations à raison de l'orientation sexuelle en milieu scolaire*. Paris: ministre de l'Éducation nationale, 2010.

41 BÉRES-DEÁK, R.; RÉDAI, D. *Images of Hungarian teenagers about homosexuals - experiences of a school project*. 2011. Disponível em: <<http://www.sociologija.si/wp-content/uploads/2011/04/Abstrakti.pdf>>.

42 DANKMEIJER, P. *Gerapporteerde onveiligheid door homojongeren vergeleken met heterojongeren*. Amsterdam: Empowerment Lifestyle Services, 2001. Disponível em: <http://www.edudivers.nl/doc/peters_publicaties/Dankmeijer%20%27Gerapporteerde%20onveiligheid%20door%20homojongeren%20vergeleken%20met%20heterojongeren%27%20282001%29.pdf>.

43 GALAN et al. *Achieving real equality: a work in progress for LGBT youth in Spain*. *Journal of LGBT Youth*. v. 6, n. 2, p. 272-287, 2009.

44 PIZMONY-LEVY et al. *Do my teachers care I'm gay? Israeli lesbian/gay school learners' experiences at their schools*. *Journal of LGBT Youth*, v. 5, n. 2, p.33-61, 2008.

45 GLESEN, *National school climate survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nation's schools*. New York: GLESEN, 2009.

46 GREYTAK, E. et al. *Harsh realities: the experiences of transgender youth in our nation's schools*. New York: GLESEN, 2009.

47 McFARLAND, W. *The legal duty to protect gay and lesbian learners from violence in school*. *Professional School Counseling*, v. 4, n. 3, p. 171-180, 2001.

48 GLESEN AND HARRIS INTERACTIVE, *Playgrounds and Prejudice: elementary school climate in the United States, a survey of students and teachers*. New York: GLESEN, 2012.

49 TAYLOR et al. *Every class in every school: the first national climate survey on homophobia, biphobia and transphobia in Canadian schools; final report*. Toronto: Egale Canada Human Rights Trust, 2011.

50 BONDYOPADHYAY, A.; KHAN, S.; MULJI, K. *From the front line: a report of a study into the impact of social, legal and judicial impediments to sexual health promotion, care and support for males who have sex with males in Bangladesh and India*. Naz Foundation International, 2005.

51 GAYJAPANNEWS, GLOBAL RIGHTS et al. *The violations of the rights of lesbian, gay, bisexual and transgender persons in Japan: a shadow report submitted to the Human Rights Committee, 2008*. Disponível em: <<http://www.iglhr.org/binary-data/ATTACHMENT/file/000/000/159-1.pdf>>.

52 FRIDAE, 2010. Disponível em: <<http://www.fridae.asia/newsfeatures/2010/08/13/10223.hong-kong-ngo-fights-homophobia-in-schools>>.

53 HILLIER et al. *Writing themselves in 3: the third national study on the sexual health and well-being of same sex attracted and gender questioning young people*. Melbourne: Australian Research Centre in Sex, Health and Society (ARCSHS), La Trobe University, 2010.

54 HENDRICKSON, M. *You have to be strong to be gay: bullying and educational attainment in LGB New Zealanders*. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, v. 19, n. 3/4, p. 67-85, 2007. Disponível em: <<http://www.youth-suicide.com/gay-bisexual/news/austra.htm#New-Zealand>>.

Consequências educacionais do *bullying* homofóbico

*“A violência física e outras formas de tratamento abusivo e humilhante não somente constituem uma violação dos direitos da criança; são também altamente contraproduzíveis para a aprendizagem”.*⁵⁵

A homofobia e o *bullying* homofóbico minam as oportunidades educacionais e de aprendizagem. Houve relatos de casos em Bangladesh, Índia, Nepal e América Latina em que lésbicas, *gays*, bissexuais ou transgêneros tiveram o acesso à escola negado.⁵⁶ O acesso à escola é um problema que afeta particularmente os alunos transgêneros, já que coisas como a política do uniforme escolar e as instalações sanitárias são binárias, e não acomodam esses alunos.

No Nepal, um estudante transgênero de 13 anos de idade chegou recentemente na Blue Diamond Society⁵⁷ após ter sido forçado a abandonar a escola de sua aldeia devido ao assédio contínuo. O aluno pediu ajuda para continuar sua educação. Após ter sido defendido pela Blue Diamond, o aluno conseguiu começar a 7ª série como um estudante abertamente transgênero na escola Durbar High School, em Katmandu.

Fonte: Times of India, 2011 – A mais antiga escola do Nepal inicia revolução sexual.

Evidências claras obtidas em muitos países mostram que a exposição ao *bullying* homofóbico provoca:

- Redução da frequência escolar
- Abandono escolar precoce
- Queda de desempenho e rendimento acadêmico

O *bullying* homofóbico, particularmente quando os alunos são intimidados, ridicularizados em público e roubados, está fortemente associado à evasão escolar. Em alguns casos, os alunos faltam às aulas ou fingem estar doentes para não ter que admitir a perda de livros, equipamentos ou dever de casa.

⁵⁵ UNESCO; UNICEF. *A human rights-based approach to Education for All*. Paris: UNESCO, UNICEF, 2007.

⁵⁶ JOLLY, S. *Poverty and sexuality: what are the connections? Overview and literature review*. Stockholm: SIDA, 2010.

⁵⁷ Fundada em 2001, a *Blue Diamond Society* é uma ONG do Nepal que trabalha em nível nacional e com comunidades de Katmandu para melhorar a saúde sexual, os direitos humanos e o bem-estar das minorias sexuais e de gênero no Nepal. Disponível em: <<http://www.bds.org.np/aboutus.html>>.

“Às vezes eu ficava em casa fingindo que estava doente pra não precisar ir pra escola, e ficava realmente doente só de pensar em ir pra escola”. Nova Zelândia⁵⁸

Quase um em cada três estudantes lésbicas, *gays*, bissexuais e transexuais nos EUA relataram “matar aula”⁵⁹ regularmente por não se sentirem seguros ou à vontade. Uma proporção semelhante de alunos relatou ter perdido ao menos um dia de aula no último mês. Esses alunos apresentaram uma probabilidade três vezes maior de ter faltado aulas do que a população geral de alunos do ensino secundário.⁶⁰ O elevado nível de assédio de alunos transgêneros está associado ao aumento da evasão escolar, à diminuição das aspirações educacionais e à redução do desempenho acadêmico. Quase a metade dos alunos transgêneros perdem aulas por sentimentos de insegurança ou desconforto, e quase um em cada seis enfrentam um assédio tão grave que são forçados a sair da escola.⁶¹ No Reino Unido, sete em cada dez estudantes lésbicas, *gays* e bissexuais que sofreram *bullying* homofóbico informaram que isso teve um impacto negativo sobre seu desempenho escolar; 50% deles faltaram à escola e 20% faltaram mais que seis vezes.⁶²

Em alguns casos, o *bullying* homofóbico força os alunos a abandonar a escola por completo.⁶³ Por exemplo, um estudo realizado nos EUA mostrou que 28% dos *gays* e lésbicas que sofreram assédio homofóbico tinham abandonado a escola precocemente.⁶⁴ Uma pesquisa encomendada pelo Ministério da Educação da Irlanda do Norte mostrou que 19% dos jovens que foram vítimas de *bullying* na escola devido à sua orientação sexual obtiveram resultados abaixo do esperado, e 10% deixaram a escola mais cedo do que teriam desejado.⁶⁵ Outra pesquisa feita na Irlanda obteve resultados semelhantes; aproximadamente um em cada dez alunos que foram alvo de *bullying* homofóbico deixaram a escola cedo.⁶⁶ Um estudo

⁵⁸ NEW ZEALAND AIDS FOUNDATION; OUT THERE; RAINBOW YOUTH. *Safety in our Schools, an action kit for Aotearoa New Zealand schools to address sexual orientation prejudice*. Wellington: OutThere, 2004.

⁵⁹ Gíria utilizada no Brasil para designar o não comparecimento intencional à aula.

⁶⁰ GLSEN. *National school climate survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nation's schools*. New York: GLSEN, 2009.

⁶¹ GREYTAK, E. et al. *Harsh realities: the experiences of transgender youth in our nation's schools*. New York: GLSEN, 2009.

⁶² STONEWALL. *The School Report*. 2007. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4004.asp>.

⁶³ JOLLY, S. *Poverty and sexuality: what are the connections? Overview and literature review*. Stockholm: SIDA, 2010.

⁶⁴ TELLJOHANN, S. K.; PRICE, J. H. A Qualitative Examination of Adolescent Homosexuals' Life Experiences: ramifications for school personnel. *Journal of Homosexuality*, v. 26, n. 1, p. 41-56, 1993.

⁶⁵ CAROLAN, F.; REDMOND, S. The needs of young people in Northern Ireland who identify as lesbian, gay, bisexual and/or transgender (LGBT). Belfast: Youthnet, 2003. See also IRELAND. Government of Ireland. *Charting Our Education Future*. Dublin: Government Publications, 1995.

⁶⁶ MINTON, Dahl et al. An exploratory survey of the experience of homophobic bullying among lesbian, gay, bisexual, transgendered youth people in Ireland. *Irish Educational Studies*, v. 27, n. 2, p. 177-191, 2008.

de 2007 do *School Mates Project* salientou os efeitos negativos do *bullying* homofóbico na Áustria, na Itália, na Espanha, na Polônia e no Reino Unido, que incluem altas taxas de evasão escolar e baixas taxas de ingresso no ensino superior. Em um estudo de 2006⁶⁷ realizado na França, 8% dos entrevistados relataram ter abandonado a escola em consequência do *bullying* homofóbico.

Na Argentina, alunos transgêneros relataram ter parado de estudar por sofrerem *bullying* homofóbico de outros alunos, ou por serem impedidos de entrar na escola por gestores escolares. Dos entrevistados, 45% abandonaram a escola secundária, e apenas 2,3% concluíram um curso superior.⁶⁸

Na Índia e em Bangladesh, vários homens homossexuais entrevistados relataram ter encerrado sua formação precocemente devido ao *bullying* homofóbico.⁶⁹

Não comparecer às aulas afeta o desempenho escolar. Abandonar a escola precocemente afeta o sucesso no aprendizado. Alunos que deixam a escola cedo têm menos qualificações, o que por sua vez influencia suas futuras possibilidades de emprego. O desempenho e o rendimento acadêmico também são prejudicados pela perda de confiança, diminuição da autoestima, medo, estresse psicológico e isolamento social associado ao *bullying* homofóbico.

Um estudo realizado com alunos da Escócia mostrou que 26% dos alunos LGBT sentiam que a qualidade dos seus trabalhos na escola tinha caído por causa do *bullying* homofóbico, enquanto 12% tinham matado aula por causa de assédio homofóbico.⁷⁰ Nos EUA, alunos perseguidos com frequência por causa de sua orientação sexual relataram notas significativamente mais baixas que alunos não perseguidos. Também tinham uma probabilidade duas vezes maior de não ter planos de fazer um curso superior que os alunos de uma amostra geral do país.⁷¹ No Brasil, foi demonstrada uma associação entre vitimização e resultados educacionais negativos, sendo os piores resultados observados entre vítimas de *bullying* homofóbico.⁷² A experiência de Dervin, um jovem da Jamaica, descrita a seguir, ilustra o impacto causado pelo *bullying* homofóbico.



“Ainda bem que as pessoas estão prestando mais atenção ao bullying homofóbico e suas consequências. Mas é tarde demais para os que cometeram suicídio e para nós que fomos vítimas de bullying. Eu não sou lá muito masculino, e no ensino fundamental zombavam muito de mim, numa idade em que as palavras machucam muito. Quando fui pra uma escola secundária no centro da cidade, prometi a mim mesmo que as coisas seriam diferentes, e nos primeiros meses fiz o possível pra ser mais ‘ másculo’. Não funcionou. A zombaria começou de novo. A fofoca começou a circular. Foi um momento difícil. Minhas notas caíram radicalmente. Comecei a ‘matar aula’ e faltar à escola. Muitas vezes ficava na cama chorando. Eu me culpava pela hostilidade e rezava pra que Deus mudasse quem eu sou. Tentei imitar os meninos que zombavam de mim. Mudei a minha aparência e comecei a desrespeitar os professores e ser suspenso toda semana. Na 8ª série decidi que não podia deixar que a situação me levasse pelo caminho errado. Tenho amigos e uma família amorosa. Não passou totalmente, ainda tem gente que diz coisas que me machucam, mas melhorou”.

Dervin Osbourne

67 SOS HOMOPHOBIE. *Analyse statistique des résultats de l'enquête sur l'homophobie en milieu scolaire*. Disponível em: <http://www.sos-homophobie.org/sites/default/files/analyse_enquete_milieu_scolaire.pdf?q=documents/analyse_enquete_milieu_scolaire.pdf>.

68 DUBEL; HIELKEMA (Eds). *Gay and lesbian rights are human rights*. The Hague: HIVOS, 2010.

69 BONDYOPADHYAY, A.; KHAN, S.; MULJI, K. *From the front line: a report of a study into the impact of social, legal and judicial impediments to sexual health promotion, care and support for males who have sex with males in Bangladesh and India*. Naz Foundation International, 2005.

70 O'LOAN, S. et al. *Promoting equal Opportunities in Education: project two, guidance in dealing with homophobic incidents*. Edinburgh: Scottish Executive Education Department, 2006.

71 GLSEN. *National school climate survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nation's schools*. New York: GLSEN, 2009.

72 ALEXANDER, M.; SANTO, J. Effects of homophobic versus non-homophobic victimisation on school commitment and the moderating effect of teacher attitudes in Brazilian public schools. *Journal of LGBT Youth*, n. 8, p. 289-308, 2011.

Impacto do *bullying/bullying* homofóbico na saúde mental e psicológica

O *bullying* homofóbico pode ter efeitos adversos na saúde mental e psicológica dos jovens, o que por sua vez tem um impacto negativo na sua educação. Estudos mostram uma associação clara entre *bullying* homofóbico que se repete ao longo do tempo na escola e depressão, ansiedade, perda de confiança, retração, isolamento social, culpa e distúrbios do sono.⁷³ Alunos que são alvo de *bullying* homofóbico na escola têm maior probabilidade de pensar em se machucar – e maior probabilidade de cometer suicídio – que os jovens em geral.

Há também evidências de que jovens que foram alvo de *bullying* homofóbico na escola têm uma probabilidade maior de fazer uso abusivo de álcool e drogas – o que por sua vez está conectado com a baixa frequência e desempenho escolar –, além de terem mais chances de se envolver em comportamentos sexuais de risco.

- Na Irlanda, um estudo de grandes proporções estabeleceu uma conexão clara entre *bullying* homofóbico e pensamentos suicidas entre jovens LGBT.⁷⁴ A maioria começou a ter consciência de sua sexualidade aos 12 anos; a automutilação começou em média aos 16 anos; e foi aos 17 anos que os jovens apresentaram a maior probabilidade de cometer o suicídio.
- Na Irlanda do Norte, homens *gays* que foram alvo de *bullying* na escola apresentaram uma probabilidade maior de terem sido diagnosticados com problemas de saúde mental, encaminhados para atenção profissional, se automutilado, cogitado o suicídio e tentado o suicídio. No Reino Unido, a pesquisa revelou que metade das moças lésbicas e bissexuais com menos de 20 anos relatou automutilação, contra uma em cada 15 adolescentes em geral.⁷⁵

73 HILLIER, A.; TURNER, A.; MITCHELL, A. *Writing themselves in again: 6 years on. The 2nd national report on the sexual health & well-being of same sex attracted young people in Australia*. Melbourne: Australian Research Centre in Sex, Health and Society (ARCSHS), La Trobe University, 2005; e TAYLOR et al. *Every class in every school: the first national climate survey on homophobia, biphobia and transphobia in Canadian schools; final report*. Toronto: Egale Canada Human Rights Trust, 2011.

74 MAYOCK, P. et al. *Supporting LGBT lives: a study of the mental health and well-being of lesbian, gay, bisexual and transgender people*. Ireland: BeLonG To & GLEN, 2009.

75 STONEWALL. *Prescription for Change*. 2008. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/documents/prescription_for_change.pdf>.

- Em um estudo multipaís da América Latina⁷⁶ quase 10% dos entrevistados disseram que após o *bullying* a vida tinha ficado “difícil e triste”; 25% disseram que tinham se tornado “inseguros” por causa da experiência; quase 15% dos entrevistados chilenos relataram cogitar o suicídio.
- Um estudo dos EUA reportou a existência de uma forte conexão entre intenções suicidas e *bullying* homofóbico na escola; aqueles que informaram ter sofrido mais *bullying* também relataram maiores intenções suicidas. Outro estudo descobriu que 33% dos jovens transgêneros tinham tentado o suicídio em decorrência da discriminação e do *bullying*.⁷⁷
- Nos Países Baixos, 9% dos alunos *gays* e 16% das alunas lésbicas já tentaram o suicídio pelo menos uma vez, e 50% tiveram pensamentos suicidas, em comparação com 30% dos jovens heterossexuais.⁷⁸

Há cada vez mais evidências de que o *bullying* também afeta a saúde mental e psicológica dos agressores. Há mais registros de depressão entre autores de *bullying* que entre os seus pares, e a probabilidade de que venham a apresentar comportamentos antissociais ou problemas com a lei quando adultos também é maior.⁷⁹ Estudos sugerem que quase a metade de todas as crianças envolvidas em *bullying* (genérico) são ao mesmo tempo vítimas e autores; e que são essas as mais perturbadas de todas as crianças envolvidas em *bullying*.⁸⁰ Além disso, um estudo em Israel mostrou que os agressores com frequência passam da violência verbal para a física motivados por sentimentos de sofrimento, humilhação e raiva.⁸¹

76 KEUZENKAMP, S. *Steeds gewoner, nooit gewoon: acceptatie van homoseksualiteit in Nederland*. Den Haag: Sociaal en Cultureel Planbureau, 2010.

77 CLEMENTS-NOLLE, K. et al. Attempted suicide among transgender persons: The influence of gender-based discrimination and victimisation. *Journal of Homosexuality*, v. 51, n. 3, p. 53-69, 2006.

78 KEUZENKAMP, S. *Steeds gewoner, nooit gewoon: acceptatie van homoseksualiteit in Nederland*. Den Haag: Sociaal en Cultureel Planbureau, 2010.

79 SALMON, G.; JAMES, A.; SMITH, D. M. Bullying in schools: self reported anxiety, depression, and self esteem in secondary school children, *BMJ*, v. 317, n. 7163, p. 924-5, 1996; e OLWEUS, D. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program, *J Child Psychol Psychiatry*, v. 35, n. 7, p. 1171-90, 1994. apud KIM, Y. S. Bullying and suicide: a review. *Int J Adolesc Med Health*, v. 20, n. 2, p. 133-154, 2008.

80 UNITED NATIONS. *United Nations Secretary-General's Study on Violence against Children: Regional Desk Review; North America*. 2005. Disponível em: <<http://www.violencestudy.org/r27>>.

81 GEIGER, B.; FISCHER, M. Will Words Ever Harm Me? Escalation from Verbal to Physical Abuse in Sixthgrade Classrooms. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 21, n. 3, p.337-357, 2006.

2.3 Por que o bullying homofóbico precisa ser enfrentado pelo Setor de Educação

Muitos Ministérios de Educação e instituições de ensino vêm dando passos para enfrentar o *bullying* por motivos de raça, religião ou deficiência, mas poucos estão enfrentando o *bullying* baseado em orientação sexual ou identidade de gênero. A falta de reconhecimento da extensão do problema do *bullying* homofóbico e a pouca familiaridade com os métodos existentes para combatê-lo e preveni-lo são os principais motivos para isso, mas também é verdade que atitudes sociais e sensibilidades relativas à homossexualidade e identidades de gênero atípicas em nível mais amplo impedem ações nesse sentido.

No entanto, o *bullying* homofóbico tem impacto sobre aqueles que são alvo de *bullying*, sobre os que o perpetraram, sobre os espectadores e sobre a escola onde o *bullying* ocorre. Além disso, como mostrou a seção anterior, tem graves consequências na educação. Sendo assim, o *bullying* homofóbico é um problema educacional que precisa ser enfrentado pelo Setor de Educação. Mais especificamente, independentemente de a homossexualidade ser aceita em um contexto específico, o Setor de Educação precisa enfrentar o *bullying* homofóbico por causa do impacto que tem sobre o direito à educação e sobre a Educação para Todos, porque é uma forma de discriminação e de exclusão, e porque viola o princípio da segurança no espaço escolar (ver a Caixa 3).

- **O direito à educação** – o *bullying* homofóbico representa uma ameaça ao direito universal à educação refletido nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. O Marco de Ação de Dakar⁸² também manifesta a conexão entre o direito a uma educação de qualidade e o direito a um ambiente de aprendizagem seguro e livre de violência. O sistema educacional tem a obrigação de garantir a realização do direito à educação. O *bullying* homofóbico desrespeita as três dimensões de uma abordagem à educação baseada em direitos humanos: acesso, qualidade e respeito no ambiente de aprendizagem.
- **Educação para Todos** – o *bullying* homofóbico é uma barreira para o alcance dos objetivos de acesso, permanência e rendimento da campanha Educação para Todos. Conforme mostram as informações apresentadas neste caderno, o *bullying* homofóbico tem um impacto significativo na frequência escolar, no abandono precoce da escola, e no desempenho e rendimento acadêmico. A história de Kath, da Tailândia, contada na próxima página, ilustra como o fracasso em lidar com as necessidades de todos os alunos mina a Educação para Todos.

Caixa 3: Direitos humanos e educação

O objetivo de adotar uma abordagem baseada em direitos humanos na educação é assegurar que toda criança tenha acesso a uma educação de boa qualidade que respeite o seu direito à dignidade e a um nível ótimo de desenvolvimento. Essa abordagem inclui três dimensões:

- O direito de acesso à educação – com base na igualdade de oportunidades e livre de qualquer discriminação.
- O direito a uma educação de qualidade – para que todos alcancem o seu potencial, aproveitem as oportunidades de emprego e desenvolvam habilidades para a vida com base em um currículo abrangente, inclusivo e relevante, em ambientes lúdicos, seguros e saudáveis.
- O direito ao respeito no ambiente de aprendizagem – respeito igual por todas as crianças, incluindo o respeito aos direitos de identidade, integridade e participação, e livre de todas as formas de violência.

Uma abordagem de educação baseada em direitos humanos aumenta o acesso e a participação na educação ao promover a inclusão, a diversidade, as oportunidades iguais e a não discriminação. Essa abordagem melhora a qualidade da educação por meio de práticas de ensino participativas e centradas no aluno e de ambientes de aprendizagem seguros, dois aspectos fundamentais para que ocorra a aprendizagem.

O respeito aos direitos humanos promove o desenvolvimento social e emocional das crianças ao assegurar a dignidade humana e as liberdades fundamentais de que precisam para realizar seu pleno potencial. Promove, ainda, o respeito às diferenças, que é essencial para a prevenção da violência. Uma abordagem baseada em direitos humanos leva à criação de ambientes seguros e favoráveis à aprendizagem, onde, juntos, professores e alunos aproveitem e se beneficiem plenamente do processo educacional.

Fontes: UNESCO; UNICEF. *A human rights-based approach to Education for All*. 2007; UNESCO. *Stopping violence in schools: a guide for teachers*. 2011.

⁸² UNITED NATIONS. *United Nations Millennium Declaration*. New York: United Nations, 2000; WORLD EDUCATION FORUM. *The Dakar Framework for Action*. Paris: UNESCO, 2000; UNESCO. *Education For All Global Monitoring Report 2005*. Paris: UNESCO, 2005.

- **Discriminação e inclusão** – o *bullying* homofóbico é uma forma de discriminação baseada em orientação sexual e identidade de gênero. A discriminação e exclusão com base em orientação sexual e identidade de gênero real ou percebida é tão inaceitável quanto a discriminação e a exclusão com base em raça, sexo, cor, deficiência ou religião. Eliminar a discriminação e promover a saúde e o bem-estar emocional melhoram o ambiente de aprendizagem e o desenvolvimento econômico e social de longo prazo. O *bullying* homofóbico também prejudica a inclusão nas instituições de ensino. Inclusão escolar significa que todas as escolas encontrem uma maneira de acomodar as necessidades de todos os alunos e identifiquem e lidem com as barreiras que impedem o acesso a oportunidades iguais de educação. A inclusão escolar requer políticas, ambientes escolares, currículos e treinamento de professores inclusivos.⁸³

*“Escolas que possuam tal orientação inclusiva constituem o meio mais eficaz de combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos”.*⁸⁴

- **Escolas seguras** – escolas deveriam ser locais seguros⁸⁵, mas o *bullying* homofóbico mina o princípio das escolas seguras. Faz com que as escolas deixem de ser seguras para suas vítimas, prejudica os outros alunos e tem um efeito adverso no ambiente escolar como um todo. Quando não há segurança na escola, o vandalismo contra a propriedade escolar aumenta, o comportamento abusivo contra a equipe escolar escala, o conflito entre grupos de colegas se acirra, e fica difícil aprender. Jovens que não se sentem seguros reagem quase sempre se fechando e se afastando dos outros. Quando as escolas não acolhem os alunos, eles reagem da mesma maneira. A criação de um ambiente escolar acolhedor é um passo fundamental para promover a segurança.

“Eu nasci homem, mas nunca me senti confortável vivendo como homem, usando roupa de homem e agindo de acordo com o que se espera de um homem. O que não quer dizer que eu quisesse ser mulher; na verdade, queria ser um meio termo entre homem e mulher. Eu sou transgênero, ou kathoey, em tailandês. Nós não nos vemos como homens, e a nossa identidade de gênero é separada da nossa orientação sexual. Sendo uma pessoa transgênera eu posso me vestir com roupa de mulher, mas isso não quer dizer eu sinta atração por homens. Um erro comum é que as pessoas confundam os transgêneros com gays ou lésbicas.

No ensino fundamental e no médio eu não podia expressar a minha identidade abertamente. Precisava usar uniforme de menino e, apesar das minhas objeções, os professores me chamavam pelo nome de menino que me deram quando eu nasci. Na época em que me assumi transgênero, no ensino médio, os outros me tratavam como se eu fosse uma piada, ou pensavam que eu estivesse passando por uma fase. Alguns professores se mostraram solidários, mas achavam que eu tinha ficado desse jeito por causa de erros cometidos em uma vida passada. Não preciso nem falar da vergonha que eu sentia e da dificuldade em conciliar a minha religião com a minha identidade. Muitas vezes eu sentia que ninguém me entendia, e tanto alunos quanto professores me davam as costas.

Na Tailândia, a política educacional tem focado a Educação para Todos e a igualdade de gênero, mas embora as necessidades de muitas comunidades carentes tenham começado a ser atendidas, pouco progresso foi feito quanto aos alunos transgêneros. É comum que os transgêneros se sintam deslocados na escola; a gente não se encaixa com facilidade na dicotomia de alunos do sexo masculino e feminino, o que nos torna invisíveis. Para realizar completamente a Educação para Todos precisamos reconhecer que a igualdade de gênero precisa ser universal para todos os seres humanos, inclusive para os transgêneros. Os professores costumam não entender as necessidades dos alunos transgêneros. Existem diferentes uniformes para homens e mulheres, e os alunos transgêneros não podem usar os uniformes do sexo oposto.

Para lidar com esses problemas e realmente favorecer a Educação para Todos, os educadores precisam promover um ambiente de aprendizagem que apoie os alunos transgêneros e os incentive a ir pra faculdade. Ao defender a igualdade de gênero, precisamos garantir que o gênero nunca funcione como um empecilho ou como base para a discriminação na educação”.

Kath Khangpiboon, Thai Transgender Alliance

⁸³ UNESCO. *Policy guidelines on inclusion in education*. Paris: UNESCO, 2009.

⁸⁴ UNESCO. *The Salamanca Statement*. Paris: UNESCO, 1994.

⁸⁵ EDUCATION INTERNATIONAL. *Schools Shall be Safe Sanctuaries: a declaration by Education International*. 2009. Disponível em: <http://download.ei-ie.org/Docs/WebDepot2009_leaflet_Schools-As-Safe-Sanctuaries_en.pdf>.



3. ENTRANDO EM AÇÃO: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO

Combater o *bullying* homofóbico em instituições de ensino é uma tarefa difícil, e as possibilidades de ação vão depender do contexto do país – incluindo suas leis e cultura. As opções apresentadas neste caderno refletem essa realidade. No entanto, é importante reconhecer que é possível fazer alguma coisa até mesmo nos contextos mais desafiadores. Conforme mencionamos em capítulos anteriores, o *bullying* homofóbico, como o *bullying* em geral, cria ambientes escolares inseguros, independentemente dos motivos que levam ao *bullying*. Cabe aos gestores educacionais fazer uso das políticas públicas existentes para prevenir a violência e o *bullying*, e tornar a aprendizagem mais segura.

Esta seção fornece algumas orientações práticas quanto a possíveis ações que podem ser desenvolvidas em nível nacional e escolar em países que estão apenas começando a lidar com a questão. O capítulo 4 apresenta exemplos mais detalhados de boas políticas e práticas, algumas das quais são mais direcionadas a países onde já existem políticas e práticas para lidar com a questão. Embora boa parte desses exemplos venha de países desenvolvidos, e possam não ser totalmente replicáveis, é possível adaptá-los aos diferentes contextos e usá-los como ponto de partida.

Nível nacional

Políticas públicas

Políticas eficazes baseiam-se em boas evidências. Em muitos países, a ausência de um marco político para enfrentar o *bullying* homofóbico reflete uma falta de informação sobre a extensão do problema. Nesses contextos, a coleta de dados com métodos de pesquisa confiáveis é um primeiro passo importante.

Em outros contextos, a falta de políticas claras pode refletir uma falta de compromisso político. Lidar com a diversidade sexual e a identidade de gênero nas escolas costuma ser uma questão delicada e pode enfrentar forte resistência de políticos, líderes religiosos e outros. Em consequência, os Ministérios da Educação podem se mostrar relutantes em enfrentar a questão do *bullying* homofóbico. Novamente, é importante ter informações, mas também é preciso que educadores, pais, associações de professores e outros com interesse no sistema educacional se mobilizem para assegurar um compromisso político. Em países onde não há políticas, os seguintes passos críticos devem ser considerados:

- Fortalecer a base de evidências através da coleta de dados sobre a natureza e a escala do problema em instituições de ensino, e sobre o impacto do *bullying* homofóbico sobre os objetivos educacionais.

Na Irlanda, por exemplo, os resultados de uma ampla pesquisa nacional levaram o Ministério da Educação a agir para enfrentar o *bullying* homofóbico nas escolas, e a incluir os jovens LGBT entre as principais populações-alvo da Estratégia Nacional de Prevenção do Suicídio.

- Identificar possíveis aliados e trabalhar em conjunto para que as evidências sejam usadas para conscientizar os principais atores – incluindo gestores educacionais, associações de professores, líderes comunitários e pais – quanto à natureza, escala e impacto do *bullying* homofóbico.
- Trabalhar com gestores educacionais, líderes comunitários e religiosos e a mídia para obter apoio e disseminar mensagens claras sobre a inaceitabilidade da discriminação, inclusive do *bullying* homofóbico.
- Identificar ou desenvolver políticas públicas específicas em nível nacional e local que possam fornecer uma estrutura para abordar o *bullying* homofóbico, incluindo políticas de confidencialidade, disciplina, segurança, bem-estar estudantil, cidadania, educação abrangente em sexualidade, direitos de alunos que convivem com o HIV, *antibullying* ou antiviolença. Uma política genérica de combate ao *bullying* ou outras de combate à discriminação com base em raça, cor, religião e sexo podem servir como ponto de partida para combater o *bullying* homofóbico.

No Reino Unido, por exemplo, organizações da sociedade civil como a *Stonewall* vêm trabalhando de perto com o Departamento de Educação para incorporar o combate ao *bullying* homofóbico nos atuais marcos de políticas públicas.

Ações de incidência política com enfoque educacional baseado em compromissos existentes têm se mostrado uma estratégia eficaz para enfrentar o *bullying* e a violência.

- Na ausência dessas políticas, identificar marcos políticos regionais e internacionais que possam ser usados como ponto de partida para a elaboração de políticas públicas (ver a Caixa 4).

Caixa 4: Marcos regionais e internacionais

Convenções e instrumentos internacionais podem servir de ponto de partida para a formulação de políticas nacionais. Exemplos incluem a campanha Educação para Todos, o Marco de Ação de Dakar, os Princípios de Yogyakarta e marcos de direitos humanos como a Convenção sobre os Direitos da Criança.

Marcos políticos e compromissos regionais também podem servir de base para o desenvolvimento de políticas públicas. Eis alguns exemplos:

- Em 2011, a Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos adotou uma resolução condenando a discriminação contra pessoas com base em orientação sexual e identidade de gênero, instando os Estados a adotar as medidas necessárias para prevenir, punir e erradicar essa forma de violência.
- Em 2010, os 47 Estados-membros do Conselho da Europa se comprometeram com uma ampla gama de medidas para combater a discriminação por motivos de orientação sexual e identidade de gênero. As medidas foram refletidas em uma Recomendação do Conselho da Europa e representam o primeiro acordo intergovernamental abrangente sobre os direitos de pessoas LGBT.
- Em 2008, os Ministérios da Educação e da Saúde da América Latina e do Caribe emitiram a Declaração Ministerial de Educação para a Prevenção, que reconheceu a necessidade de abordar as necessidades de pessoas com orientações e identidades sexuais diferentes, e articulou medidas para promover a segurança e a inclusão escolar.

Intervenções

Em nível nacional, há diferenças no ponto até o qual o *bullying* homofóbico pode ser abordado na formação docente e no currículo escolar. Contudo, até mesmo em contextos onde isso possa ser difícil, há medidas que podem ser tomadas. Sempre que couber, deve-se considerar a identificação de possíveis intervenções e orientar os gestores escolares e escolas em nível local quanto à sua aplicação. Algumas possibilidades são:

- Revisar os materiais e as mensagens das principais matérias que fazem parte da formação de professores e do currículo escolar, e remover quaisquer elementos que reforcem o preconceito e os estereótipos.

- Identificar em que situações a diversidade de orientação sexual e identidade de gênero e a questão do *bullying* homofóbico podem ser incorporados na formação de professores e no currículo escolar.
- Preparar o currículo com uma abordagem baseada em direitos humanos.
- Fornecer formação inicial e continuada no próprio local de trabalho sobre as competências necessárias para lidar com o *bullying* em geral e, caso o contexto permita, com o *bullying* homofóbico.
- Coletar evidências sobre intervenções efetivas, incluindo intervenções para a escola como um todo e intervenções específicas, dirigidas tanto às vítimas quanto aos autores de *bullying*.
- Identificar possíveis parceiros que possam apoiar a implementação de intervenções (incluindo projetos piloto nas escolas), como organizações da sociedade civil e associações de professores.

Em nível escolar

Políticas públicas

Em alguns países pode ser viável desenvolver políticas escolares específicas para combater o *bullying* homofóbico. Já em outros, pode ser mais adequado incorporar o *bullying* homofóbico em políticas escolares de combate ao *bullying* e à violência em geral, ou em políticas de escolas seguras. Em alguns contextos até isso pode ser difícil. Nesses casos as políticas precisarão enfatizar questões mais gerais, como direitos humanos, tolerância e respeito. Do mesmo modo que as ações em nível nacional, os principais passos podem incluir:

- Coletar evidências sobre a extensão do problema e o impacto do *bullying* homofóbico. Por exemplo, funcionários e alunos podem manter um registro de todos os incidentes de *bullying* homofóbico ou constrangimento, a equipe escolar pode monitorar as ausências e os pais podem ser sensibilizados para reconhecer os sinais de *bullying*.

A Aliança Global para Educação LGBT (GALE) desenvolveu um conjunto de ferramentas com diretrizes úteis para a coleta de dados, incluindo exemplos de questionários e levantamentos. Entre eles há questionários desenvolvidos especificamente para medir o grau de homofobia nas escolas: o *School Climate Survey*⁸⁶ e o *School Safety Quick Scan*⁸⁷, que têm sido amplamente utilizados. O *School Safety Quick Scan* está disponível em três versões, para alunos do ensino fundamental, alunos do ensino médio e professores. Por enfocarem a segurança de modo geral, e por serem curtos, podem ser usados em uma série de contextos escolares, incluindo contextos nos quais lidar com questões LGBT pode trazer dificuldades.

- Conscientizar gestores educacionais, diretores escolares, professores, pais e comunidades sobre o problema, e promover apoio a uma política pública inclusiva de combate ao *bullying*.
- Em ambientes onde o contexto impõe restrições, desenvolver uma política pública genérica *antibullying* baseada em direitos, incluindo o direito à Educação para Todos.

Na Colômbia, a ONG *Colombia Diversa* vem trabalhando em escolas públicas e privadas de Bogotá e Medellín documentando a homofobia e o *bullying* homofóbico e conscientizando professores, alunos e pais. A *Colombia Diversa* trabalha em contato direto com as autoridades locais, e desenvolveu uma série de materiais pedagógicos para a educação em diversidade sexual e de gênero, incluindo vídeos educacionais.

Na Irlanda, uma campanha nacional⁸⁸ conseguiu conscientizar o público em geral, assim como funcionários escolares e alunos. A resposta dos diretores e professores à campanha foi positiva, o que aumentou a consciência de que “é importante que a questão seja abordada na escola”.

Nos Países Baixos, a organização COC vem trabalhando com o apoio do Ministério de Educação, Cultura e Ciência para conscientizar os conselhos escolares sobre a homofobia e incentivá-los a fazer das escolas ambientes mais seguros. A COC preparou um livreto de histórias sobre a experiência de ser LGBT na escola que levou várias escolas a assinar um Memorando de Entendimento em que se comprometeram a assumir responsabilidade pelo combate à homofobia.

Intervenções

Em países onde existe um marco de políticas públicas, as escolas podem se guiar por ele. No entanto, em muitos contextos não existem políticas desse tipo. Mesmo assim, diretores escolares e professores podem tomar medidas para prevenir e combater o *bullying* homofóbico e criar um ambiente de apoio, por exemplo, treinando e apoiando a equipe escolar, e apoiando os alunos. O objetivo é implementar ações concretas para prevenir ou combater o *bullying*, assegurando que possam ser aplicadas também ao *bullying* por motivos de gênero ou orientação sexual. Para alcançar esse objetivo, é necessário desenvolver um trabalho baseado em estereótipos de gênero. Algumas possibilidades são:

86 “Pesquisa sobre a situação do ambiente escolar”.

87 “Levantamento sobre segurança escolar”.

88 Pela ONG *BeLonG To*.

- Identificar os pontos fortes e oportunidades que existem na escola para enfrentar o *bullying*, consultar os funcionários, alunos e pais sobre os valores que querem promover, e estabelecer regras e responsabilidades claras.
- Adotar uma posição forte quanto à inaceitabilidade do *bullying* homofóbico e da linguagem discriminatória por parte de alunos e funcionários. Em países onde a homossexualidade é ilegal ou um assunto delicado, deve-se procurar enfatizar a inaceitabilidade do *bullying* e da linguagem discriminatória por motivos de gênero.
- Treinar a equipe escolar para assegurar que todos estejam conscientes do *bullying* homofóbico e saibam como agir e intervir em possíveis incidentes. Em países onde a homossexualidade é ilegal ou um assunto delicado, o treinamento deve focar a prevenção da violência, o *bullying* e a linguagem discriminatória por motivos de gênero, para que os funcionários saibam reconhecer essas situações e agir.
- Estabelecer mecanismos de confidencialidade para reportar e responder a incidentes de *bullying*, fornecer apoio a alunos alvo de *bullying*, assim como a agressores e testemunhas, e garantir que alunos e funcionários saibam onde procurar ajuda.
- Identificar recintos escolares onde não haja segurança e pensar em maneiras de aumentar a segurança fora da sala de aula – como corredores, áreas externas e instalações esportivas – e durante os intervalos; e desenvolver um sistema de monitoramento de todas as áreas da escola para que nenhum lugar fique sem supervisão.
- Caso a escola disponha de recursos humanos e financeiros, providenciar orientação escolar ou monitoria por funcionários adequadamente treinados, além de vínculos com outros serviços; ou considerar o estabelecimento de serviços de mediação com a participação de funcionários e alunos, ou mecanismos de apoio de pares (mais detalhes no próximo capítulo).
- Usar os conhecimentos especializados de ONGs. Levando em conta o contexto do país, identificar grupos de apoio adequados, como ONGs de combate à violência, baseadas em direitos, de proteção à criança, ou LGBT. Estabelecer mecanismos de encaminhamento para esses grupos, e desenvolver atividades conjuntas a serem implementadas na instituição de ensino.

A GALE preparou um conjunto de ferramentas para tornar as escolas mais acessíveis a todos os alunos e lidar com as taxas elevadas de abandono escolar motivado por *bullying* homofóbico.⁸⁹ O material pode ser aplicado em uma ampla gama de contextos, e contém cinco partes:

1. Ferramentas de implementação de projetos — oferecem uma variedade de possibilidades para começar a desenvolver uma estratégia ou um projeto concreto.

2. Ferramentas para gestores e autoridades – oferecem recursos para convencer os atores envolvidos da necessidade de mudar a situação e orientação sobre como fazê-lo.
3. Ferramentas para a equipe escolar – fornecem orientações para educadores e formadores de professores.
4. Ferramentas para alunos – fornecem sugestões para a ação e a participação dos alunos.
5. Ferramentas para pais – oferecem informações aos pais e formas de como envolvê-los.

A GALE também desenvolveu dicas práticas para lidar com a resistência à introdução de políticas e medidas escolares para enfrentar o *bullying* homofóbico (ver a Caixa 5).

Caixa 5: Como lidar com a resistência a mudanças nas escolas

- Criar um senso de urgência (convencer a direção e outros membros da escola de que a homofobia e o *bullying* homofóbico são problemas reais, mas também de que é possível enfrentá-los).
- Formar uma coalizão interna (de preferência incluindo um representante da direção, o coordenador de segurança e atendimento, e alguns professores interessados e comprometidos).
- Desenvolver uma visão escolar (descrevendo como a escola visualiza a segurança e o apoio a todos os alunos, e como a escola pretende lidar com perguntas críticas feitas por pais e alunos).
- Compartilhar a visão com a equipe e formular um plano concreto de implementação (currículo formal e informal, ensino, disciplina, apoio estudantil e segurança em todos os recintos da escola).
- Pedir ajuda ou oferecer apoio à equipe escolar para superar problemas (discussões de grupo, treinamento, *coaching*, atendimento individual).
- Garantir que os sucessos de curto prazo recebam visibilidade e sejam recompensados (lições divertidas, respostas entusiasmadas dos alunos, reconhecimento a professores e alunos que tenham ideias inspiradoras e práticas).
- Consolidar as melhorias e manter o processo em andamento (integrar intervenções efetivas nas aulas e atividades regulares, assegurando que virem parte da rotina escolar).
- Ancorar as mudanças (instituir arranjos que garantam que os novos funcionários e alunos adotem e aprendam, por exemplo, oferecendo um treinamento introdutório para novos professores, apresentando o código de ética e as diretrizes da escola aos novos alunos, e codificando as diretrizes, os procedimentos e o conteúdo curricular).

Fonte: GALE. *GALE toolkit working with schools 1.0: tools for school consultants, principals, teachers, students and parents to integrate adequate attention of lesbian, gay, bisexual and transgender topics in curricula and school policies*. Amsterdam: GALE, 2011.

⁸⁹ DANKMEIJER, P. (Ed.). *GALE Toolkit working with schools 1.0: tools for school consultants, principals, teachers, learners and parents to integrate adequate attention of lesbian, gay, bisexual and transgender topics in curricula and school policies*. Amsterdam: GALE The Global Alliance for LGBT Education, 2011. Disponível em: <www.lgbt-education.info>.



4. BOAS POLÍTICAS E PRÁTICAS

Enfrentar o *bullying* homofóbico requer tanto ações preventivas, quanto medidas para lidar com possíveis incidentes. Muitos países já implementaram medidas desse tipo que podem ser adaptadas para responder a formas específicas de *bullying*, inclusive o *bullying* homofóbico. As evidências e experiências disponíveis indicam que uma

resposta adequada ao *bullying* homofóbico em nível escolar exige intervenções nas seguintes áreas:

- Políticas públicas
- O currículo e sua implementação
- Apoio a todos os alunos
- Parcerias e compromissos

Fazem-se necessárias políticas em nível nacional, local e escolar que estabeleçam uma clara posição *antibullying* para proteger alunos e funcionários, cuidando ao mesmo tempo das necessidades de vítimas, autores e espectadores do *bullying*. Tais políticas devem adotar uma abordagem que leve em conta o ambiente escolar, as necessidades dos funcionários e dos alunos, as habilidades e competências dos professores, e o currículo escolar. As políticas públicas têm um papel fundamental na criação de ambientes seguros e de apoio para jovens, onde a probabilidade de que ocorram situações de *bullying* seja reduzida. Ministérios e escolas devem disseminá-las adequadamente e velar para que sejam implementadas. Para serem formuladas e implementadas, é preciso que a importância das políticas seja reconhecida e que contem com o apoio e o compromisso de autoridades educacionais, conselhos escolares e diretores. Em alguns contextos, isso requer medidas para conscientizar as pessoas de que o *bullying* homofóbico é um problema que precisa ser enfrentado.

A capacidade de dar uma resposta efetiva ao *bullying* homofóbico depende do treinamento e do apoio dado à equipe escolar como um todo, além de compromisso, confiança, conhecimentos, atitude e competências dos professores. O conteúdo do currículo escolar também importa, já que pode tanto promover o respeito à diversidade quanto reforçar a homofobia. O ponto até o qual a homofobia e o *bullying* homofóbico podem ser abordados no currículo escolar e a parte específica do currículo em que isso deve ser feito dependem do contexto do país e daquilo que for viável fazer.

As instituições de ensino também precisam apoiar adequadamente os alunos que são alvo de *bullying* homofóbico, assim como seus autores e testemunhas. Novamente, a seleção das medidas a serem adotadas depende do contexto do país e dos recursos disponíveis. Estabelecer parcerias estratégicas e trabalhar com uma variedade de atores são aspectos fundamentais para enfrentar o *bullying* homofóbico em instituições de ensino. Envolver

os gestores educacionais, diretores escolares, professores e outros funcionários, associações de pais e professores, organizações da sociedade civil e a comunidade como um todo no desenvolvimento, implementação e monitoramento das ações é essencial para garantir o seu sucesso.

Embora as medidas em cada uma dessas áreas sejam necessárias e importantes por si só, para garantir um máximo de impacto é preciso agir em todas elas. A seção a seguir examina cada uma delas em separado, com exemplos de uma série de países.

4.1 Políticas públicas

Esta seção dá exemplos do tipo de políticas que podem ser usadas para lidar com o *bullying* homofóbico em instituições de ensino em nível nacional, local e escolar. Inclui, ainda, exemplos de ações que podem ser desenvolvidas dentro das escolas para promover um ambiente de apoio.

Políticas e programas nacionais e locais

Existe uma grande variedade de políticas e programas nacionais e locais pelo mundo afora. Alguns são gerais, e alguns são específicos para a área de educação. Estes incluem:

- Constituições, leis e políticas contra a discriminação que incluam a proteção contra a discriminação por motivos de orientação sexual e identidade de gênero.
- Políticas para lidar com a discriminação por motivos de orientação sexual e identidade de gênero específicas para a área de educação.
- Políticas para lidar com o *bullying* e a violência em geral nas escolas, e para promover escolas seguras.
- Políticas dirigidas especificamente ao *bullying* homofóbico em instituições de ensino.

Constituições, leis e políticas contra a discriminação que incluem proteção contra a discriminação por motivos de orientação sexual e identidade de gênero

Nepal & Hong Kong	O Supremo Tribunal do Nepal ⁹⁰ e a Corte de Apelação de Hong Kong ⁹¹ emitiram parecer proibindo a discriminação baseada em orientação sexual e identidade de gênero.
Filipinas	Nos últimos anos, as Filipinas introduziram uma lei que proíbe a discriminação contra pessoas LGBT em algumas circunstâncias. ⁹²
África do Sul	A discriminação com base em orientação sexual é proibida pela Constituição, e a discriminação e os crimes de ódio com base em orientação sexual são tratados especificamente pela Lei de Igualdade (2000) . A Unidade de Coesão Social e Equidade na Educação do Departamento de Educação tem a tarefa de promover, no sistema de ensino, os valores consagrados na Constituição. Em 2011, a unidade publicou um manual de treinamento para gestores escolares chamado "Values in action" [Valores em ação], que inclui uma seção sobre orientação sexual. Em 2005, em colaboração com o Fórum Nacional de Líderes Religiosos, o Departamento de Educação lançou a publicação "Building a culture of responsibility and humanity in our schools – A guide for teachers" [Construindo uma cultura de responsabilidade e humanidade em nossas escolas – Um guia para professores], que busca educar os jovens sobre direitos e responsabilidades, incluindo o direito de não ser discriminado por motivos de orientação sexual.

Políticas para lidar com a discriminação por motivos de orientação sexual e identidade de gênero específicas para a área de educação

Taiwan, China	A Lei de Equidade de Gênero na Educação de 2003 aborda as oportunidades iguais na educação e busca eliminar os estereótipos de gênero do currículo. Também proíbe a discriminação baseada em orientação sexual nas escolas e identifica <i>gays</i> , transexuais e grávidas como estudantes "desfavorecidos", ordenando que recebam assistência especial. ⁹³
EUA	A assessoria jurídica da União Americana das Liberdades Cívicas vem advogando fortemente em favor da Lei de Combate à Discriminação Estudantil . Caso aprovada, a lei estabelecerá uma proibição ampla, em nível federal, contra a discriminação e o assédio em escolas públicas com base na orientação sexual e na identidade de gênero atual ou percebida de um estudante.
El Salvador	A Secretaria de Inclusão Social é o órgão de governo que responde pelo acompanhamento da execução do Decreto Presidencial nº 56 , que proíbe a discriminação direta ou indireta por motivos de orientação sexual ou identidade de gênero no setor público. A Secretaria também trabalha com o Ministério da Educação para aumentar a consciência do problema do <i>bullying</i> , incentivando os diretores de escolas a enfrentar os casos de discriminação homofóbica e <i>bullying</i> .

Políticas e programas dirigidos especificamente ao bullying homofóbico em instituições de ensino

Reino Unido	O Reino Unido tem usado suas políticas para escolas seguras. Trabalhando no contexto da Política de Escolas Seguras , o país conseguiu garantir um amplo consenso e o apoio de uma grande variedade de aliados para enfrentar o <i>bullying</i> homofóbico, inclusive de grupos religiosos. Agora as escolas têm a obrigação legal de lidar com a questão. O Governo assumiu o enfrentamento do <i>bullying</i> homofóbico como uma prioridade. A Equipe <i>Antibullying</i> do Departamento de Educação trabalhou com a ONG <i>Stonewall</i> para redigir orientações de combate ao <i>bullying</i> nas escolas, e o órgão oficial de inspeção escolar incorporou o <i>bullying</i> homofóbico e a segurança LGBT nas suas ações. ⁹⁴
--------------------	---

⁹⁰ NEPAL. Supreme Court. *Babu Pant and others v Government of Nepal and others*. Nepal Supreme Court, 2007.

⁹¹ CHINA. Court of Appeals. *Leung T.C. William Roy v. Secretary of Justice*. 4 HKLRD 211, Hong Kong, SAR, China, Court of Appeals, 2006.

⁹² House Bill 1483: *An Act Defining Discrimination on the Basis of Gender Identity and Providing Penalties Therefore*.

⁹³ CACERES, C. et al. *Review of legal frameworks and the situation of human rights related to sexual diversity in low and middle-income countries*, Geneva: UNAIDS, 2009.

⁹⁴ OFSTEAD. *The Framework for School Inspection*. 2012. Disponível em: <<http://www.ofsted.gov.uk/resources/framework-for-school-inspection-january-2012>>.



Brasil

Em 2004, o governo do Brasil lançou o **Programa Brasil sem Homofobia**, que evoluiu para um órgão com financiamento estatal. O plano de execução do Ministério da Educação inclui o programa **Escolas sem Homofobia**, que vem sendo implementado por quatro organizações da sociedade civil. O programa trabalha por meio de encontros regionais com líderes estaduais e organizadores de movimentos sociais de combate à homofobia nas escolas; pesquisa qualitativa em capitais estaduais sobre a homofobia no ambiente escolar; e desenvolvimento de um *kit* de treinamento sobre a homofobia para estudantes e educadores. Suas prioridades até o momento incluíram a modificação dos currículos para incorporar diversidade sexual e de gênero, formação e capacitação de educadores para o ensino dos novos currículos e garantia de espaços seguros para estudantes nas salas de aula. O Ministério também uniu os professores através de uma **organização nacional voltada para a eliminação da homofobia no ambiente escolar**. A participação de jovens no desenvolvimento dos dois programas foi assegurada por meio de consultas locais, regionais e nacionais.

Irlanda

As escolas são regidas pela **Lei da Educação de 2000** e pela **Lei da Igualdade de Status 2000-2008**, e “têm a responsabilidade de lidar com o *bullying* homofóbico, e de respeitar as diferenças e a diversidade ao lidar com o *bullying*”.⁹⁵

Israel

O Ministério da Educação assumiu o compromisso de expandir a educação para a aceitação por todo o sistema, oferecendo formação e ferramentas aos educadores para ajudar os alunos que sofrem emocionalmente por causa de sua orientação e identidade de gênero. Em 2009, o ministro da Educação apresentou uma **política clara contra a homofobia**, observando que cada um tem o direito básico de viver a sua vida e de ser quem é, sem medo e sem ser alvo de ódio, constrangimento ou condenação. Em maio de 2011, o Ministério convocou todos os diretores escolares a comemorar o Dia Internacional Contra a Homofobia⁹⁶ com atividades educacionais adequadas, assistência do serviço de orientação do Ministério e colaboração de ONGs.

Finlândia

O Ministério da Educação criou um **programa para lidar com o *bullying* que inclui o *bullying* homofóbico**. As escolas receberam todos os materiais gratuitamente para incentivar a sua participação.⁹⁷

⁹⁵ GLEN, Departamento de Educação e Ciência. *Lesbian, gay and bisexual students in post-primary schools, guidance for principals and school leaders*. Ireland: GLSEN, 2001.

⁹⁶ IDAHO. Disponível em: <<http://www.dayagainsthomophobia.org/-IDAHO-english,41->>.

⁹⁷ LGBT YOUTH SCOTLAND., *Challenging homophobia together, research report and a guide to developing strategic partnerships in education*. Scotland: LGBT Youth, 2011.

Em alguns países há políticas locais para promover o conceito de escolas seguras e a não discriminação; em alguns casos elas proíbem também o *bullying* e o assédio de alunos por motivos de orientação sexual e identidade de gênero (ver a Caixa 6). Políticas baseadas em “escolas seguras” e “antidiscriminação” protegem o Setor de Educação, permitindo que realizem os direitos de acesso e segurança dos alunos à educação sem gerar controvérsia. Evidências emergentes mostram que políticas locais efetivas e corretamente implementadas podem ter um impacto positivo na prevenção do *bullying*. Por exemplo, alunos de escolas estaduais dos EUA onde existem leis e políticas abrangentes têm menor probabilidade de sofrer *bullying* homofóbico. Pesquisadores da Austrália mostraram que, em termos de políticas anti-homofóbicas e apoio social em nível escolar, os melhores resultados são obtidos associando políticas estaduais que promovem “ambientes escolares seguros e de apoio”, e uma abordagem estadual baseada em “antidiscriminação e anti-homofobia”.⁹⁸

Caixa 6: Modelo de política municipal para alunos transgêneros ou que não se conformam às normas de gênero

Nos EUA, a Rede de Educação Gay, Lésbica e Heterossexual (GLSEN) desenvolveu um modelo de política municipal que descreve as melhores práticas para que as escolas assegurem que todos os alunos tenham segurança, inclusão e respeito na escola, não importando a sua identidade ou expressão de gênero. A política modelo cobre uma variedade de assuntos, entre eles:

- Responsabilidades – cada município e escola tem a responsabilidade de assegurar que todos os alunos tenham um ambiente escolar seguro, inclusive alunos transgêneros e aqueles que não se conformam às normas de gênero. Isso inclui assegurar que qualquer incidente de discriminação, assédio ou *bullying* receba atenção imediata e seja investigado, tomando medidas corretivas adequadas e disponibilizando recursos adequados a alunos e funcionários. Toda denúncia deve ser levada a sério e receber o mesmo tratamento que outras denúncias de discriminação, *bullying* ou assédio.
- Nome e vestimenta – os alunos têm o direito de ser chamados por um nome e pronome que correspondam à sua identidade de gênero. O direito dos alunos de se vestir de acordo com a sua identidade de gênero deverá ser consistentemente afirmado na escola, respeitando os limites do código de vestimenta adotado pela escola. A equipe escolar não deverá aplicar o código de vestimenta com maior rigor a alunos transgêneros ou não conformes às normas de gênero que a outros alunos.
- Áreas e atividades com segregação de gênero – os alunos deverão ter acesso a banheiros e vestiários que correspondam à sua identidade de gênero. A equipe escolar poderá designar um ou mais banheiros de gênero neutro, ou seja, que possam ser acessados por alunos de todos os gêneros.
- Registros oficiais – a escola deverá usar o nome e gênero preferido pelo estudante em registros e documentos escolares, sempre e quando não exista a obrigatoriedade legal de usar o seu nome e gênero oficial. A identidade escolar, por exemplo, não é um documento oficial e deverá utilizar o nome preferido pelo estudante.
- Privacidade e confidencialidade – todas as pessoas, incluindo os alunos, têm direito à privacidade, isso inclui o direito de manter a condição de transgênero em sigilo na escola. O distrito deve assegurar a confidencialidade de todas as informações médicas relacionadas a alunos transgêneros ou não conformes às normas de gênero, de acordo com as leis de privacidade em vigor em nível federal, estadual e local. Nenhum membro da equipe escolar divulgará informação que possa revelar a condição transgênera de um aluno, inclusive para pais e outros funcionários, a não ser que exista uma necessidade legal para tal, ou que o aluno o autorize. Alunos transgêneros ou não conformes às normas de gênero têm o direito de discutir e expressar sua identidade e expressão de gênero abertamente, assim como de decidir quando, com quem e até que ponto compartilhar informações privadas.
- Formação e desenvolvimento profissional – na medida das possibilidades financeiras, o município deve oferecer educação continuada para toda a equipe escolar, ensinando competências para prevenir, identificar e responder a situações de *bullying*, assédio e discriminação. O conteúdo de tal formação deve incluir, mas não se limitar a: estratégias de prevenção de incidentes de *bullying* apropriadas para o nível de desenvolvimento dos alunos; estratégias para a implementação de intervenções efetivas e imediatas aos incidentes de *bullying* apropriadas para o nível de desenvolvimento dos alunos; informações sobre as interações complexas e os diferenciais de poder que podem existir entre autores, vítimas e testemunhas de *bullying*; resultados de pesquisas sobre *bullying*, incluindo informações sobre categorias específicas de alunos que, de acordo com as pesquisas, correm um risco maior de ser alvo de *bullying* no ambiente escolar, como alunos transgêneros ou não conformes às normas de gênero; informações sobre a incidência e a natureza de *cyberbullying* e questões relacionadas à segurança na internet que tenham a ver com *cyberbullying*.

Políticas escolares

Existe, ainda, uma gama de políticas e programas em nível escolar. Novamente, algumas são gerais e outras mais específicas. Elas incluem:

- Políticas sobre violência e *bullying* em geral
- Políticas sobre diversidade, inclusive diversidade sexual
- Políticas sobre *bullying*, inclusive *bullying* homofóbico

Na maioria dos países, as políticas que predominam nas escolas são do tipo *antibullying* em geral. Algumas fazem menção específica ao *bullying* por motivos de deficiência, raça e religião, mas a maioria não menciona especificamente o *bullying* relacionado a orientação sexual ou identidade de gênero. No entanto, as políticas escolares sobre violência, *bullying*, discriminação e escolas seguras podem fornecer um ponto de partida para ajudar as escolas a lidar com o *bullying* homofóbico. Em países como a Colômbia, ações para lidar com o *bullying* homofóbico são implementadas no contexto de preocupações mais amplas com direitos humanos. Finalmente, as características de políticas e programas *antibullying*, resumidas na Caixa 7, podem ser adaptadas para incluir o *bullying* homofóbico.



Caixa 7: Características de políticas e programas eficazes de combate ao *bullying* em instituições de ensino⁹⁹

- Começar quando as crianças ainda são pequenas, antes que suas atitudes e comportamentos tenham se fixado.
- Garantir que as políticas de combate ao *bullying* atinjam todos os membros da comunidade escolar.
- Envolver todos os principais atores – diretores escolares, funcionários, alunos, pais e a comunidade como um todo – no desenvolvimento, na implementação e no monitoramento da eficácia das políticas escolares de combate ao *bullying*.
- Desenvolver uma estratégia de prevenção abrangente que inclua capacitação e uso adequado de conhecimentos externos especializados.
- Garantir que a política inclua um plano de ação claro, com medidas de segurança e apoio às vítimas e medidas de punição e reabilitação para os autores.
- Implantar sistemas para que alunos e funcionários possam denunciar o *bullying*, como sistemas de queixas confidenciais, usando as autoridades escolares ou comunitárias de proteção da criança.
- Assegurar que toda a equipe escolar tome medidas consistentes e sistemáticas para prevenir e lidar com qualquer forma de *bullying*.
- Visibilizar a política *antibullying*, inclusive no manual do funcionário, em prospectos escolares, em dias de convívio com a comunidade e reuniões de pais e mestres.¹⁰⁰
- Monitorar o comportamento dos estudantes, principalmente quando haja indícios de que pode estar ocorrendo *bullying*.

⁹⁹ Essas características baseiam-se nos achados do Relatório Mundial de Violência contra Crianças (2006), do Secretário-Geral das Nações Unidas, Genebra: ONU. Disponível em: <<http://www.unicef.org/violencestudy/reports.html>>. Veja também: GREEN, M. Bullying in Schools: a plea for a measure of human rights. *Journal of Social Issues*, v. 62, n. 1, p. 63-79, 2006; e SMITH, P. et al. (Eds.). *Bullying in Schools: how successful can interventions be?* Cambridge: CambridgeUniversity Press, 2004.

¹⁰⁰ JENNETT, M. *Stand up for us, challenging homophobia in schools*. UK: Department of Health, 2004.

Nos EUA, todos os programas elaborados pela GLSEN contêm objetivos escolares específicos que visam o desenvolvimento de um clima escolar saudável, fazendo das escolas um lugar mais propício ao bem-estar dos alunos. Isso vai ao encontro das preocupações e prioridades de educadores e gestores educacionais (ver a seção abaixo, sobre a criação de ambientes escolares de apoio).

É importante que escolas, professores e alunos sejam reconhecidos pelo progresso alcançado. Por exemplo, no Reino Unido, a Câmara de Vereadores de Birmingham criou o Grupo de Ação para a Redução do *Bullying*, que implementou um sistema de concessão de certificados para escolas em reconhecimento pelas suas atividades *antibullying*.¹⁰¹

Na Faculdade Sriithana de Comércio e Tecnologia em Chiang Mai, Tailândia, algumas iniciativas foram implementadas para satisfazer as necessidades de estudantes LGBT, entre elas uma política escolar flexível que permite que os alunos transgêneros usem o uniforme de sua preferência, banheiros “arco-íris”, que não são nem masculinos nem femininos, e um clube “arco-íris”, onde os alunos podem se reunir e discutir questões que os preocupam.

Em alguns países, as escolas são obrigadas a desenvolver e implementar políticas de diversidade, o que também oferece uma oportunidade para enfrentar o *bullying* homofóbico (ver a Caixa 8). Na Austrália, por exemplo, foram implementadas auditorias escolares e *checklists* de diversidade sexual para ajudar as escolas a avaliar o progresso que vêm fazendo em lidar com a diversidade sexual no ambiente escolar, além de práticas para promover o bem-estar dos estudantes, parcerias com a comunidade, ensino e aprendizagem e planos escolares estratégicos.¹⁰² Uma abordagem como essa pode não ser possível em todos os países, mas algumas das características identificadas abaixo podem ser aplicadas de modo mais geral.

Caixa 8: Características de escolas com políticas de diversidade eficazes

- A escola estabelece regras claras de comportamento no começo do ano letivo e toda a equipe escolar fiscaliza o cumprimento das regras.
- A escola organiza situações de apoio social mútuo entre educadores e alunos.
- A escola cultiva uma atitude de abertura.
- A escola fornece informações explícitas sobre gênero, diversidade e discriminação.
- Existe um procedimento de queixas aberto a toda a comunidade escolar, e de preferência um comitê independente para analisá-las.
- Existe um orientador escolar preparado para apoiar alunos e educadores que se queixam de discriminação e outros comportamentos negativos.
- Iniciativas tomadas por alunos e professores para combater a discriminação e melhorar o clima escolar são bem recebidas.

Fonte: DANKMEIJER, P (Ed.), *GALE Toolkit Working with Schools 1.0: tools for school consultants, principals, teachers, learners and parents to integrate adequate attention of lesbian, gay, bisexual and transgender topics in curricula and school policies*. Amsterdam: GALE The Global Alliance for LGBT Education, 2011.

Algumas organizações desenvolveram ferramentas para ajudar as escolas a avaliar as suas políticas de diversidade. Nos Países Baixos, por exemplo, a *EduDivers* e a Aliança Nacional de Educação Hétero-Homo desenvolveram um *checklist* para avaliar se uma escola tem uma política de diversidade adequada (ver a versão adaptada na Caixa 9). Novamente, isso pode não ser viável em todos os contextos, mas é possível adaptar elementos específicos às situações locais.

¹⁰¹ ALLENS CROFT PRIMARY SCHOOL. Disponível em: <<http://bham.webschools.co.uk/allencroft/achievements.htm>>.

¹⁰² AUSTRALIAN RESEARCH CENTRE IN SEX, HEALTH AND SOCIETY. *How to support sexual diversity in schools: a checklist*. Melbourne: La Trobe University. Disponível em: <<http://www.latrobe.edu.au/arcshs/downloads/arcshs-research-publications/SexualDiversityChecklist.pdf>>.

Caixa 9: Checklist para avaliar as políticas escolares de diversidade

- 1. Visão escolar.** A escola tem uma visão sobre a diversidade e a discriminação; a equipe escolar conhece essa visão e a promove.
 - 2. Visão compartilhada sobre bullying e bullying homofóbico.** A escola tem uma visão sobre como prevenir e pôr fim a comportamentos negativos, assédio, *bullying* em geral e *bullying* homofóbico especificamente; a equipe escolar conhece essa visão e a promove.
 - 3. Educação sobre gênero.** A escola oferece lições sobre igualdade de tratamento para homens e mulheres e desafia os papéis estereotipados de gênero.
 - 4. Educação sobre discriminação.** A escola dá aulas sobre discriminação, que incluem medidas de prevenção de comportamentos negativos por motivos de orientação sexual ou identidade de gênero.
 - 5. Correção imediata de comportamentos negativos.** A equipe escolar corrige comportamentos negativos e comentários homofóbicos imediatamente; a escola tem um acordo de equipe claro sobre como lidar com esse tipo de comportamento.
 - 6. Denúncia explícita da homofobia.** A escola deixa bem claro que o comportamento negativo é inaceitável, especialmente quando alunos ou professores discriminam, intimidam, xingam ou excluem um aluno devido à sua orientação sexual real ou percebida. Não basta disciplinar
- o comportamento negativo, é importante também explicar o impacto de tal comportamento.
- 7. As questões são trabalhadas por orientadores.** A escola tem orientadores escolares ou mentores que os alunos podem procurar quando têm problemas. Estes podem ser alunos LGBT, mas também podem ser alunos homofóbicos que precisam aprender a agir corretamente e melhorar seu comportamento social.
 - 8. Política sistemática.** A administração escolar desenvolve uma política de qualidade que sistematicamente conscientiza e mobiliza a administração, os funcionários e os alunos para prevenir e parar o comportamento negativo e promover a apreciação da diversidade. Tal plano de ação deve ser incorporado no contexto maior das políticas de segurança escolar, boa cidadania, comportamento social positivo e não discriminação.
 - 9. Apoio aos alunos.** Funcionários e alunos que decidem ser abertos sobre sua orientação sexual recebem apoio. Isso pode ser feito por meio de apoio moral, sessões de informação, discussões sobre apoio de pares, mudanças na administração escolar para acomodar mudanças de nome e sexo e atribuição de banheiros para alunos transgêneros, lidando com o desconforto de compartilhar chuveiros.
 - 10. Apoio a iniciativas que melhoram a escola.** A administração escolar leva a sério as propostas feitas por alunos e funcionários, e incentiva as AGH.

Em alguns países as escolas têm políticas *antibullying* que incluem medidas de proteção baseadas em orientação sexual e identidade de gênero. Evidências mostram que, em escolas onde existem tais políticas, os alunos alegam ouvir menos comentários homofóbicos e se sentir menos vitimizados devido à sua orientação sexual. Também é mais provável que a equipe escolar intervenha caso ouça comentários homofóbicos, e que os alunos reportem incidentes de assédio e agressão à equipe, do que em escolas que têm apenas uma política geral.¹⁰³

Na Irlanda, por exemplo, estudantes lésbicas, *gays* e bissexuais reportam menos assédio em escolas que têm políticas claras de combate ao *bullying* homofóbico.¹⁰⁴ Em escolas que implementam e disseminam tais políticas, os alunos se sentem mais seguros, melhor consigo mesmos, sofrem menos agressão verbal e outras formas de abuso homofóbico, e têm maior probabilidade de descrever a sua escola como um lugar tolerante, onde se sentem aceitos e bem-vindos. Essas políticas também estão associadas a uma diminuição significativa do risco de que alunos pensem em automutilação ou contemplem o suicídio por causa da homofobia.¹⁰⁵

103 GLSEN. *National school climate survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nation's schools*. New York: GLSEN, 2009.

104 GLEN. Department of Education and Science. *Lesbian, gay and bisexual students in post-primary schools, guidance for principals and school leaders*, Ireland: GLSEN, 2001.

105 JONES, T. *Sexual subjects: GLBTIQ student subjectivities in Australian Education Policy*. 2011. Tese (Doutorado) – La Trobe University.

Como criar um ambiente escolar de apoio

O currículo é somente uma pequena parte do que os alunos aprendem na escola. Eles também aprendem com o que observam e escutam à sua volta. Ambientes escolares seguros, respeitadores e não discriminatórios, onde diretores, professores e outros funcionários dão exemplos positivos, também são fundamentais. Diretores escolares devem deixar claro que o *bullying* homofóbico e a linguagem discriminatória dirigidos a alunos ou funcionários são comportamentos tão inaceitáveis quanto os comentários racistas ou o *bullying* contra pessoas com deficiências. É também importante que a comunidade escolar como um todo apoie a mensagem de que o *bullying* homofóbico, tanto quanto a violência e o assédio sexual, é inaceitável no ambiente escolar.

Programas dirigidos ao clima escolar que não sejam específicos contra o *bullying* podem servir de ponto de partida em países onde a homossexualidade é ilegal ou considerada um assunto delicado, onde o *bullying* não é visto como um problema, ou até mesmo para alunos mais novos. Considerando que educadores e gestores escolares concordam quanto à importância de se garantir um clima saudável e um ambiente seguro na escola, é possível que esse ponto de partida consiga mais apoio. Políticas e programas que lidem com qualquer uma das quatro dimensões do clima escolar (ver a Caixa 10) terão um impacto positivo na criação de um clima saudável.

Caixa 10: Quatro dimensões essenciais do clima escolar

Segurança

- Regras e normas
- Segurança física
- Segurança social e emocional

Ensino e aprendizado

- Apoio ao aprendizado
- Educação em ética e direitos humanos

Relações interpessoais

- Respeito à diversidade
- Apoio social – adultos
- Apoio social – alunos

Ambiente institucional

- Conexão/engajamento
- Entorno físico

Fonte: COHEN, J. et al. School Climate: research, policy, teacher education and practice. *Teachers College Record*, v. 111, n. 1, p. 180-213, 2009. Disponível em: <<http://www.schoolclimate.org/climate/documents/policyscan.pdf>>.



Embora a Caixa abaixo apresente alguns exemplos (ver a Caixa 11), as prioridades e o ponto de partida deverão ser determinados de acordo com o contexto do país e da escola.

Caixa 11: Criação de espaços seguros

Espaços seguros são lugares dentro das instituições de ensino onde os alunos podem se sentir fora de perigo e livres para ser eles mesmos. Em alguns países, as autoridades escolares ou os alunos estabeleceram espaços seguros nas escolas onde o *bullying* homofóbico e o assédio não são tolerados, onde os alunos são incentivados a se expressar, e onde o respeito mútuo e a dignidade são promovidos. Em alguns lugares, os espaços seguros também são usados para sessões de acompanhamento com o orientador escolar ou atividades de pares. Está comprovado que os espaços seguros reduzem o isolamento social e melhoram a autoestima e o desempenho acadêmico.¹⁰⁶

Nos EUA, por exemplo, a GLSEN desenvolveu um *kit* espaço seguro para séries finais do ensino fundamental e ensino médio; na China, a Associação de Clubes de Meninos e Meninas de Hong Kong oferece acompanhamento e espaços seguros em escolas e centros para jovens. Nos Países Baixos, organizações de base estabeleceram espaços seguros reais e virtuais chamados de *Jong & Out* para jovens LGBT, com o apoio do governo holandês.

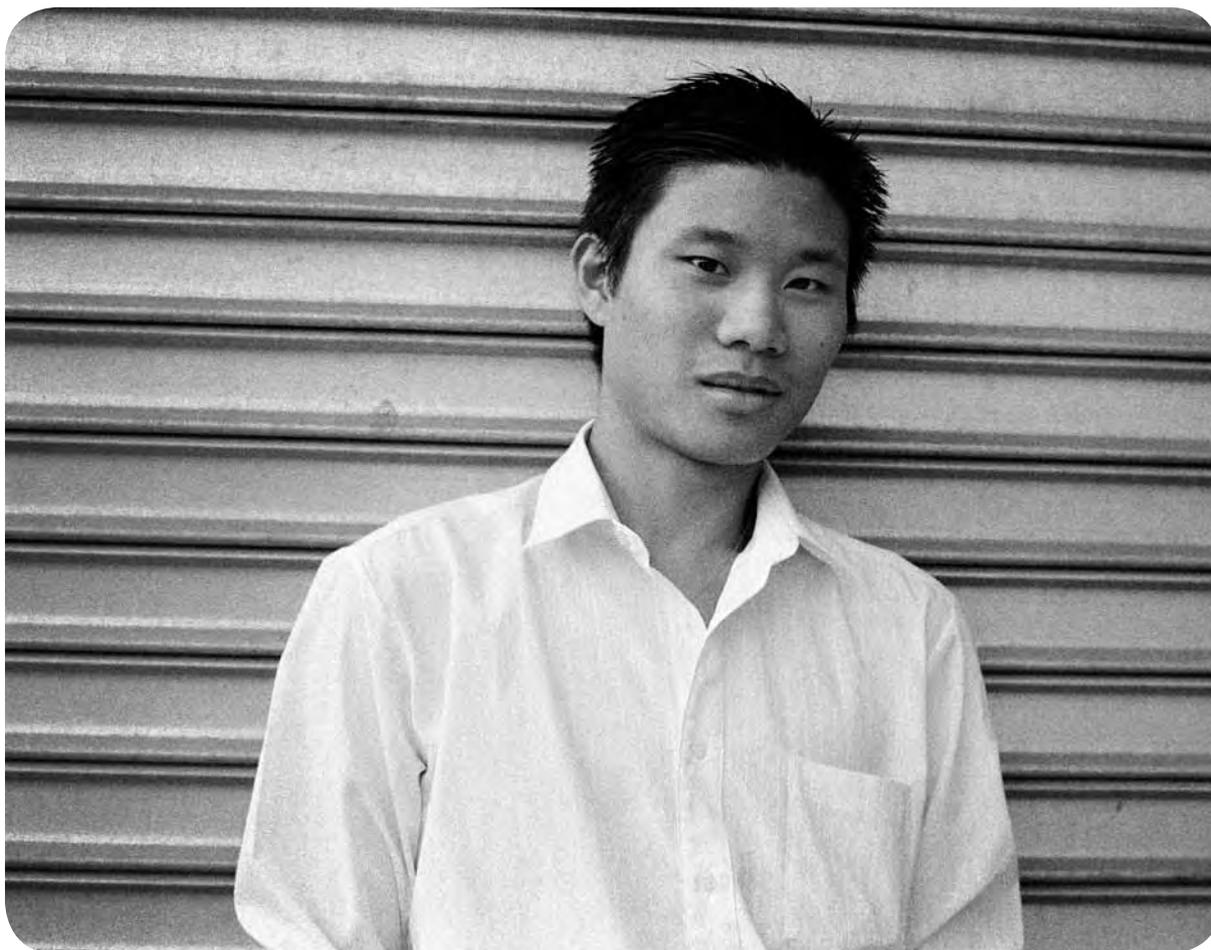
¹⁰⁶ MAYBERRY, M. School reform efforts for lesbian, gay, bisexual, and transgendered students. *The Clearing House*, v. 79, n. 6, p. 262-264, 2006; RUSSELL, S. et al. *LGBT student safety: steps schools can take*. San Francisco: California Safe Schools Coalition, 2006. (California Safe Schools Coalition Research Brief; 3); HARRIS INTERACTIVE; GLSEN. *From teasing to torment School climate in America, a survey of teachers and learners*. New York: GLSEN, 2005.

Estratégias para a criação de um ambiente de apoio incluem medidas tomadas pelos professores na sala de aula, e outras tomadas pelos próprios alunos. Dentro da sala de aula ou fora dela, os professores podem desempenhar um papel fundamental ao contestar os comentários homofóbicos e a agressão verbal. A GLSEN desenvolveu um manual de orientação para professores sobre a campanha *ThinkB4YouSpeak* [Pense antes de falar], que trata de apelidos homofóbicos no ambiente escolar. A *Stonewall*, no Reino Unido, implementou um programa para enfrentar os comentários homofóbicos em escolas do ensino fundamental. Na Nova Zelândia, um *kit* de ação escolar oferece dicas práticas para ajudar os professores a criar um ambiente seguro e de apoio na sala de aula (ver a Caixa 12).

Caixa 12: Dicas práticas para a criação de um ambiente seguro e de apoio na sala de aula

- Estabelecer regras sobre apelidos pejorativos e conectá-las às políticas *antibullying* em vigor.
- Lidar com todo e qualquer uso de apelido pejorativo imediatamente.
- Não fazer suposições sobre a sexualidade ou identidade de gênero dos alunos.
- Evitar o uso de termos negativos.
- Durante as aulas, citar pessoas que são um exemplo a ser seguido.

Fonte: NEW ZEALAND AIDS FOUNDATION; OUT THERE; RAINBOW YOUTH. *Safety in our Schools: an action kit for Aotearoa New Zealand schools to address sexual orientation prejudice*. Wellington: OutThere, 2004.



Os alunos em si podem ter um papel importante no combate ao *bullying* homofóbico (ver também a seção “Apoio aos alunos”). Os professores podem trabalhar com os alunos para desenvolver um código de conduta para a sala de aula, mostrando o que é aceitável e o que pode machucar alguém ou perturbar a aula. Também é possível envolver os alunos no estabelecimento de regras (ver a Caixa 13).

Em algumas escolas os alunos organizaram campanhas *antibullying*, com frequência conectadas a eventos sobre direitos humanos, entre outros. No Reino Unido, uma escola de Londres com alunos sobretudo muçulmanos criou um partido *antibullying* com o objetivo de desenvolver um programa para o mês da história LGBT. Com o apoio dos gestores escolares, os alunos usaram histórias da vida real para conscientizar outros alunos durante assembleias escolares e promover a aceitação das diferenças. Os efeitos foram muito positivos.¹⁰⁷ Outro exemplo é o apoio de pares, inclusive por meio de AGH (ver a seção “Apoio aos alunos”).

Caixa 13: Como envolver os jovens no desenvolvimento de diretrizes

Diretrizes práticas para a inclusão escolar desenvolvidas pelos próprios jovens incluem:

- Educação em direitos humanos
- Educação emocional e sexualidade
- Currículo e materiais de ensino
- Políticas *antibullying* e outras políticas inclusivas
- Acesso a informação e apoio
- Apoio externo e comunitário
- Formação de redes
- Ambiente seguro
- Transversalização
- Democracia escolar

Fonte: IGLYO. *Guidelines for an LGBTQ-inclusive education*. 2007. Disponível em: <http://www.iglyo.com/content/files/educational/IGLYO_Educational-Guidelines.pdf>.

¹⁰⁷ STONEWALL. *Stonewall education guide: working with faith communities*. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/5761.asp>.

4.2 O currículo e sua implementação

Papel dos professores e outros membros da equipe escolar

Os professores são um elemento essencial para assegurar uma resposta eficaz ao *bullying* homofóbico. Eles passam a maior parte do tempo com os alunos e são uma fonte importante de informações precisas. Além disso, são adultos com os quais os jovens podem discutir questões, podem ser exemplos e mentores, e são importantes defensores de ambientes escolares saudáveis. Além de intervir para parar o *bullying*, os professores têm um papel mais amplo na promoção da inclusão e no enfrentamento da discriminação em todas as suas formas. Mas os professores não são os únicos adultos presentes no cenário escolar. Uma pesquisa realizada na Colômbia enfatizou a necessidade de se trabalhar com a comunidade escolar por inteiro, inclusive com os guardas que controlam o acesso à escola.

Estudos mostram que os professores podem ter um papel positivo. O apoio dado por professores a estudantes LGBT está associado a alunos que se sentem mais seguros na escola, perdem menos dias de aula, tiram notas mais altas, têm maiores ambições educacionais e têm uma sensação mais forte de que o lugar deles é na escola.¹⁰⁸ Alunos dos EUA relataram uma maior sensação de segurança e apoio no ambiente escolar quando os professores foram treinados para prevenir a violência e o suicídio motivados por orientação sexual.¹⁰⁹

No entanto, como indivíduos, os professores compartilham os mesmos valores e crenças que a sociedade mais ampla, podendo, consciente ou inconscientemente, transmitir mensagens negativas sobre alunos não conformes às normas de gênero que legitimam o *bullying* homofóbico.¹¹⁰ Essa hipótese é confirmada por evidências que mostram uma menor probabilidade de que os professores intervenham em casos de *bullying* homofóbico do que em outros tipos de *bullying*. Na Europa, 14% dos alunos que tiveram experiências negativas na escola mencionaram que os professores eram a causa ou parte do problema. Alguns alunos descreveram os professores como espectadores passivos que, ao invés de ajudar os alunos que estavam sendo agredidos, pareciam estar do lado dos agressores. Esses alunos mencionaram

professores que “simplesmente não deram ajuda ou orientação”, e “não ofereceram apoio algum”.¹¹¹

Em Israel, alunos relataram ter ouvido comentários difamatórios de funcionários, e mais da metade dos entrevistados disse que os professores nunca intervinham ao presenciar situações de agressão verbal; era mais provável que a intervenção viesse de colegas que de professores.

No Reino Unido, mais de dois em cada cinco professores do ensino médio, e três em dez do ensino fundamental, já ouviram comentários homofóbicos ou negativos sobre pessoas *gays* de outro funcionário. Segundo os relatos, somente 7% dos professores reagem sempre que ouvem um comentário homofóbico.¹¹² Em outra pesquisa, 62% dos alunos *gays* ou lésbicas relataram que nada tinha sido feito ao informarem um incidente de *bullying* homofóbico aos professores.¹¹³

O depoimento a seguir, de um jovem professor *gay* no Brasil que foi vítima de *bullying* na escola, ilustra o impacto nos alunos quando os professores não interferem.

“Aos nove anos eu já sabia que era gay. Fui assediado e atormentado na escola, mas precisava continuar indo pra que minha mãe não fosse presa. Fui pra sete escolas diferentes, porque os professores simplesmente não sabiam como lidar comigo. Achava que ser gay era pecado. Me contaminei com HIV no meu primeiro relacionamento. Depois que saí da escola estudei filosofia e virei professor, porque reconheço a importância da escola na vida de uma criança, e queria fazer uma diferença na vida de outros na mesma situação que eu. Na minha escola há muita indiferença, ou então os outros professores não sabem como lidar com o bullying homofóbico e encaminham os casos pra mim, porque sou mais assertivo e confiante. Isso porque faço a opção de me concentrar no que eu posso fazer, e não naquilo que eu sofri”.

Kleber Fabio de Oliveira Mendes

Às vezes os professores não intervêm porque não reconhecem o problema, ou porque, embora queiram ajudar, não se sentem preparados ou apoiados para lidar com as questões, ou até porque temem que, caso intervenham, possam virar vítimas eles mesmos.

108 KOSCIW, J. G.; GREYAK, E. A.; DIAZ, E. M. Who, What, Where, When, and Why: demographic and ecological factors contributing to hostile school climate for lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *Journal of Youth & Adolescence*, v. 38, n. 7, p. 976-988, 2009; HUNT, R.; JENSEN, J. *The experiences of young gay people in Britain's schools*. Stonewall, UK: The School Report, 2007.

109 RUSSELL, et al. Safe Schools Policy for LGBTQ Students, *Social Policy Report*, v. 24, n. 4, p. 1-24, 2010.

110 O'HIGGINS-NORMAN, J. Straight talking: explorations on homosexuality and homophobia in secondary schools in Ireland. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, v. 9, n. 4, p. 381-393, 2009. O'HIGGINS-NORMAN, J. Equality in the provision of social, personal and health education in the republic of Ireland: the case of homophobic bullying? *Pastoral Care in Education*, v. 26, n. 2, p. 69-81, 2008.

111 TAKACS, J. *Social exclusion of young lesbian, gay, bisexual and transgender people in Europe*. Brussels: ILGA-Europe and IGLYO, 2006

112 STONEWALL. *Homophobic bullying in Britain's schools, the teachers' report*. 2009. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/5761.asp>.

113 DENNEL, B.; PATERSON, E. *Challenging homophobia together, research report and a guide to developing strategic partnerships in education*. Scotland: LGBTI Youth Scotland, 2011.

Na Irlanda, por exemplo, 41% dos professores relataram ter achado mais difícil lidar com o *bullying* homofóbico que com outras formas de *bullying*, seja por medo de virarem alvos, ou pela antecipação de uma resposta negativa por parte de pais, colegas ou administração escolar.¹¹⁴ No Reino Unido, 40% dos funcionários do ensino médio informaram que não se sentem à vontade dando informações, conselhos ou orientações aos alunos sobre questões de diversidade sexual. Somente dois em cada cinco professores secundários e menos da metade (46%) dos professores primários descreveram o seu professor chefe como alguém que demonstra uma clara liderança na resposta ao *bullying* homofóbico.¹¹⁵ Na Suécia, somente 8% dos professores se sentiam adequadamente preparados para lidar com esse tipo de *bullying*.

Lidar com o *bullying* homofóbico não é algo que os professores possam fazer sozinhos. Para obter um resultado positivo, precisam de liderança e apoio das autoridades educacionais e dos diretores escolares. Além disso, os professores precisam estar conscientes do *bullying* homofóbico e do seu impacto na educação e no bem-estar dos alunos.

Formação de professores e materiais pedagógicos

A formação é fundamental para assegurar que os professores tenham suficientes conhecimentos, confiança e habilidades para lidar com o *bullying* homofóbico. Idealmente, a questão deve ser tratada em cursos de formação inicial. Na prática, a maior parte da experiência adquirida até o momento vem de formação em serviço e desenvolvimento profissional continuado. A seção abaixo dá exemplos de iniciativas e materiais pedagógicos. Não só os professores, mas todos os membros da equipe escolar, precisam saber lidar com o *bullying* homofóbico. Receber treinamento e apoio é particularmente importante para orientadores escolares, enfermeiras e representantes de professores e alunos, mas também é importante para a comunidade escolar mais ampla.

No Reino Unido, a campanha de Educação para Todos da *Stonewall* lida com o *bullying* homofóbico nas escolas por meio de ações como levantamentos de professores e alunos e o Índice de Igualdade na Educação, um exercício anual amplo de *benchmarking* para autoridades locais que mostra de que modo devem lidar com o *bullying* homofóbico em suas escolas. Evidências sugerem que os professores são mais efetivos quando sua formação inicial inclui a preparação de discussões de sala de aula sobre diversidade sexual e *bullying*. A *Stonewall* recebeu

financiamento de um órgão de formação docente para produzir um manual para professores de cursos de formação inicial, e oferece cursos de capacitação para formadores.¹¹⁶ No seu Relatório de Professores de 2009, a *Stonewall* mostrou que 90% dos professores secundários e primários acreditam que a equipe escolar deve prevenir e responder ao *bullying* homofóbico, e que as escolas devem abordar temas LGBT por meio de lições específicas. Três em cada quatro professores secundários e dois terços dos professores primários que incluíram questões de orientação sexual em suas aulas relataram uma reação positiva dos alunos, e 95% dos professores que já lidaram com essas questões disseram que o fariam novamente.¹¹⁷

Nos EUA, professores primários que foram treinados para lidar com o *bullying* relataram ter interferido em incidentes de *bullying* e assédio, e a maioria se sente confortável ao fazê-lo. Para ajudar esses professores a inculcar atitudes positivas e respeito pelas diferenças individuais, familiares e culturais, incluindo a diversidade relacionada com orientação sexual e identidade de gênero, a GLSEN desenvolveu um material chamado *Ready, Set, Respect*.¹¹⁸ O recurso ajuda os professores a refletir sobre a sua abordagem para ensinar respeito aos alunos, e inclui exemplos de lições específicas para cada série, com sugestões de inclusão e respostas apropriadas para comportamentos desrespeitosos.

Em 2010, o Instituto Dinamarquês de Direitos Humanos iniciou o projeto *It Takes all Kinds – Fighting Homophobia in Schools* em 10 países da Europa, em um trabalho com ONGs, jovens e professores. O Instituto elaborou um material educacional para professores de escolas primárias e secundárias que inclui métodos didáticos e ferramentas, práticas não discriminatórias, estruturas escolares e mecanismos eficazes para lidar com as queixas.

A GALE também desenvolveu outro material para orientar a formação de professores, que inclui possíveis objetivos da formação, competências (ver a Caixa 14) a serem adquiridas pelos professores e possíveis conteúdos para as aulas de formação (ver a Caixa 15).¹¹⁹

¹¹⁴ NORMAN, J. *A survey of teachers on homophobic bullying in Irish second-level schools*. Dublin: School of Education Studies, Dublin City University, 2004.

¹¹⁵ STONEWALL. *The Teachers' Report*. 2009. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4003.asp>.

¹¹⁶ STONEWALL. *Initial Teacher Training: developing an inclusive programme of study*. 2011. Disponível em: <www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/teacher_training/default.asp>.

¹¹⁷ STONEWALL. *Education for All*. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/default.asp>.

¹¹⁸ GLSEN. *Ready, Set, Respect: Elementary School Toolkit*. New York: GLSEN, 2012.

¹¹⁹ DANKMEIJER, P (Ed.). *GALE Toolkit Working with Schools 1.0: tools for school consultants, principals, teachers, students and parents to integrate adequate attention of lesbian, gay, bisexual and transgender topics in curricula and school policies*. Amsterdam: GALE The Global Alliance for LGBT Education, 2011. Disponível em: <www.lgbt-education.info>.

Caixa 14: Competências de professores

Iniciante:

Conhecimento	Compreende fatos básicos
Atitude	Se acha tolerante
Planejamento	Escolhe um programa
Implementação	Põe em prática o programa
Reflexão	Reconhece os sucessos e os desafios

Avançado:

Conhecimento	Consegue contextualizar os fatos
Atitude	Reconhece a influência das normas heterossexuais de gênero
Planejamento	Escolhe entre uma variedade de programas
Implementação	Desenvolve o seu próprio programa
Reflexão	Aprende com o <i>feedback</i> negativo

Especialista:

Conhecimento	Procura um entendimento mais profundo
Atitude	Explora o seu papel como pivô de mudanças de comportamento
Planejamento	Desenvolve e aprimora métodos
Implementação	Melhora os próprios pontos fracos e treina outras pessoas
Reflexão	Faz avaliações de impacto sistematicamente

A GLSEN também preparou uma estrutura de formação flexível em que os formadores podem escolher entre uma série de exercícios.¹²⁰ Outras organizações também desenvolveram materiais e guias curriculares para uso escolar. Nos EUA, a ONG *Groundspark* produziu uma série de filmes para escolas, de todos os níveis de ensino, que ajudam a começar o debate sobre diversidade e *bullying* em um nível adequado para a idade, com um forte foco na homofobia.¹²¹ Na Espanha, há organizações que produziram materiais para lidar com as questões através de matérias como história e literatura, entre outras.¹²²

A GALE tem enfatizado a necessidade de se monitorar o efeito da formação de professores e a falta de avaliação. O curso de formação docente *Pride and Prejudice*, desenvolvido na Austrália, é um dos poucos exemplos em que foi realizada uma avaliação de impacto sobre os alunos.¹²³ O curso contém um manual e um vídeo para ser exibido nas aulas. Detalha seis aulas que podem ser customizadas de acordo com as necessidades específicas de cada turma. A primeira aula fala sobre diferenças e reações a elas, explorando as diferenças e as atitudes de colegas, e ajuda os alunos a pensar sobre como são diferentes e a relação que isso tem com as suas

experiências com o *bullying*. Outras aulas abordam questões de gênero, experiências e perspectivas de pessoas LGBT, homofobia e como enfrentar a homofobia na escola e na sala de aula. Também na Austrália, a *Safe Schools Coalition*, financiada pelo Estado, oferece cursos de treinamento para professores em escolas do estado de Victoria.

Em 2010, a GLSEN avaliou o programa para educadores de escolas secundárias *Respect for All*, do Departamento de Educação da cidade de Nova York, criado para garantir que cada escola secundária do distrito tivesse pelo menos um funcionário capaz de apoiar estudantes LGBT, e para combater o *bullying* e o assédio homofóbicos. Estudos comprovaram que o treinamento foi efetivo no desenvolvimento de competências para lidar com o *bullying* homofóbico entre educadores, contribuindo, assim, para tornar os ambientes escolares mais seguros para os alunos. Após o treinamento, os educadores demonstraram maior conhecimento da terminologia apropriada, maior consciência sobre como suas práticas podem ter prejudicado os alunos, mais empatia pelos alunos, mais apoio às ações para aumentar a segurança nas escolas, inclusive apoio a AGH, integração das questões no currículo, e maior frequência de intervenção em incidentes de *bullying* homofóbico.¹²⁴

A não intervenção no *bullying* homofóbico costuma ter relação com as dificuldades que muitos professores têm em falar sobre a sexualidade em geral, e particularmente sobre a diversidade sexual, especialmente em sociedades onde estas são questões delicadas. Até mesmo em lugares onde a discussão da sexualidade faz parte do currículo, essa prática pode não ser adotada caso os professores não se sintam suficientemente confortáveis ou preparados.

A formação docente, portanto, precisa lidar com a questão da diversidade sexual. No estado brasileiro de São Paulo, por exemplo, foi desenvolvida uma abordagem inclusiva e transformacional de educação em sexualidade que acolhe a diversidade sexual. Na África do Sul, a ONG GALA fez uma pesquisa de clima em nível nacional sobre homofobia e homossexualidade em escolas secundárias, cujos achados, publicados em 2012, examinam de que modo os currículos podem integrar questões LGBT.

E na Namíbia, o Projeto Arco-Íris oferece oficinas para professores rurais com foco em direitos humanos, onde os temas de diversidade sexual são tratados no contexto desses direitos. As oficinas exploram inclusão e exclusão social e os desafios relacionados com os direitos humanos em geral, incluindo questões que afetam as pessoas LGBT, sob a perspectiva de direitos e com base nas experiências dos professores em si, examinando como os professores podem abordar os direitos humanos na escola.

120 GLSEN. Disponível em: <<http://www.glsen.org/cgi-bin/iowa/all/educator/index.html>>.

121 GROUNDSPARK. Disponível em: <<http://groundspark.org/our-films-and-campaigns/elementary>>.

122 INCLOU Gais i lesbianes en l'educació. Disponível em: <<http://www.arsmm.com/quaderns and Xega>. <http://xega.org/xega/>>.

123 PRIDE and Prejudice. Disponível em: <<http://www.prideandprejudice.com.au/index2.htm>>.

124 GLSEN. GLSEN Report: NYC *Respect for All Trainings Increase Staff Competency at Addressing Anti-LGBT Bullying*. 2010. Disponível em: <<http://www.glsen.org/cgi-bin/iowa/all/news/record/2587.html>>.

Caixa 15: O que deve ser incluído na formação de professores?

O treinamento pode ser oferecido durante a formação inicial ou continuada. Durante a formação inicial, o treinamento pode ser dado por organizações da sociedade civil que trabalhem em parceria com os Ministérios de Educação. Idealmente, o treinamento deve incluir:

- Ambientes escolares seguros e saudáveis
- Direitos humanos, inclusão e não discriminação
- Conscientização quanto ao problema e o impacto da homofobia e do *bullying* homofóbico
- Informações básicas sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual
- Reflexão sobre valores e atitudes pessoais, e como as palavras e as práticas podem contribuir para a homofobia e a discriminação
- Habilidades e competências, incluindo métodos de ensino, ferramentas e atividades práticas de sala de aula
- Práticas não discriminatórias
- Planos de ação práticos
- Prevenção e enfrentamento do *bullying* homofóbico na sala de aula e no ambiente escolar

- Estratégias para lidar com desafios, como situações difíceis de confronto; perguntas difíceis; argumentos religiosos; alunos que possivelmente sejam *gays*, lésbicas, bissexuais ou transgêneros; pais ou líderes comunitários que adotam uma postura crítica; e falta de apoio dos colegas ou da administração escolar.

O que os professores devem ser capazes de fazer, como resultado da formação?

Por meio da formação, os professores devem adquirir conhecimentos, confiança e habilidades para:

- Lidar com o *bullying* homofóbico, incluindo agressão verbal e atitudes desrespeitosas.
- Facilitar discussões em sala de aula sobre sexualidade, diversidade sexual e *bullying*, em nível adequado para a idade dos alunos.
- Ensinar atitudes positivas e respeito às diferenças individuais, familiares e culturais, incluindo a diversidade relacionada com orientação sexual e identidade de gênero.
- Fornecer apoio adequado às vítimas e testemunhas de *bullying*, assim como aos agressores, para que melhorem o seu comportamento.
- Garantir um ambiente escolar seguro.

Integração no currículo

O currículo escolar pode promover o respeito à diversidade ou reforçar a homofobia. Em alguns países, os currículos e materiais pedagógicos e didáticos ainda contêm informações estigmatizantes e discriminatórias sobre diversidade sexual e identidade de gênero. Outros não reconhecem a existência de lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros em absoluto.

Em países onde a homossexualidade é um assunto delicado, ou para alunos mais novos, é preciso remover as informações estigmatizantes e discriminatórias dos currículos e incorporar uma abordagem de direitos humanos que inclua a igualdade e o respeito a todas as pessoas. Em tais contextos, é possível dar aulas que promovam um clima escolar saudável, o que por sua vez reduz a probabilidade de que ocorra *bullying*, incluindo o *bullying* homofóbico.

Idealmente, o currículo deve abordar a homofobia e o *bullying* homofóbico, adotando uma postura de inclusão e apresentando exemplos positivos de pessoas LGBT nos materiais pedagógicos e didáticos.¹²⁵ Currículos que não promovem a inclusão contribuem para a invisibilidade e a marginalização.

No Reino Unido, estudantes *gays*, lésbicas e bissexuais de escolas que ensinam sobre questões que são relevantes para eles têm uma probabilidade bastante maior de se sentirem respeitados e de serem felizes na escola.¹²⁶ Incorporar esses assuntos no ensino também é importante para o resto dos alunos, já que promove o respeito mútuo e a inclusão social.

Com relação à prevenção e ao enfrentamento do *bullying* homofóbico, os seguintes aspectos devem ser considerados nos currículos e materiais didáticos:

- Os currículos existentes e materiais didáticos transmitem mensagens negativas sobre diversidade sexual e identidade de gênero ou reforçam as normas de gênero existentes?
- Em que ponto do currículo devem ser tratadas questões relativas a diversidade sexual, identidade de gênero e *bullying* homofóbico?

Algumas possibilidades são:

- Integração no ensino de habilidades para a vida
- Integração na educação em sexualidade ou educação em saúde
- Integração na educação em direitos humanos, cidadania ou educação cívica
- Transversalização em uma ampla variedade de matérias, como arte, literatura, história, filosofia ou estudos sociais

¹²⁵ IGLYO. *Guidelines for LGBTIQ-inclusive education*. Brussels: IGLYO, 2007. Disponível em: <http://www.iglyo.com/content/files/educational/IGLYO_Educational-Guidelines.pdf>.

¹²⁶ STONEWALL. *The School Report*. 2007. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4004.asp>.

Até que ponto, e em que ponto do currículo essas questões devem ser tratadas, depende do que é viável e prático, e varia de um país para o outro.

Educação em sexualidade

O Relator Especial sobre o Direito à Educação notou que “para ser abrangente, a educação sexual deve prestar especial atenção à diversidade, já que cada qual tem o direito de lidar com sua própria sexualidade”.

Fonte: ACNUDH. *Leis e práticas discriminatórias e atos de violência contra indivíduos com base em orientação sexual e identidade de gênero*: Relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos, nov. 2001.

A Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade¹²⁷ recomenda que um currículo abrangente inclua informações, valores, atitudes e normas sociais, habilidades interpessoais e de relacionamento e responsabilidade. As informações devem incluir a não discriminação, igualdade e papéis de gênero, e diversidade sexual. Os valores, atitudes e normas tratados devem incluir os princípios de tolerância, respeito, direitos humanos e igualdade. Ao ensinar sobre responsabilidade, os professores devem estimular os alunos a assumir a responsabilidade por como se comportam com outras pessoas, mostrando respeito, aceitação, tolerância e empatia por todas as pessoas, independentemente do seu estado de saúde ou orientação sexual.

A Caixa 16, extraída da Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade, ilustra como a educação em sexualidade dirigida a alunos de diversas idades pode lidar com o *bullying* homofóbico.

Caixa 16: Tolerância e respeito

Idade	Objetivos de aprendizado	Ideias-chave
5-8 anos	Definir <i>respeito</i>	<ul style="list-style-type: none"> Os valores de tolerância, aceitação e respeito são chave para relacionamentos saudáveis Cada ser humano é único e valioso e pode contribuir para a sociedade por ser um amigo, ter um relacionamento e dar amor Todo os seres humanos merecem respeito Rir das pessoas é uma coisa nociva
9-12 anos	Definir os conceitos de viés, preconceito, estigma, intolerância, assédio, rejeição e <i>bullying</i>	<ul style="list-style-type: none"> Assediar ou molestar/importunar/perseguir alguém com base em estado de saúde, cor, origem, orientação sexual ou outras diferenças é um desrespeito, uma coisa nociva e uma violação dos direitos humanos O estigma e a discriminação com base em diferenças são violações dos direitos humanos Todos são responsáveis por defender pessoas que estão sendo assediadas ou sofrendo <i>bullying</i>
12-15 anos	Explicar por que estigma, discriminação e <i>bullying</i> são nocivos	<ul style="list-style-type: none"> Estigma e discriminação são nocivos O estigma também pode ser autoinfligido e levar ao silêncio, à negação e ao segredo Todos têm a responsabilidade de se manifestar contra o preconceito e a intolerância Existem mecanismos de apoio para auxiliar pessoas sofrendo estigma e discriminação (como <i>bullying</i> homofóbico)

¹²⁷ UNESCO. *Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. Paris: UNESCO, 2009.

No Kenya, o Centro de Estudos da Adolescência, em colaboração com *Rutgers WPF* e o Ministério da Educação, vem pilotando um amplo programa de educação em sexualidade em escolas secundárias. O currículo aborda a diversidade sexual de uma maneira inovadora e criativa, usando computadores e métodos de ensino participativos para desmistificar a diversidade sexual e abrir espaço para o diálogo e o debate sobre a diversidade sexual. A Caixa 17 mostra parte das informações discutidas no currículo.

Caixa 17: Atração pelo mesmo sexo ou homossexualidade

A adolescência é um período da vida em que muitas pessoas se tornam mais conscientes de sua orientação sexual. Orientação sexual quer dizer por quem uma pessoa sente atração sexual e romântica. A maioria das pessoas sente atração por pessoas do sexo oposto (homens sentem atração por mulheres e mulheres por homens). Sentimentos de atração pelo sexo oposto são chamados de sentimentos heterossexuais. Algumas pessoas sentem atração sexual ou romântica por pessoas do mesmo sexo (alguns homens sentem atração por homens e algumas mulheres sentem atração por mulheres). Essa atração pelo mesmo sexo é chamada de homossexualidade. A maioria das pessoas tem sentimentos, pensamentos, sonhos ou atração sexual por pessoas do mesmo sexo em algum momento da vida. Dois amigos íntimos (duas moças ou dois rapazes) podem ter uma “queda” um pelo outro – gostam de estar juntos e às vezes se sentem fisicamente atraídos um pelo outro. Algumas pessoas continuam sentindo atração somente por pessoas do mesmo sexo. Embora algumas religiões e culturas considerem a homossexualidade errada e anormal, a maioria dos especialistas acredita que as pessoas não conseguem controlar nem a orientação sexual, nem os sentimentos, do mesmo modo que não podem controlar a cor da pele. Em outras palavras, a homossexualidade não é uma escolha que alguém faça deliberadamente. Sendo assim, não pode ser mudada rezando, tendo força de vontade ou transando somente com pessoas do sexo oposto. Algumas pessoas percebem que são homossexuais durante a adolescência. Essa descoberta pode ser bastante difícil. Você pode se sentir muito diferente de todo mundo em sua volta, e pode se sentir muito sozinho. Se você estiver passando por uma situação como essa, tente encontrar alguém com quem conversar, como um orientador especializado em juventude, um profissional de saúde ou professor em quem você confie, ou um parente mais velho – alguém que possa ajudar a responder algumas das suas perguntas ou tranquilizar você.

Adaptado de: FAMILY CARE INTERNATIONAL. *You, Your Life, Your Dreams: a book for adolescents*, 2000.

Em situações onde não for viável começar esse tipo de discussão por meio da educação em sexualidade, pode ser viável abordar o *bullying* homofóbico na educação em direitos humanos, tratando de temas como igualdade, respeito, discriminação e a não aceitabilidade do abuso e da

violência.^{128,129} Em alguns países, pode ser mais adequado enfatizar valores tradicionais como o respeito e o pluralismo. Em Israel, após tomar a decisão de reformar o currículo de educação cívica, o Ministério da Educação pediu à ONG *Hoshen* que desenvolvesse um programa para educar os alunos do ensino médio, com o objetivo de criar um ambiente livre de estereótipos nas escolas. O programa é facilitado pela *Hoshen* e outras ONGs, e inclui voluntários LGBT que visitam as escolas para compartilhar suas experiências.

Outros países transversalizaram essas questões em todo o currículo. No Reino Unido, por exemplo, a *Stonewall* produziu materiais curriculares para escolas do ensino médio que incluem um filme para jovens sobre questões como amizade, assumir a homossexualidade e amadurecer, com um livreto para professores e perguntas para orientar o debate, e um pacote para professores do ensino médio que dão ideias sobre como falar sobre lésbicas, *gays* e bissexuais, e outras questões em uma grande variedade de matérias. Na Irlanda do Norte, o “Manual curricular para a igualdade na educação”¹³⁰ oferece uma série de sugestões práticas para abordar a orientação sexual e a homofobia através de aulas em matérias específicas, como história, geografia, educação religiosa, música, arte e teatro, assim como em assembleias e eventos escolares. Em outros países, há escolas que aproveitam as aulas de alfabetização para promover o debate por meio de atividades como narração de histórias sobre *bullying* homofóbico, enquanto outras usam as aulas de arte para produzir cartazes *antibullying*, por exemplo.

Atividades com alunos mais jovens

Outra questão importante a se considerar é a idade certa para começar a discutir a diversidade sexual, a identidade de gênero e o *bullying* nas escolas, assim como a melhor abordagem para trabalhar com crianças pequenas. As escolas primárias oferecem uma oportunidade para desenvolver atitudes e valores positivos para prevenir o *bullying* homofóbico. Abordagens simples e adequadas à idade podem ser usadas para questões como o uso de comentários derogatórios, a diferença entre um gesto gentil e um gesto que machuca, respeito, estereótipos de gênero e os diferentes tipos de famílias.

Em alguns países, pode haver resistência política ou social para tratar de questões como sexualidade, diversidade sexual e *bullying* homofóbico com alunos mais novos, ou que não atingiram a maioridade sexual. Entretanto, os valores e as

128 OSCE et al. *Curriculum and Human Rights Education in the School Systems of Europe, Central Asia and North America: a compendium of good practice*, Poland: OSCE Office for Democratic Institutions and Human Rights, 2009. Disponível em: <<http://www.hrea.org/pubs/Compendium.pdf>>.

129 WARWICK, I, Douglas. *Safe for all, a best practice guide to prevent homophobic bullying in secondary schools*. London: Education Policy Research Unit, Institute of Education, University of London, 2001.

130 CARA FRIEND AND THE RAINBOW PROJECT. *The Education Equality Curriculum Guide supporting teachers in tackling homophobia in school*. Northern Ireland: Cara Friend and The Rainbow Project, 2011.

atitudes começam a se formar desde cedo. Uma pesquisa da *Stonewall*, no Reino Unido, por exemplo, encontrou casos de *bullying* homofóbico em escolas primárias com crianças de até 10 anos de idade, onde os professores não tinham certeza de como lidar com o problema. Em resposta, a *Stonewall* lançou um projeto para ajudar os professores a implementar e avaliar estratégias para abordar a diversidade sexual e a igualdade em escolas primárias, bem como um programa de prevenção para enfrentar o *bullying* homofóbico. O programa promove “mensagens seguras” sobre o *bullying* e oferece um amplo pacote de recursos, incluindo um *kit* para professores distribuído pelas autoridades locais. Entre as lições aprendidas no processo de desenvolver um currículo para escolas primárias está a importância de se ter apoio do governo em nível nacional e local, dos professores responsáveis e dos pais, procurando oferecer atividades que envolvam os pais e as crianças.

Na Alemanha, a cidade de Berlim está introduzindo o ensino da diversidade sexual em escolas municipais de ensino fundamental, com foco em diferenças, tolerância e aceitação.¹³¹ O Departamento de Educação está desenvolvendo materiais pedagógicos para professores, incluindo livros ilustrados, jogos e um manual.

Em Israel, o projeto de pré-escola da ONG *Hoshen* visa conscientizar administradores escolares e professores sobre famílias não tradicionais e papéis de gênero. Para os professores, a *Hoshen* organiza sessões em cooperação com programas estabelecidos de formação docente e aborda conceitos básicos relacionados com identidade de gênero, orientação sexual e linguagem, junto com recomendações sobre livros adequados e atividades que podem ser usados com crianças pequenas para promover a igualdade e evitar que se reforcem os estereótipos de gênero. O objetivo da *Hoshen* é ajudar professores de pré-escola a lidar com crianças que crescem em famílias não tradicionais.

4.3 Apoio a todos os alunos

Devem ser apoiados:

- Alunos que são vítimas de *bullying*
- Espectadores ou testemunhas de *bullying*
- Autores de *bullying*

Alunos que tenham sido vítimas de *bullying* homofóbico podem precisar de acompanhamento ou outros cuidados profissionais, bem como do apoio de professores, pais e colegas para protegê-los da vitimização repetida.

Além de assumir as consequências pelos seus atos, os autores de *bullying* precisam de acompanhamento e apoio para mudar seu comportamento. É preciso ajudá-los, mostrando-lhes que podem trabalhar com outras pessoas – ajudando-os a

desenvolver habilidades sociais, envolvendo-os em atividades de aprendizagem cooperativa e dando-lhes a oportunidade de exercer poder de uma maneira socialmente aceitável, agir com responsabilidade e interagir construtivamente com todos os seus colegas. Muitas escolas não têm recursos ou pessoal capacitado para oferecer orientação ou acompanhamento. Nesses casos, as escolas devem tentar identificar que recursos externos poderiam usar, e estabelecer sistemas de encaminhamento.

Quando ocorrem incidentes de *bullying*, a maioria dos alunos não são nem autores nem alvos, são espectadores que precisam ser empoderados e educados para intervir e denunciar o *bullying* homofóbico. Alunos que denunciam, ou que ajudam uns aos outros para pôr um fim a um incidente de *bullying*, precisam ser valorizados e reconhecidos. E é preciso que existam meios para protegê-los de qualquer retaliação.

Empoderar os espectadores para que intervenham é fundamental, já que eles podem ser essenciais para prevenir ou parar o *bullying*, enquanto a não intervenção costuma ser vista como uma apologia ao *bullying* e pode acabar escalando o problema. Reconhecendo a extensão da influência que os espectadores têm sobre os agressores, a *Canadian Safe Schools Network*,¹³² por exemplo, vem ensinando os alunos a não ficarem quietos assistindo (ver outras dicas para espectadores na Caixa 18).

Embora existam poucas experiências sobre como trabalhar com os espectadores para que previnam e intervenham em incidentes de *bullying* homofóbico, há muitas experiências com relação ao *bullying* em geral.¹³³ Estas mostram que alunos espectadores podem tanto ajudar quanto atrapalhar. Os que atrapalham são aqueles que instigam ou incentivam o *bullying*, se juntam ao agressor quando começa a agressão, ou aceitam o *bullying* passivamente ao olhar e não fazer nada. Na maioria dos casos, os espectadores incentivam os agressores ao servir de público para os seus atos. Só de estar ali olhando, os espectadores já transmitem a mensagem de que estão interessados, o que dá ao agressor poder e *status*. Os que ajudam, por outro lado, são aqueles que intervêm diretamente, desincentivando o agressor, defendendo a vítima, ou redirecionando a situação para evitar que o *bullying* ocorra. Os espectadores positivos também procuram ajudar obtendo apoio de colegas para enfrentar a situação ou denunciando o *bullying* para um adulto.

Poucos alunos têm a coragem de intervir; alguns não intervêm por medo de se tornarem vítimas, mas as pesquisas mostram que eles podem ser mais eficazes que os adultos, com frequência esfriando rapidamente os ânimos dos envolvidos. Os professores podem discutir com os alunos

¹³² CANADIAN SAFE SCHOOL NETWORK. *Kids Who Witness Bullying*. 2008. Disponível em: <<http://www.canadiansafeschools.com/students/stand/bystander.htm>>.

¹³³ Ver o site do Education Development Center, disponível em: <www.edc.org> para mais informações sobre modos efetivos de prevenir o *bullying*, incluindo o programa *Eyes on Bullying*, o currículo *Aggressors, Victims and Bystanders*, e a campanha *Voices Against Violence*.

¹³¹ PORTAIL GAY. *A Berlin, la lutte contre l'homophobie commence à l'école primaire*. 2011. Disponível em: <<http://www.portailgay.eu/spip.php?article7083>>.

maneiras pelas quais os espectadores podem contribuir para o problema ou para a solução, como decidir quando podem intervir com segurança ou quando devem pedir ajuda de um adulto, e pensar em coisas que podem fazer para ajudar a parar o *bullying*. É importante que fique claro para os alunos que os professores vão ajudá-los, e que a escola não vai tolerar nenhuma forma de *bullying*.

Caixa 18: Dicas para incentivar uma contribuição positiva dos espectadores

- O seu envolvimento faz a diferença
- Tome partido da pessoa que está sendo agredida
- Não se junte ao agressor
- Ajude a vítima a ir embora
- Incentive outros espectadores a ajudar
- Obtenha ajuda de um adulto
- Diga para a vítima que você se sente mal por ela
- Inclua a vítima em atividades

Fonte: Eyes on Bullying. Disponível em: <www.eyesonbullying.org>.

Apoio de professores e serviços escolares

Instituições de ensino podem oferecer um apoio importante, embora as possibilidades variem de uma comunidade para a outra, e dependam dos recursos disponíveis. Dependendo do contexto e das necessidades dos alunos, o apoio adulto pode vir de:

- Professores
- Orientadores educacionais ou enfermeiros
- Assistentes sociais escolares

Muitas pessoas pensam que cabe a orientadores educacionais, enfermeiros escolares ou profissionais da saúde de fora da escola ajudar as vítimas de *bullying* homofóbico. Isso se deve em parte às suas consequências negativas sobre a saúde mental e física dos envolvidos, e em parte a que os professores nem sempre se sentem confortáveis ou confiantes para lidar com a questão. No entanto, as evidências sugerem que jovens LGBT não se consideram doentes e tendem a falar com os professores primeiro. Isso reforça a importância de conscientizar e capacitar os professores, e a necessidade de abordar o *bullying* homofóbico como um problema educacional, não um problema médico. Pode haver exceções, como quando um aluno está deprimido ou vem considerando o suicídio. Nesses casos, um professor pode precisar encaminhar o estudante para um profissional treinado na prevenção do suicídio. Para isso, os professores precisam ser treinados para identificar qualquer sinal de alerta.

Em alguns contextos, orientadores educacionais e assistentes sociais bem treinados podem ajudar os professores a prevenir e lidar com o *bullying*, atuar como mediadores, fornecer apoio psicossocial, trabalhar com os agressores e as vítimas de *bullying* homofóbico, e fazer os encaminhamentos que se façam necessários. A experiência de Vânia, uma jovem

transexual da África do Sul, descrita abaixo, mostra o apoio que pode vir de orientadores educacionais e assistentes sociais.

“Eu nasci com corpo de menino, mas desde cedo queria ser menina. Não conseguia entender por que eu era menino. Não me sentia menino, nunca me senti, e nunca vou me sentir. No 6º ano, fui pra uma escola nova e me fizeram sentir que eu era diferente. Riam de mim por eu gaguejar e por eu ser gay. Mas eu sabia que era diferente dos meus amigos gays, e no 7º ano percebi que era transexual após assistir um programa de televisão. Essa foi a primeira vez que tentei me castrar. Cheguei no ensino médio com uma atitude totalmente diferente da que eu tinha no ensino fundamental. Desde o primeiro dia eu disse pra mim mesma que não iria permitir que ninguém me derrubasse. Tinha uma assistente social na escola que me ajudava a trabalhar meus sentimentos. Quando eu contei pra ela, ela chorou e disse que vinha esperando que eu confiasse nela e contasse. Ela me ajudou a entrar em contato com um psiquiatra, que confirmou que eu era transexual. Também recebi apoio do diretor da escola e da minha mãe, que me aceitou como eu sou e me incentivou a ser eu mesma”.

Vânia

Contudo, como os professores, os orientadores educacionais nem sempre se sentem à vontade para tratar de questões relativas a diversidade sexual ou identidade de gênero, e podem não saber a melhor maneira de apoiar os alunos afetados pelo *bullying* por motivos sexuais ou de gênero.¹³⁴ Nos Países Baixos, a organização *EduDivers* preparou um capítulo sobre acompanhamento de alunos gays e lésbicas para o *National Toolkit for School Counsellors*¹³⁵ e oferece oficinas para orientadores educacionais.

Apoio de pares

É fundamental que os alunos mesmos participem dando apoio aos colegas. Alguns países têm programas de mediação de pares e resolução de conflitos nas

¹³⁴ KERSTEN, A.; SANDFORT, T. *Lesbische en homoseksuele adolescenten in de schoolsituatie*. Utrecht: interfacultaire werkgroep Homostudies, 1994. Disponível em: <<http://www.edudivers.nl/doc/onderzoek/Kersten%20%27Homolesbische%20adolescenten%20in%20de%20schoolsituatie%27%201994.pdf>>.

¹³⁵ DANKMEIJER, P. *Homo-en transseksuele aandachtspunten in de leerlingenbegeleiding*. Leerlingenbegeleiding: Kluwer, 2006.



escolas que treinam os alunos para apoiar uns aos outros, reportar atos de *bullying* e aprender estratégias para resolver conflitos. Outros países, como Austrália, Canadá, Países Baixos, Reino Unido e EUA, apoiam a criação de AGH (ver a Caixa 19). AGH são clubes sediados nas escolas e liderados por estudantes, abertos a todos os alunos independentemente de sua orientação sexual, que visam melhorar o ambiente escolar, contestar a discriminação e o *bullying* homofóbico, e apoiar alunos que possam ser LGBT.

Nos EUA, mais de 3000 AGH foram criadas em escolas secundárias de todo o país desde que o estado de Massachusetts introduziu o *Safe Schools Program* [Programa Escolas Seguras], patrocinado pelo estado, há quase duas décadas, com o objetivo de tornar as escolas seguras para todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero¹³⁶. O *Safe and Healthy LGBT Youth Project* [Projeto Juventude LGBT Segura e Saudável], financiado pelo Centro de Controle de Doenças (CDC) dos EUA, vem trabalhando com 20 órgãos de educação em nível estadual e local para criar espaços mais seguros nas escolas através das AGH. A *GSA Network* [Rede AGH] também lançou o *Make it Better Project* [Projeto Melhorar as Coisas] para que alunos, pais, professores e administradores escolares saibam que existem ações concretas que podem tomar para tornar as escolas mais seguras para todos os alunos. O projeto contém depoimentos em vídeo, ferramentas e outros meios de comunicação para envolver

¹³⁶ GSA NETWORK. Disponível em: <<http://www.gsanetwork.org/>>.

as escolas. Nos Países Baixos, a *GSA Network* tem ajudado a aumentar a consciência de conselhos escolares quanto ao *bullying* homofóbico. Entre outras ações, em dezembro de 2010 introduziu a Sexta-feira Roxa, em que professores e colegas foram convidados a ir pra escola de roupa roxa como uma declaração contra a homofobia. “A sensação foi tão grande que até mesmo o primeiro ministro usou uma gravata roxa naquele dia e fez uma declaração contra a homofobia durante a sua coletiva semanal de imprensa”.

Pesquisas mostram que alunos de escolas que têm AGH informam que se sentem mais seguros, o que faz com que tenham menos probabilidade de perder aula, maior sensação de pertencimento, e que sofram menos assédio. Em algumas escolas, os alunos também tinham uma probabilidade bastante menor de ser vítimas de violência, ameaças ou agressões na escola, ou de faltar aula por medo.^{137,138,139,140} As AGH são ainda mais eficazes quando existe um mandado político e uma abordagem dirigida à escola toda, além de apoio da administração escolar e das comunidades locais.

Caixa 19: Como criar AGH

A *Egale Canada* produziu ferramentas práticas para ajudar alunos de escolas a criar AGH em 10 passos práticos:

- Avalie o ambiente de sua escola
- Siga todas as políticas e diretrizes da escola e do conselho escolar
- Encontre um funcionário da escola para assessorá-lo
- Fale com a administração da sua escola
- Informe os orientadores educacionais, assistentes sociais e outro pessoal de apoio
- Encontre um local para as reuniões
- Estabeleça um plano e diretrizes
- Anuncie o seu grupo
- Forneça incentivos
- Desenvolva atividades

Fonte: *New Equity in Education Resource Kit*. Mais detalhes disponíveis em: <<http://mygsa.ca/en/GSAGuide/>>.

¹³⁷ GOODENOW, C. et al. School support groups, other school factors, and the safety of sexual minority adolescents, *Psychology in the Schools*, v. 43, n. 5, p. 573-589, 2006; O'SHAUGHNESSY, M. et al. *Safe Place to Learn: Consequences of Harassment Based on Actual or Perceived Sexual Orientation and Gender Non-Conformity and Steps for Making Schools Safer*, San Francisco, CA: California Safe Schools Coalition, 2004.

¹³⁸ Veja também: LEE, C. The impact of belonging to a high school Gay Straight Alliance. *High School Journal*, v. 85, n. 3, p. 13, 2002; RUSSELL, S. et al. Youth empowerment and high school Gay Straight Alliances. *Journal of Youth & Adolescence*, v. 38, n. 7, p. 891-903, 2009.

¹³⁹ SZALACHA, L. Safer sexual diversity climates: lessons learned from an evaluation of Massachusetts safe schools program for gay and lesbian learners, *American Journal of Education*, v. 110, n. 1, p. 58-88, 2003.

¹⁴⁰ KOSCIW, J.; DIAZ, E. *2005 National School Climate Survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender youth in our nation's schools*. New York: GLSEN, 2006.

4.4 Parcerias e compromissos

Estabelecer parcerias e compromissos e trabalhar com uma variedade de atores são aspectos fundamentais para enfrentar o *bullying* homofóbico em instituições de ensino. Tais parcerias podem:

- Aumentar a consciência sobre o *bullying* homofóbico e seu impacto na educação e nas escolas.
- Garantir que os professores recebam o apoio de que precisam dos colegas, diretores das escolas e autoridades educacionais.

- Mobilizar apoio de toda a comunidade escolar para ações de combate ao *bullying* homofóbico.
- Mobilizar apoio da comunidade mais ampla para ações de combate ao *bullying* homofóbico.
- Garantir que os esforços para enfrentar o *bullying* homofóbico nas escolas sejam corroborados pela comunidade mais ampla.
- Agregar conhecimentos e experiência de fora da área de educação.

O exemplo a seguir destaca o valor de coalizões que reúnem um conjunto de atores da área de educação para lidar com a questão do *bullying* homofóbico.

A Rede contra a LGBTfobia em Instituições de Ensino (Collectif éducation contre les LGBTphobies en milieu scolaire) compreende nove sindicatos e associações nacionais que representam a maioria dos atores da área de educação da França, inclusive os principais sindicatos de educadores, tanto do setor público, quanto do setor privado¹⁴¹; uma das duas associações nacionais de pais¹⁴²; o maior grêmio estudantil universitário do país (UNEF); e dois grêmios estudantis do ensino médio¹⁴³. Quando a Rede foi criada, em 2004, havia pouca consciência da discriminação por motivos de orientação sexual e identidade de gênero no setor educacional, e não existiam políticas e programas nacionais para combatê-la. Alguns indivíduos comprometidos começaram a conscientizar as pessoas em suas respectivas organizações, como explica o coordenador da Rede: “Nossas organizações não são um ambiente hostil. Mas é preciso informar as pessoas sobre essas questões”. Em pouco tempo, as várias organizações perceberam que poderiam ir mais longe se juntassem suas forças. Contudo, na primeira vez que a Rede solicitou uma reunião com o Ministério da Educação, em 2005, seus representantes foram encaminhados para conversar com assessores da área de saúde e deficiências do Ministério, o que mostra o pouco conhecimento que as autoridades tinham sobre a homofobia na época.

Mudar as percepções e atitudes do Ministério e das organizações da Rede tem sido um processo lento. A Rede só foi conseguir se reunir diretamente com o ministro da Educação em 2009. As atividades desenvolvidas incluem: elaboração de um panfleto sobre bullying homofóbico e resposta à homofobia divulgado para educadores, pais e alunos através das nove organizações da Rede; oficinas de conscientização para os membros das organizações; um trabalho de consultoria com as autoridades francesas, incluindo o Ministério da Educação e o Ouvidor; e trabalho em colaboração estreita com ONGs LGBT. A Rede também apoiou uma pesquisa para avaliar uma campanha realizada em 2010 pelo Ministério da Educação em escolas secundárias para promover uma linha telefônica de ajuda para jovens atraídos pelo mesmo sexo, ou com dúvidas quanto ao próprio gênero. Segundo o coordenador da Rede, tem havido algumas conquistas. “Pelo menos agora as pessoas falam sobre a questão da homofobia nas escolas, e a Rede é frequentemente contatada pela mídia... a necessidade de lidar com a homofobia foi incluída em um memorando administrativo enviado a todas as instituições de ensino em 2008 e 2009. No entanto, as conquistas têm sido muito poucas: a avaliação da campanha de 2010 mostrou que só algumas poucas escolas decidiram pendurar cartazes e distribuir panfletos, e as que o fizeram os penduraram na enfermaria...”.

¹⁴¹ Fep-CFDT, Ferc-CGT, FSU, Sgen-CFDT, UNSA Education.

¹⁴² FCPE.

¹⁴³ FIDL and UNL.

Pais, comunidades e líderes religiosos, associações de pais e mestres, organizações da sociedade civil, sindicatos de professores e a mídia são todos parceiros importantes. Os exemplos a seguir ilustram por que e como eles podem contribuir.

Pais e comunidades

Os pais e a sociedade em geral têm uma grande influência no desenvolvimento dos valores e atitudes que as crianças e os jovens têm sobre a sexualidade. O apoio dos pais e da comunidade também é fundamental para que as instituições de ensino contestem a homofobia e o *bullying* homofóbico.

Os Ministérios da Educação e as escolas podem se mostrar relutantes em levantar a questão, especialmente em contextos sociais mais conservadores, devido à preocupação de que essa atitude possa ser interpretada como promoção da homossexualidade. No entanto, lutar contra o *bullying* homofóbico é do interesse de todos os pais, já que “nenhum pai quer que seu filho ou outras crianças sejam alvo de *bullying* [...] do mesmo modo que nenhum pai quer que seu filho seja um agressor”.¹⁴⁴ Além disso, os pais muitas vezes terminam sendo mais favoráveis ao enfrentamento do problema do que os educadores esperavam, especialmente quando tomam consciência da extensão e do impacto do *bullying* homofóbico. Na Irlanda, por exemplo, 90% dos pais se posicionaram a favor da inclusão de questões relacionadas à homofobia e 82% a favor de inclusão de questões relacionadas à orientação sexual no currículo escolar pós-primário.¹⁴⁵

Pais de alunos LGBT precisam ser orientados para entender e apoiar seus filhos, e para lidar com o *bullying* homofóbico na escola. Como disse a mãe da Vânia: “Como mãe eu teria adorado saber sobre as diferenças de gênero e orientação sexual, porque a maioria das pessoas só sabe que tem meninas e meninos. A gente não tem um conhecimento mais amplo do assunto, então, como mãe, eu acho que a gente precisa aprender mais, especialmente sobre como tratar essas crianças, especialmente com relação aos seus sentimentos emocionais. A minha mensagem para as outras mães seria: por favor, deixem seus filhos ser quem eles são”.¹⁴⁶

Para conseguir apoio dos pais, é preciso desenvolver atividades educacionais e de extensão. Em contextos mais difíceis, como naqueles em que a homossexualidade é ilegal ou um assunto delicado, é preciso enfatizar o direito a um ambiente de aprendizagem seguro, e a necessidade de rejeitar qualquer forma de discriminação. Uma série de iniciativas desenvolvidas

pelos próprios pais e por ONGs tem procurado aumentar a consciência dos pais sobre o *bullying* homofóbico e dar apoio aos pais de jovens alunos LGBT. Por exemplo:

- No México, a ONG FUNSEVIDA, que começou como um grupo de apoio para pais, familiares e amigos, produziu um vídeo com o apoio da Secretaria de Educação do estado de Veracruz chamado *Homofobia y VIH: Madres y Padres Hablan* [Homofobia e HIV: Mães e Pais Falam], que inclui depoimentos de pais, e implementou um projeto sobre como reconhecer o *bullying* homofóbico, e o que fazer a respeito, em seis escolas da cidade de Jalapa. Mais de 50 oficinas já foram realizadas para professores, funcionários e pais de alunos de escolas secundárias, e há planos de oferecer outras.
- No Vietnã, o site Pais e Amigos de Lésbicas e Gays visa criar um ambiente de apoio para pais e amigos de jovens LGBT, ajudando-os a ajudar os seus filhos. Segundo relatou a mãe de um filho homossexual “*Nós, pais, deveríamos ser um pouco mais tolerantes e ter a mente mais aberta. Devemos aceitar aquilo que não podemos mudar. A aceitação vai nos ajudar a enxergar... coisas que incentivam a empatia entre pais e filhos, e com isso os pais seriam capazes de aconselhar os seus filhos quanto a como levar uma vida melhor e mais útil*”.

É igualmente importante que as escolas procurem incluir todos os pais, assim como todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Esses pais também podem ser parceiros importantes nos esforços para combater a homofobia e o *bullying* homofóbico nas instituições de ensino. Por exemplo:

- Nos EUA, a *Welcoming Schools* é uma iniciativa desenvolvida por pais e educadores para responder às necessidades de alunos cujas estruturas familiares não estão bem representadas ou incluídas nos ambientes escolares. A iniciativa tem por objetivo lidar com a diversidade familiar, estereótipos de gênero e agressão verbal nas escolas. A *Welcoming Schools* fornece a educadores, pais e responsáveis lições, ferramentas e outros recursos para criar ambientes de aprendizagem onde os alunos se sintam acolhidos e respeitados. A pedra angular do programa, o manual *Welcoming Schools Guide*, baseia-se em uma pesquisa que mostra as ligações entre desempenho acadêmico, bem-estar emocional e um clima escolar inclusivo. O programa foi testado e avaliado em distritos escolares de três estados, e terá uma ampla divulgação.¹⁴⁷
- Em Quebec, Canadá, o governo provincial financiou a Coalizão de Famílias Homoparentais com o objetivo de desenvolver uma campanha para lidar com a intolerância contra famílias de gays e lésbicas. A campanha inclui informes para pais e professores e recursos para alunos, e já formou 3.500 educadores em 700 instituições de ensino.

¹⁴⁴ GLEN. *Lesbian, gay and bisexual students in post-primary schools, guidance for principals and school leaders*. New York: GLEN, 2001.

¹⁴⁵ McCORMACK, Orla; GLEESON, Jim. Attitudes of parents of young men towards the inclusion of sexual orientation and homophobia on the Irish post-primary curriculum. *Gender and Education*, v. 22, n. 1.4, p. 385-400, 2010.

¹⁴⁶ MORGAN, R.; WELLBELOVED, J.; MARAIS, C. (Ed.). *Trans: Transgender Life Stories from South Africa*. Johannesburg: Jacana, 2009.

¹⁴⁷ WELCOMING SCHOOLS. *The Welcoming Schools Guide*. Disponível em: <<http://www.welcomingschools.org/about/>>.

Líderes religiosos também podem dar um apoio considerável às ações de combate ao *bullying* homofóbico nas escolas. No Reino Unido, a *Stonewall* conseguiu o apoio de líderes religiosos, incluindo o arcebispo de Canterbury, que afirmou que "O preconceito e a violência contra as pessoas LGBT é um pecado e uma desgraça".¹⁴⁸

Em uma escola secundária católica da França, um aluno gay realizou uma exposição sobre o Dia Internacional Contra a Homofobia, com o apoio da administração. A reação da diocese não foi negativa, e o vice-diretor da escola explicou que os fundadores da escola tinham o objetivo de acolher a todos os alunos, refletindo esse compromisso de modo concreto, a cada dia.

Fonte: Le Monde Magazine, 11 de junho de 2011.
Contre l'homophobie, un lycée catholique mobilisé.

Sociedade civil

Em muitos países, o combate ao *bullying* homofóbico em instituições de ensino teve uma participação pioneira de organizações da sociedade civil, que desenvolveram ações de pesquisa, defensoria, conscientização e formulação de políticas.

Organizações da sociedade civil trabalham em parceria com Ministérios de Educação em uma série de países para conscientizar, desenvolver políticas públicas e diretrizes, oferecer formação para professores e apoiar os alunos. Por exemplo:

- Nos EUA, a organização educacional GLSEN colaborou com coalizões partidárias locais, estaduais e nacionais, e elegeu políticos com a tarefa de desenvolver leis e políticas públicas abrangentes para proteger o acesso à educação de alunos específicos, inclusive com relação a orientação sexual e identidade de gênero, real ou percebida.
- A rede *Pacific Sexual Diversity Network* vem desenvolvendo estratégias para lidar com o *bullying* homofóbico nas instituições de ensino em colaboração com Ministérios da Educação de Fiji, Samoa e Tonga, e realiza oficinas para professores.
- Na Irlanda, a ONG *BeLonG To* trabalhou em parceria com a Associação Nacional de Sindicatos de Diretores e Professores, a Associação Nacional de Pais, o Gabinete do Presidente, a Autoridade para a Igualdade e o Departamento da Criança e da Juventude, desenvolvendo ações conjuntas para lidar com o *bullying* homofóbico. A *BeLonG To* também trabalhou em parceria com o Departamento da Criança

e da Juventude para elaborar diretrizes de combate à homofobia, e com a Rede de Igualdade de Gays e Lésbicas e o Departamento de Educação para capacitar professores e criar um programa que será incorporado na educação em sexualidade e relacionamentos. Em 2010, 3.500 professores foram treinados. A campanha *Stop Homophobic Bullying in School* [Acabe com o *Bullying* na Escola], lançada pelo ministro da Educação, foi implementada em parceria com a Autoridade para a Igualdade. A campanha também recebeu apoio do presidente da Irlanda. A parceria com a Unidade Central de Políticas Públicas do Departamento de Educação tem sido fundamental para comprometer o governo com o combate ao *bullying* homofóbico nas escolas.

- Na África do Sul, a GALA e a *OUT LGBT Wellbeing* treinaram funcionários do Departamento de Educação da Província de Gauteng, além dos professores responsáveis pelas aulas de orientação para a vida, e trabalharam com alunos em quatro escolas secundárias de Joanesburgo para explorar a diversidade sexual no contexto dos direitos humanos.
- No Vietnã, a *Pioneer for Sexual Rights Alliance* (P4SR) foi fundada em setembro de 2011 e realizou uma série de atividades, entre elas a construção de informações através de um estudo sobre a homofobia, práticas atuais de prevenção da violência e políticas de segurança nas escolas; desenvolvimento de currículos de educação em sexualidade, incluindo a diversidade sexual, para alunos do ensino médio e do ensino superior; organização de uma oficina sobre serviços de acompanhamento e orientação para jovens LGBT e seus pais; compartilhamento de depoimentos sobre experiências de *bullying* homofóbico nas escolas e na comunidade; e conscientização de professores e do público em geral através de exposições, arte performática, exibições em museus e eventos públicos.
- A *LGBT Scotland* desenvolveu um *kit* de ferramentas sobre parcerias entre ministérios de educação e ONGs para combater a homofobia nas escolas. Também está implementando o projeto *Challenging Homophobia Together* [Enfrentando a Homofobia Juntos] na Escócia, que visa reduzir a homofobia e o *bullying* homofóbico nas escolas através de oficinas e aulas interativas com os alunos, formação e um *kit* de ferramentas para professores, apoio para o desenvolvimento de políticas escolares que sejam consistentes com a legislação vigente e as melhores práticas, e apoio para alunos que precisem de informações ou acompanhamento.
- Em Israel, o Ministério da Educação trabalhou em parceria com a ONG *Hoshen*, desenvolvendo atividades para lidar com homofobia e assédio homofóbico. O Ministério recomenda explicitamente que as escolas convidem voluntários da *Hoshen* a compartilhar suas experiências com professores, alunos e orientadores escolares.

Organizações da sociedade civil também implementaram intervenções diretas em universidades e escolas para sensibilizar os alunos e prevenir o *bullying* homofóbico. Algumas, mas não todas, envolvem abordagens de pares, com discussões facilitadas por jovens LGBT. A ONG GALE estima que existam 150 grupos de educação de pares LGBT na Europa, com cerca de 2.000 voluntários atingindo cerca de 400.000 alunos e jovens adultos a cada ano. A

¹⁴⁸ STONEWALL. Stonewall education guide: Oh no! Not the gay thing!, leaflet on religious education. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/the_campaign/default.asp>.

experiência desses grupos sugere que o uso de educação de pares e depoimentos pessoais ajuda a quebrar as imagens estereotipadas e a promover discussões abertas e honestas. No entanto, muitos desses programas foram implementados em uma escala relativamente pequena, e é preciso continuar trabalhando para que sejam totalmente transversalizados nas políticas e práticas. Por exemplo:

- Na China, o Centro de Educação e Cultura Aibai, uma organização LGBT, trabalha em universidades para promover um ambiente de apoio e eliminar a homofobia entre alunos e professores. O Centro Aibai organiza palestras e mostras de filmes em colaboração com grupos de alunos. A iniciativa começou em 2005 na Universidade Florestal de Pequim, com o apoio da Universidade da Cruz Vermelha. Desde então, o Centro já foi convidado a organizar atividades semelhantes em outras 30 universidades. O envolvimento dos próprios alunos tem sido fundamental para o sucesso da iniciativa. Outra organização, o grupo de apoio e direitos *Common Language*, com sede em Pequim, também vem realizando atividades educacionais contra a discriminação e o *bullying* em universidades. Tais esforços vêm ajudando a mudar as atitudes negativas e levaram à criação de uma AGH de jovens alunos que se tornaram os principais organizadores de campanhas *antibullying*.
- Na Turquia, a ONG *Kaos GL* visita universidades atendendo a seus convites para aumentar a consciência dos alunos quanto à homofobia e dar aulas, tendo visitado 19 universidades em 17 cidades em 2011. A *Kaos GL* vem trabalhando de perto com o maior sindicato de professores da Turquia, além de órgãos de consultoria escolar.
- No Chile, a ONG *MUMS* vem realizando oficinas em escolas de Santiago sob os auspícios da prefeitura para abordar o *bullying* e a violência escolar em um contexto de diversidade sexual.¹⁴⁹
- A *ABqueer* é uma associação na Alemanha que recebe apoio do governo para combater o *bullying* homofóbico em escolas primárias e secundárias, desenvolvendo ações nas escolas com os alunos e oferecendo cursos para professores. As intervenções nas escolas usam uma abordagem de pares e discussões facilitadas por jovens LGBT.
- A *GALE* vem trabalhando com diversidade e *bullying* homofóbico nos Países Baixos e em vários outros países, por exemplo, apoiando os parceiros locais para implementar projetos piloto em escolas do Peru, da Colômbia e do Chile.

Uso da mídia

Em alguns países, a mídia vem sendo usada para conscientizar as pessoas sobre homofobia e *bullying* homofóbico nas escolas. Na Irlanda, a campanha *Stand Up!* da ONG *Belong To*¹⁵⁰ usou declarações em vídeo e dramatizações para incentivar alunos e educadores heterossexuais a se erguerem contra a homofobia; os vídeos foram assistidos por mais de 900.000 pessoas.

Para conscientizar o público sobre a diversidade sexual, o Instituto de Estudos sobre Sociedade, Economia e Meio Ambiente do Vietnã oferece sessões de treinamento para chefes de propaganda política, além de cursos para ensinar os jornalistas a escrever artigos mais objetivos sobre as minorias sexuais.

*It Gets Better*¹⁵¹ é um projeto virtual nos EUA que foi criado em 2010 em resposta a uma série de suicídios de adolescentes que sofreram *bullying* por ser *gays*, assumidos ou não. O projeto visa prevenir o suicídio, transmitindo a mensagem de que a vida desses jovens vai melhorar. O projeto vem crescendo rapidamente. Na primeira semana foram mais de 200 *uploads* de vídeos, e na semana seguinte o canal do projeto no *YouTube* atingiu o limite de 650 vídeos. O *site* inclui mais de 22.000 entradas de pessoas de todas as orientações sexuais, incluindo muitas celebridades. Um livro de redações do projeto foi lançado em março de 2011.

Atividades com sindicatos de professores

Na Espanha, os sindicatos de educação oferecem cursos regulares para educadores sobre *bullying* homofóbico e assuntos relacionados. Na Polônia, a Campanha Contra a Homofobia construiu uma forte parceria com o Sindicato Polonês de Professores, que resultou em relatórios e discursos feitos em vários eventos de campanhas, além de acordos para a oferta conjunta de sessões de treinamento.

¹⁴⁹ MUMS (Chile). Disponível em: <www.mums.cl>.

¹⁵⁰ BELONGTO. *Stand Up ! Lets support out LGBT friends (video)*. Disponível em: <www.belongto.org>.

¹⁵¹ IT GETS BETTER PROJECT. Disponível em: <<http://www.itgetsbetter.org/>>.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme disse o diretor-geral adjunto da UNESCO para a Educação no Prefácio desta obra, o *bullying* homofóbico é um problema global. É uma violação de direitos que nos impede de alcançar uma Educação para Todos de qualidade.

Ao oferecer orientações práticas para enfrentar o *bullying* homofóbico e tornar a educação mais segura para todos, este caderno de boas políticas e práticas preenche uma necessidade de professores, gestores, formuladores de políticas e outros atores da área de educação. Enfrentar o *bullying* homofóbico envolve muitos desafios, especialmente em contextos em que a homossexualidade é um assunto delicado ou ilegal. No entanto, há pontos de partida, como políticas públicas e intervenções de enfrentamento da violência e do *bullying* em ambientes educacionais, que oferecem oportunidades para enfrentar o *bullying* homofóbico.

Os exemplos apresentados neste caderno vêm de uma grande variedade de contextos globais, o que mostra que é possível enfrentar o *bullying* homofóbico, dentro e por meio de escolas, em qualquer lugar do mundo.

Reiterando o chamado feito pelo diretor-geral adjunto: convidamos todos a usar este caderno, compartilhá-lo com colegas e parceiros, e dividir suas próprias experiências. Podemos dar um basta ao *bullying* homofóbico, mas somente se decidirmos enfrentá-lo. Esperamos que as sugestões deste caderno possam ajudá-los a tornar o aprendizado mais seguro, e que contribuam para garantir uma educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, M.; SANTO, J. Effects of homophobic versus non-homophobic victimisation on school commitment and the moderating effect of teacher attitudes in Brazilian public schools. *Journal of LGBT Youth*, n. 8, p. 289-308, 2011.

AUSTRALIAN RESEARCH CENTRE IN SEX, HEALTH AND SOCIETY. *How to support sexual diversity in schools: A checklist*. Melbourne: La Trobe University. Disponível em: <<http://www.latrobe.edu.au/arcshs/downloads/arcshs-research-publications/SexualDiversityChecklist.pdf>>.

BEHIND THE MASK. 2010. Disponível em: <<http://www.mask.org.za/homophobia-at-schools>>.

BELONG TO; OMCYA. *Addressing Homophobia: Guideline for the Youth Sector*. 2010. Disponível em: <http://www.dcy.gov.ie/documents/publications/Addressing_Homophobia_270710.pdf>.

BÉRES-DEÁK, R.; RÉDAI, D. *Images of Hungarian teenagers about homosexuals - experiences of a school project*. 2011. Disponível em: <<http://www.sociologija.si/wp-content/uploads/2011/04/Abstrakti.pdf>>.

BONDYOPADHYAY, A.; KHAN, S.; MULJI, K. *From the front line: a report of a study into the impact of social, legal and judicial impediments to sexual health promotion, care and support for males who have sex with males in Bangladesh and India*. Naz Foundation International, 2005.

CACERES, C. et al. *Relatório final: estudio a través de Internet sobre "Bullying", y sus manifestaciones homofóbicas en escuelas de Chile, Guatemala, México y Perú, y su impacto en la salud de jóvenes varones entre 18 y 24 años*, 2011. (mimeo).

CACERES, C. et al. *Review of legal frameworks and the situation of human rights related to sexual diversity in low and middle-income countries*. Geneva: UNAIDS, 2009.

CANADIAN SAFE SCHOOL NETWORK. *Kids Who Witness Bullying*. 2008. Disponível em: <<http://www.canadian safeschools.com/students/stand/bystander.htm>>.

CARA FRIEND AND THE RAINBOW PROJECT. *The Education Equality Curriculum Guide Supporting teachers in tackling homophobia in school*. Northern Ireland: Cara Friend and The Rainbow Project, 2011.

CAROLAN, F.; REDMOND, S. *The needs of young people in Northern Ireland who identify as lesbian, gay, bisexual and/ or transgender (LGBT)*. Belfast: Youthnet, 2003.

CHINA. Court of Appeals. *Leung TC. William Roy v. Secretary of Justice*. 4 HKLRD 211. Hong Kong, SAR, China, Court of Appeals, 2006.

CLEMENTS-NOLLE, K. et al. Attempted suicide among transgender persons: The influence of gender-based discrimination and victimisation. *Journal of Homosexuality*, v. 51, n. 3, p. 53-69, 2009.

COHEN, J. et al. School Climate: Research, Policy, Teacher education and Practice. *Teachers College Record*, v. 111, n. 1, p. 180-213, 2009.

COUNCIL OF EUROPE. *Report on Discrimination on Grounds of Sexual Orientation and Gender Identity in Europe*. 2.ed. Paris: Council of Europe, 2011.

CURRIE, C. et al. (Eds). *Health Behaviour in School-aged Children international report from the 2005/2006 survey*. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2008.

DANKMEIJER, P. *Gerapporteerde onveiligheid door homojongeren vergeleken met heterojongeren*. Amsterdam: Empowerment Lifestyle Services, 2001.

DANKMEIJER, P. *Homo-en transseksuele aandachtspunten in de leerlingenbegeleiding*. Leerlingenbegeleiding:

Kluwer, 2006. Disponível em: <http://www.edudivers.nl/doc/peters_publicaties/Dankmeijer%20%27Gerapporteerde%20onveiligheid%20door%20homojongeren%20vergeleken%20met%20heterojongeren%27%20%282001%29.pdf>.

DANKMEIJER, P (Ed.). *GALE Toolkit Working with Schools 1.0: tools for school consultants, principals, teachers, learners and parents to integrate adequate attention of lesbian, gay, bisexual and transgender topics in curricula and school policies*. Amsterdam: GALE The Global Alliance for LGBT Education, 2011.

DENNEL, B.; PATERSON, E. *Challenging homophobia together, research report and a guide to developing strategic partnerships in education*. Scotland: LGBTI Youth Scotland, 2011.

DUBEL; HIELKEMA (Eds). *Gay and lesbian rights are human rights*. The Hague: HIVOS, 2010. EDUCATION DEVELOPMENT CENTER. Disponível em: <www.edc.org>.

EDUCATION INTERNATIONAL. *Schools Shall be Safe Sanctuaries: A Declaration by Education International*. 2009. Disponível em: <http://download.ei-ie.org/Docs/WebDepot/2009_leaflet_Schools-As-Safe-Sanctuaries_en.pdf>.

FRIDAE. 2010. Disponível em: <<http://www.fridae.org/newsfeatures/2010/08/13/10223.hong-kong-ngo-fights-homophobia-in-schools>>.

GALAN et al. Achieving real equality: a work in progress for LGBT youth in Spain. *Journal of LGBT Youth*, v. 6, n. 2, p. 272-287, 2009.

GAY AND LESBIAN NETWORK. *Homophobia in schools in Pietermaritzburg*. Pietermaritzburg: Gay and Lesbian Network, 2011.

GAY JAPANNEWS, GLOBAL RIGHTS et al. *The violations of the rights of lesbian, gay, bisexual and transgender persons in Japan: a shadow report submitted to the Human Rights Committee*. 2008. Disponível em: <<http://www.iglhr.org/binary-data/ATTACHMENT/file/000/000/159-1.pdf>>.

GEIGER, B.; FISCHER, M. Will Words Ever Harm Me? Escalation from Verbal to Physical Abuse in Sixthgrade Classrooms. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 21, n. 3, p. 337-57, 2006.

GLEN. Department of Education and Science. *Lesbian, gay and bisexual students in post-primary schools, guidance for principals and school leaders*. Ireland: GLEN, 2001.

GLSEN. *National school climate survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nations schools*. New York : GLESEN, 2009.

GLSEN. *GLSEN Report: NYC Respect for All Trainings Increase Staff Competency at Addressing Anti-LGBT Bullying*. 2010. Disponível em: <<http://www.glsen.org/cgi-bin/iowa/all/news/record/2587.html>>.

GLSEN. *Ready Set, Respect: elementary school toolkit*. New York: GLESEN, 2012.

GLSEN; HARRIS INTERACTIVE. *Playgrounds and Prejudice: Elementary School Climate in the United States; a survey of students and teachers*. New York: GLESEN, 2012.

GOODENOW, C. et al. School support groups, other school factors, and the safety of sexual minority adolescents, *Psychology in the Schools*, v. 43, n. 5, p. 573-589, 2006.

GREEN, M. Bullying in Schools: A Plea for a Measure of Human Rights. *Journal of Social Issues*, v. 62, n. 1, p. 63-79, 2006.

GREYTAK, E. et al. *Harsh realities: the experiences of transgender youth in our nation's schools*. New York: GLESEN, 2009.

GROUNDSPARK. Disponível em: <<http://groundspark.org/our-films-and-campaigns/elementary>>.

HARRIS INTERACTIVE; GLESEN. *From teasing to torment: School climate in America, a survey of teachers and learners*. New York: GLESEN, 2005.

HELEM. Disponível em: <<http://www.helem.net/>>.

HENDRICKSON, M. You have to be strong to be gay: Bullying and educational attainment in LGB New Zealanders. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, v. 19, n. 3/4, p. 67-85, 2007.

HILLIER, A.; TURNER, A.; MITCHELL, A. *Writing themselves in again: 6 years on; the 2nd national report on the sexual health & well-being of same sex attracted young people in Australia*. Melbourne: Australian Research Centre in Sex, Health and Society (ARCSHS), La Trobe University, 2005.

HILLIER et al. *Writing themselves in 3: the third national study on the sexual health and well-being of same sex attracted and gender questioning young people*. Melbourne: Australian Research Centre in Sex, Health and Society (ARCSHS), La Trobe University, 2010.

HUNT, R.; JENSEN, J. *The experiences of young gay people in Britains schools: the school report*. UK: Stonewall, 2007.

INCLOU Gais i lesbianes en l'educacio. Disponível em: <<http://www.arsmm.com/quaderns and Xega>>; <<http://xega.org/xega/>>.

IGLYO. *Guidelines for LGBTIQ-inclusive education*. Brussels: IGLYO, 2007. Disponível em: <http://www.iglyo.com/content/files/educational/IGLYO_Educational-Guidelines.pdf>.

INSTITUTE OF EDUCATION SCIENCES. Indicators of School Crime and Safety. 2009. Disponível em: <http://nces.ed.gov/programs/crimeindicators/crimeindicators2009/ind_11.asp>.

INTERNATIONAL COMMISSION OF JURISTS. *Yogyakarta Principles: principles on the application of international human rights law in relation to sexual orientation and gender identity*. 2007. Disponível em: <http://www.yogyakartaprinciples.org/principles_en.pdf>.

IRELAND. Government of Ireland. *Charting Our Education Future*. Dublin: Governement Publications, 1995. JENNETT, M. *Stand up for us, challenging homophobia in schools*. UK: Department of Health, 2004.

JOLLY, S. *Poverty and sexuality: what are the connections? Overview and literature review*. Stockholm: SIDA, 2010.

- JONES, N. et al. *Painful lessons: the politics of preventing sexual violence and bullying at school*. Working/Londres, Plan/Overseas Development Institute, 2008. (Working paper; 295).
- JONES, T. *Sexual subjects: GLBTIQ student subjectivities in Australian Education Policy*. 2011. Tese (Doutorado) – La Trobe University.
- JUVONEN, J.; GROSS, E. F. Extending the school grounds? - Bullying experiences in cyberspace. *J Sch Health*, v. 78, n. 9, p. 496-505, 2008.
- KERSTEN, A.; SANDFORT, T. *Lesbische en homoseksuele adolescenten in de schoolsituatie*. Utrecht: Interfacultaire Werkgroep Homostudies, 1994. Disponível em: <<http://www.edudivers.nl/doc/onderzoek/Kersten%20%27Homolesbische%20adolescenten%20in%20de%20schoolsituatie%27%201994.pdf>>.
- KESSEL; SCHNEIDER et al. Cyberbullying, School Bullying, and Psychological Distress: a regional census of high school students. *American Journal of Public Health*, v. 102, n. 1, p. 171-177, 2012.
- KEUZENKAMP, S. *Steeds gewoner, nooit gewoon: acceptatie van homoseksualiteit in Nederland*. Den Haag: Sociaal en Cultureel Planbureau, 2010.
- KIM, Y. S. Bullying and suicide: a review. *Int J Adolesc Med Health*, v. 20, n. 2, p. 133-154, 2008.
- KIMMEL, M.; ARONSON, A. *Men and Masculinities: a social, cultural, and historical encyclopedia*. California: ABC-CLIO, 2003.
- KOSCIW, J.; DIAZ, E. *2005 National School Climate Survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender youth in our nation's schools*. New York: GLSEN, 2006.
- KOSCIW, J. G.; GREYTAK, E. A.; DIAZ, E. M. Who, What, Where, When, and Why: Demographic and Ecological Factors Contributing to Hostile School Climate for Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth. *Journal of Youth & Adolescence*, v. 38, n. 7, p. 976-988, 2009.
- LE MONDE Magazine, 11 Jun. 2011.
- LEE, C. The impact of belonging to a high school Gay Straight Alliance. *High School Journal*, v. 85, n. 3, p. 13, 2002.
- LGBT YOUTH SCOTLAND. *Challenging homophobia together, research report and a guide to developing strategic partnerships in education*. Scotland: LGBT Youth, 2011.
- MAYBERRY, M. School reform efforts for lesbian, gay, bisexual, and transgendered students. *The Clearing House*, v. 79, n. 6, p. 262-264, 2006.
- MAYOCK, P. et al. *Supporting LGBT lives: a study of the mental health and well-being of lesbian, gay, bisexual and transgender people*. Ireland: BeLonG To & GLEN, 2009.
- McCORMACK, Orla; GLEESON, Jim. Attitudes of parents of young men towards the inclusion of sexual orientation and homophobia on the Irish post-primary curriculum. *Gender and Education*, v. 22, n. 1.4, p. 385-400, 2010.
- McFARLAND, W. The legal duty to protect gay and lesbian learners from violence in school. *Professional School Counseling*, v. 4, n. 3, p. 171-180, 2001.
- MINTON et al. An exploratory survey of the experiences of homophobic bullying among lesbian, gay, bisexual and transgendered young people in Ireland. *Irish Educational Studies*, v. 27, n. 2, p. 177-191, 2008.
- MISHNA, F. SAINI, M.; SOLOMON, S. Ongoing and online. *Child Youth Serv Rev*, v. 31, n. 12, p. 1222-1228, 2009.
- MORGAN, R.; WELLBELOVED, J.; MARAIS, C. (Ed.). *Trans: Transgender Life Stories from South Africa*. Johannesburg: Jacana, 2009.
- NEPAL. Supreme Court. *Babu Pant and others v Government of Nepal and others*. 2007. Nepal Supreme Court.
- NEW ZEALAND AIDS FOUNDATION; OUT THERE; RAINBOW YOUTH. *Safety in our Schools, an action kit for Aotearoa New Zealand schools to address sexual orientation prejudice*. Wellington: OutThere, 2004.
- NORMAN, J. *A survey of teachers on homophobic bullying in Irish second-level schools*. Dublin: School of Education Studies, Dublin City University, 2004.
- OFSTEAD. The Framework for School Inspection. 2012. Disponível em: <<http://www.ofsted.gov.uk/resources/framework-for-school-inspection-january-2012>>.
- OHCHR. *Discriminatory Laws and Practices and Acts of Violence against Individuals Based on their Sexual Orientation and Gender Identity*. 2011. Disponível em: <http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/19session/a.hrc.19.41_english.pdf>
- O'HIGGINS-NORMAN, J. Equality in the provision of social, personal and health education in the republic of Ireland: The case of homophobic bullying? *Pastoral Care in Education*, v. 26, n. 2, p. 69-81, 2008.

- O'HIGGINS-NORMAN, J. Straight talking: Explorations on homosexuality and homophobia in secondary schools in Ireland. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, v. 9, n. 4, p. 381-393, 2009.
- O'LOAN, S. et al. *Promoting equal Opportunities in Education: project two, guidance in dealing with homophobic incidents*. Edinburgh: Scottish Executive Education Department, 2006.
- OSCE et al. *Curriculum and Human Rights Education in the School Systems of Europe, Central Asia and North America: A Compendium of Good Practice*. Poland: OSCE Office for Democratic Institutions and Human Rights, 2009. Disponível em: <<http://www.hrea.org/pubs/Compendium.pdf>>.
- O'SHAUGHNESSY, M. et al. *Safe Place to Learn: consequences of harassment based on actual or perceived sexual orientation and gender non-conformity and steps for making schools safer*. San Francisco, CA: California Safe Schools Coalition, 2004.
- OLWEUS, D. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *J Child Psychol Psychiatry*, v. 35, n. 7, p. 1171-90, 1994.
- PHILIPPINES. House Bill. *An Act Defining Discrimination on the Basis of Gender Identity and Providing Penalties Therefore*. 1483.
- PINHEIRO, P. S. *World report on violence against children*. Geneva: United Nations Secretary-General's Study on Violence Against Children, 2006. Disponível em: <<http://www.unicef.org/violencestudy/reports.htm>>.
- PIZMONY-LEVY et al. *Journal of LGBT Youth*. v. 5, n. 2, p. 33-61, 2008.
- PORTAIL GAY. *A Berlin, la lutte contre l'homophobie commence à l'école primaire*. 2011. Disponível em: <<http://www.portailgay.eu/spip.php?article7083>>.
- PRIDE and Prejudice. Disponível em: <<http://www.prideandprejudice.com.au/index2.htm>>.
- PUBLIC SAFETY CANADA. *Bullying Prevention in Schools*. Disponível em: <<http://www.publicsafety.gc.ca/res/cp/res/bully-eng.aspx>>.
- REBEYROL, A. et al. *2008 Rapport sur la prévention des discriminations à raison de l'orientation sexuelle en milieu scolaire*. Paris: ministre de l'Éducation nationale, 2010.
- RUSSELL, S. et al. Youth empowerment and high school Gay Straight Alliances. *Journal of Youth & Adolescence*, v. 38, n. 7, p. 891-903, 2009.
- RUSSELL, S. J.; KOSCIW, S. Horn; SAEWYC, E.. *Safe Schools Policy for LGBTQ Students. Social Policy report*; v. 24, n. 4, p. 1-24, 2010.
- RUSSELL, S. et al. *LGBT student safety: steps schools can take*. San Francisco: California Safe Schools Coalition, 2006. (California Safe Schools Coalition Research Brief; 3).
- SALMON, G.; JAMES, A.; SMITH, D. M. Bullying in schools: self reported anxiety, depression, and self esteem in secondary school children. *BMJ*, v. 317, n. 7163, p. 924-925, 1996.
- SMITH, P. et al. (Eds). *Bullying in Schools: how successful can interventions be?* Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- SOS Homophobie, Analyse statistique des résultats de l'enquête sur l'homophobie en milieu scolaire. Disponível em: <http://www.sos-homophobie.org/sites/default/files/analyse_enquete_milieu_scolaire.pdf?q=documents/analyse_enquete_milieu_scolaire.pdf>.
- STONEWALL. *Education for All Campaign*. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/default.asp>.
- STONEWALL. *Homophobic bullying in Britains schools, the teachers' report*. 2009. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/5761.asp>.
- STONEWALL. *Initial Teacher Training: developing an inclusive programme of study*. 2011. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/teacher_training/default.asp>. STONEWALL. *Prescription for change*. 2008. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/documents/prescription_for_change.pdf>.
- STONEWALL. *The School Report*. 2007. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4004.asp>.
- STONEWALL. *Stonewall education guide: Oh no! Not the gay thing!; leaflet on religious education*. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4009.asp>.
- STONEWALL. *The Teachers' Report*. 2009. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4003.asp>.
- STONEWALL. *Working with faith communities. Stonewall education guide*. Disponível em: <http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/5761.asp>.

STOP BULLYING! Canada. Disponível em: <<http://stopbullyingcanada.wordpress.com/statistic/>>.

SZALACHA, L. Safer sexual diversity climates: Lessons learned from an evaluation of Massachusetts safe schools program for gay and lesbian learners. *American Journal of Education*, v. 110, n. 1, p. 58-88, 2003.

TAKACS, J. *Social exclusion of young lesbian, gay, bisexual and transgender people in Europe*. Brussels: ILGA-Europe and IGLYO, 2006.

TAYLOR et al. *Every class in every school: final report*. Toronto: Egale Canada Human Rights Trust, 2011.

TELLJOHANN, S. K.; PRICE, J. H. A Qualitative Examination of Adolescent Homosexuals' Life Experiences: Ramifications for School Personnel. *Journal of Homosexuality*, 26:1, 41-56, 1993. In: O'HIGGINS-NORMAN, J.; GOLDRICK, M.; HARRISON, K. *Addressing Homophobic Bullying in Second-Level Schools*. The Equality Authority, 2010.

UNESCO. *Education For All Global Monitoring Report 2005*. Paris: UNESCO, 2005.

UNESCO. *Homophobia in schools*. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <http://www.ypinaction.org/files/01/94/Homophobia_in_schools.pdf>.

UNESCO. *International Technical Guidance on Sexuality Education: an evidence-informed approach for schools, teachers and health educators*. Paris: UNESCO, 2009.

UNESCO. *Policy guidelines on inclusion in education*. Paris: UNESCO, 2009.

UNESCO. *The Salamanca Statement*. Paris: UNESCO, 1994.

UNESCO. *Stopping Violence in Schools: a guide for teachers*. 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001841/184162e.pdf>>.

UNESCO; UNICEF. *A human rights-based approach to Education for All*. Paris: UNESCO, UNICEF, 2007.

UNITED NATIONS. General Assembly. *Human Rights Council Seventeenth session: follow-up and implementation of the Vienna Declaration and programme of action*. 2011. Disponível em: <http://www.dayagainsthomophobia.org/IMG/pdf/UN_SOGL_Resolution-English.pdf>.

UNITED NATIONS. Secretary General. *Video message to Human Rights Council Meeting on Violence and Discrimination based on Sexual Orientation or Gender Identity*. Mar. 2012. Disponível em: <<http://www.un.org/sg/statements/index.asp?nid=5900>>.

UNITED NATIONS. Secretary General Ban Ki-moon, 8 December 2011. Disponível em: <<http://www.un.org/sg/statements/?nid=5747>>.

UNITED NATIONS. Secretary-General's Study on Violence against Children, 2005: Regional Desk Review; North America. Disponível em: <<http://www.violencestudy.org/r27>>.

UNITED NATIONS. *United Nations Millennium Declaration*. New York: United Nations, 2000.

UPCH-PAHO. *Estudio a través de internet sobre bullying y sus manifestaciones homofóbicas en escuelas de Chile, Guatemala, México y Perú*. 2011. (mimeo).

WARWICK, I.; DOUGLAS. *Safe for all, a best practice guide to prevent homophobic bullying in secondary schools*. London: Education Policy Research Unit, Institute of Education, University of London, 2001.

WELCOMING SCHOOLS. *The Welcoming Schools Guide*. Disponível em: <<http://welcomingschools.org/about/>>.

WORLD EDUCATION FORUM. *The Dakar Framework for Action*. Paris, UNESCO, 2000.

GLOSSÁRIO

Este caderno usa as seguintes definições que, sempre que possível, estão de acordo com as definições da ONU.

Bissexual Um/uma bissexual é uma pessoa que sente atração tanto por homens quanto por mulheres. Alguns homens e mulheres adotam o termo para descrever a sua *identidade*.

Gay O termo se refere a atração sexual, comportamento sexual e identificação cultural com pessoas do mesmo sexo. Contudo, costuma ser usado para descrever homens que sentem atração sexual, e se relacionam intimamente, principalmente com outros homens.

Gênero e sexo O termo *sexo* refere-se a diferenças biologicamente determinadas; já o termo *gênero* refere-se a papéis, comportamentos, atividades e atributos socialmente construídos que uma determinada sociedade considera apropriados para homens e mulheres.

Homofobia Medo, rejeição ou aversão a homossexuais e/ou à homossexualidade, frequentemente expressos por atitudes estigmatizantes ou discriminatórias.

Homossexual/homossexualidade O termo *homossexual* descreve uma pessoa que sente atração sexual por pessoas do mesmo sexo.

Identidade de gênero Refere-se ao sentimento e à experiência individual de gênero de uma pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo de nascimento. Inclui a sensação pessoal do corpo, cuja aparência física ou funcionalidade podem ser modificadas por meios cirúrgicos, médicos ou outros (caso seja da livre vontade da pessoa), além de outras expressões de gênero, como o modo de vestir, falar e gesticular.¹⁵²

Identidade de gênero atípica Sempre que o sentimento profundo e a experiência individual de gênero de uma pessoa, incluindo a sensação pessoal do corpo (ver identidade de gênero), não correspondem ao seu sexo de nascença, pode-se dizer que essa pessoa tem uma identidade de gênero atípica.

Intersexual Uma pessoa que nasce com características sexuais primárias e secundárias masculinas e femininas.

Lésbica As mulheres lésbicas sentem atração sexual e conseguem ter relacionamentos íntimos principalmente com outras mulheres.

Orientação sexual A capacidade de uma pessoa de sentir uma atração profunda e sexual por, e ter relações sexuais e íntimas com, indivíduos de outro gênero, ou do mesmo gênero, ou mais de um gênero.¹⁵³ Por exemplo, homens *gays* sentem atração sexual e são capazes de ter relacionamentos íntimos principalmente com outros homens. Mulheres lésbicas sentem atração sexual, e têm a capacidade de se relacionar intimamente, principalmente com outras mulheres. Indivíduos bissexuais sentem atração tanto por homens quanto por mulheres.

Transexual Uma pessoa transexual é uma pessoa transgênera que está passando ou já passou por um processo de tratamento (que pode incluir cirurgia e terapia hormonal) para fazer com que seu corpo reflita sua preferência de gênero.

Transfobia O termo *transfobia* refere-se ao medo, rejeição ou aversão de transgêneros, incluindo transsexuais e travestis, frequentemente expressos por atitudes estigmatizantes ou discriminatórias.

Transgênero O termo *transgênero* descreve uma pessoa cuja identidade de gênero difere do seu sexo de nascença. Pessoas transgêneras podem passar do masculino ao feminino (aparência feminina) ou do feminino ao masculino (aparência masculina). Podem ainda ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

Travesti Um ou uma travesti é uma pessoa que usa regularmente, mas não constantemente, roupas associadas sobretudo ao gênero oposto ao seu gênero de nascença.

¹⁵² CONSELHO DA EUROPA. *Relatório sobre discriminação sexual e da identidade de gênero na Europa*. 2.ed. Paris: Conselho da Europa, 2011.

¹⁵³ COMISSÃO INTERNACIONAL DE JURISTAS. *Princípios de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero*, 2007. Disponível em: <http://www.yogyakartaprinciples.org/principles_en.pdf>.

Créditos de Fotos:

- p. 11: © UNESCO/Luís Sardá
- p. 13: © 2009 C. Danon-Boileau
- p. 16: © UNESCO/Alberto Jonquières
- p. 19: © UNESCO/Edson Fogaça
- p. 21: © 2003 Niagia Santuah, Courtesy of Photoshare
- p. 25: © 2011 BeLonG To Youth Services, Ireland
- p. 29: © C. Lyttleton
- p. 32: © UNESCO/Edson Fogaça
- p. 34: © 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch
- p. 37: © 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch
- p. 38: © 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/J. Bloch
- p. 47: © BeLonG To Youth Services & The Equality Authority Ireland
- p. 53: © 2005 Gay and Lesbian Memory in Action (GALA)/Z. Muholi

CADERNO

8

**BOAS POLÍTICAS E
PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO
EM SAÚDE E HIV**

Respostas do Setor de Educação ao *Bullying* Homofóbico

Este caderno é o oitavo de uma série de publicações que abordam as principais temáticas do trabalho realizado pela UNESCO na área de Educação em HIV e Saúde, e marca a primeira de várias contribuições para a promoção da saúde no ambiente escolar que a UNESCO irá produzir para complementar o nosso trabalho de educação em HIV e sexualidade. O caderno retrata o contexto, a extensão e o impacto do *bullying* homofóbico, e sintetiza as lições aprendidas e as políticas e práticas bem-sucedidas para uma resposta do Setor de Educação ao *bullying* homofóbico.

O primeiro caderno da série oferece uma visão geral de por que o HIV/Aids é um tema importante para o Setor de Educação, identifica os pontos fracos das políticas e programas do setor público desenvolvidos para dar respostas à situação e destaca as lacunas de evidências existentes. O caderno 2 discute questões que concernem os alunos no contexto do HIV/ Aids, incluindo direitos e acesso à educação, proteção, conhecimentos e habilidades, assim como cuidados e apoio. O caderno 3 trata das questões que concernem os educadores no contexto do HIV/ Aids, como capacitação, conduta, cuidados e apoio. O caderno 4 concentra-se no papel e na importância de parcerias estratégicas para o desenvolvimento das respostas do Setor de Educação ao HIV/ Aids. O caderno 5 enfoca o tema da eficácia da aprendizagem por meio de exemplos ilustrativos. O caderno 6 debate sobre o papel fundamental da formação inicial dos docentes para assegurar a eficácia da educação em sexualidade e da educação preventiva em HIV. O caderno 7 ilustra os vínculos entre gênero, HIV e educação, destacando teorias e experiências atuais, abordagens inovadoras e lições aprendidas, para subsidiar a formulação de políticas e programas públicos.

Este caderno tem como principais públicos-alvo formuladores de políticas, planejadores e gestores do Setor de Educação. Esperamos, ainda, que possa ser útil aos órgãos de gestão e diretores escolares, coordenadores pedagógicos, professores e outros educadores que têm de lidar com alguns dos desafios de criar ambientes saudáveis de aprendizagem.



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Para mais informações sobre o trabalho
da UNESCO em Educação sobre HIV e
Saúde, visite o site <http://www.unesco.org>.



978-83-7652-178-5